UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

FLAVIA VOLTA CORTES DE OLIVEIRA

MULHERES NO JIU-JITSU: PERCEPÇÕES DE ATLETAS DE ELITE SOBRE CARREIRA ESPORTIVA

Campinas
2023

FLAVIA VOLTA CORTES DE OLIVEIRA

MULHERES NO JIU-JITSU: PERCEPÇÕES DE ATLETAS DE ELITE SOBRE CARREIRA ESPORTIVA

Tese apresentada à Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Doutora em Educação Física na área de Educação Física e Sociedade

ORIENTADOR: RENATO FRANCISCO RODRIGUES MARQUES
ESTE TRABALHO CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA TESE
DEFENDIDA PELA ALUNA FLAVIA VOLTA CORTES DE OLIVEIRA,
E ORIENTADA PELO PROF. DR. RENATO FRANCISCO RODRIGUES MARQUES

Campinas
2023

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação Física
Andréia da Silva Manzato – CRB 8/7292

Oliveira, Flavia Volta Cortes, 1981-
OL4m Mulheres no jiu-jitsu : percepções de atletas de elite sobre carreira esportiva / Flavia Volta Cortes de Oliveira. – Campinas, SP : [s.n.], 2023.

Orientador: Renato Francisco Rodrigues Marques.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade deEducação Física.

1. Jiu jitsu. 2. Carreiras e oportunidades. 3. Mulheres. 4. Bourdieu, Pierre, 1930-2002. I. Marques, Renato Francisco Rodrigues. II. UniversidadeEstadual de Campinas. Faculdade de Educação Física. III. Título.

Informações Complementares

Título em outro idioma: Women in jiu-jitsu: elite athletes´perceptions about sports careers
Palavras-chave em inglês:
Jiu jitsu
Careers
&amp
opportunities
Women
Bourdieu, Pierre, 1930-2002
Área de concentração: Educação Física e Sociedade
Titulação: Doutora em Educação Física
Banca examinadora:
Renato Francisco Rodrigues Marques [Orientador]
Leila Salvini
Carla Nascimento Luguetti
Mariana Simões Pimentel Gomes
Larissa Rafaela Galatti
Data de defesa: 24-10-2023
Programa de Pós-Graduação: Educação Física

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)
- ORCID do autor: 0000-0002-0412-7880
- Currículo Lattes do autor: http://lattes.cnpq.br/9219131569811253

Banca examinadora:

Prof. Dr. Renato Francisco Rodrigues Marques

Assinatura: _____

Profa. Dra. Leila Salvini

Assinatura: _____

Profa. Dra. Carla Nascimento Luguetti

Assinatura: _____

Profa. Dra. Mariana Simões Pimentel Gomes

Assinatura:_____

Profa. Dra. Larissa Rafaela Galatti

Assinatura: _____

A Ata da Defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria do Programa da Unidade.

DEDICATÓRIA

Para minha mãe,

por ser minha base e meu maior exemplo.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Professor Renato, pela orientação, cuidadosa, respeitosa e confiante de que eu seria capaz de concluir esse trabalho. Obrigada pela parceria que deu certo desde o início, há dez anos, e que espero que não se encerre aqui. Foi uma jornada incrível de altos e baixos, terminando no alto. Sempre o terei como exemplo. A você, minha amizade, meu respeito e admiração.

Às atletas que se dispuseram a participar, respondendo às perguntas da entrevista e ajudando na pesquisa e divulgação científica com todo empenho com que também encaram suas carreiras.

Aos meus companheiros de grupo GEPESPE-RP, pelas trocas e pelo aprendizado que compartilhamos e que só nos engrandece.

Às amigas Ju, Jé e Giu, que foram companheiras de grandes reflexões, elaboração de angústias e apoio durante a pandemia e até hoje. Obrigada bourdi...ê.

À todos da FEF-UNICAMP.

À minha mãe, meu irmão e ao Zé, pelas infinitas ajudas em vários momentos e por serem meu porto seguro.

Ao meu pai, que fez seu melhor quando podia e como podia.

Aos meus amigos Josi, Giovanna, Ricardo, Grazi, Vítor, Cintia, Lucila e Marcella, por terem sido meu suporte emocional. Vocês são as pessoas com quem divido minha vida e levo para sempre.

Ao Bruno, por ter feito essa reta final ser muito mais leve.

À todos que de certa forma me ajudaram com este meu trabalho.

RESUMO

O Jiu-Jitsu é uma arte marcial de combate corporal em curta distância, com destaque para técnicas de projeção, imobilizações, estrangulamentos e torções articulares. A carreira de uma atleta sofre a influência de inúmeros fatores sociais, e olhar as mulheres no campo esportivo é importante a partir de uma história de protagonismo tornado invisível por um projeto político de esporte dominado por homens. Assim, torna-se necessária a investigação das variáveis relacionadas à prática e aos aspectos socioculturais envolvidos na carreira esportiva de mulheres atletas de jiu-jitsu até que cheguem ao nível de elite. A questão que orientou o estudo foi: Como se constituiu a carreira de mulheres atletas de jiu-jitsu de elite no Brasil? Quais são as barreiras e os facilitadores vivenciados por mulheres atletas de jiu-jitsu de elite em uma modalidade esportiva de reserva masculina no Brasil? O objetivo foi investigar como se constituiu a carreira esportiva de mulheres atletas de Jiu-Jitsu de elite no Brasil, a partir de suas próprias perspectivas. Como método, o estudo enquadrou-se em uma abordagem qualitativa de pesquisa, baseada em análise temática reflexiva sobre entrevistas semiestruturadas, com mulheres atletas de Jiu-Jitsu em nível de elite no Brasil. A análise dos dados foi baseada nas categorias da Sociologia Reflexiva de Pierre Bourdieu, direcionadas para interpretações e reflexões relacionadas ao esporte, carreira, profissionalismo e mulheres. Como resultados, foram construídos três temas principais, juntamente com as questões de gênero que permearam a discussão: Entrada no subcampo do Jiu-Jitsu; Permanência na prática do Jiu-Jitsu; Construção de carreira no Jiu-Jitsu. Cada tema possibilitou a construção de subtemas, fundamentais para a elaboração de uma história sobre a carreira das atletas. Como resultados, foram encontradas barreiras para se manterem competindo, a necessidade de busca por recursos financeiros para subsistência, a existência de situações de violência e deslegitimação de suas atuações nos tatames. As atletas não possuem renda suficiente para que possam somente treinar e competir, exercendo uma dupla carreira de atleta competidora e trabalho como treinadora. Em algum momento de suas vidas, as atletas vivenciaram uma carreira tripla, pois precisavam treinar e competir na elite, trabalhar para manterem seu sustento e estudar para garantir uma atividade no pós-careira atlética. Por fim, o cenário atual evidencia uma evolução, consequência das ações heterodoxas das agentes desse subcampo. Tanto elas, quanto as atletas que vieram antes, são responsáveis pelo processo de legitimação da presença das mulheres nos tatames suas ações precisam ter continuidade pelas próximas gerações de atletas.

Palavras-chave: Esporte; Carreira; Mulheres; Pierre Bourdieu.

ABSTRACT

Jiu-Jitsu is a martial art of close-range body combat, with emphasis on projection techniques, immobilizations, chokes and joint twists. The career of an athlete suffers the influence of numerous social factors, and looking at women in the sports field is important from a history of protagonism made invisible by a political project of sport dominated by men. Thus, it becomes necessary to investigate the variables related to the practice and socio-cultural aspects involved in the sports career of female jiu-jitsu athletes until they reach the elite level. The question that guided the study was: How was the career of elite female jiu-jitsu athletes built in Brazil? What are the barriers and facilitators experienced by female elite jiu-jitsu athletes in a male preserve sport in Brazil? The aim was to investigate how the sports career of elite female Jiu-Jitsu athletes in Brazil was constituted, from their own perspectives. As a method, the study was framed in a qualitative research approach, based on reflective thematic analysis of semi-structured interviews, with female Jiu-Jitsu athletes at the elite level in Brazil. Data analysis was based on the categories of Pierre Bourdieu's Reflective Sociology, directed to interpretations and reflections related to sport, career, professionalism and women. As a result, three main themes were constructed, along with the gender issues that permeated the discussion: Entering the Jiu-Jitsu subfield; Permanence in the practice of Jiu-Jitsu; Career building in Jiu-Jitsu. Each theme allowed the construction of subthemes, fundamental for the elaboration of a story about the career of the athletes. As a result, barriers were found to keep competing, the need to search for financial resources for subsistence, the existence of situations of violence and delegitimization of their actions on the mats. The athletes do not have enough income so that they can only train and compete, exercising a double career as a competitive athlete and work as a coach. At some point in their lives, the athletes experienced a triple career, as they needed to train and compete in the elite, work to maintain their livelihood and study to ensure an activity in the post-athletic career. Finally, the current scenario shows an evolution, a consequence of the heterodox actions of the agents of this subfield. Both, they and the athletes who came before, are responsible for the process of legitimizing the presence of women on the mats, their actions need to be continued by the next generations of athletes.

Keywords: Sport; Career; Women; Pierre Bourdieu.

Lista de figuras:

Figura 1. Tabela de peso com quimono CBJJE - 2022.....46
Figura 2. Mapa Temático.....60

Lista de quadros:

Quadro 1. Dados sociodemográficos das atletas entrevistadas.....61

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 18

2. OBJETIVOS 21

2.1. Objetivo Geral: 21

2.2. Objetivos Específicos: 21

3. JUSTIFICATIVA 21

4. REFERENCIAL TEÓRICO: 22

4.1. Contribuições de Pierre Bourdieu para o estudo do esporte e de carreira esportiva: 22

4.1.1. Algumas categorias da Sociologia Reflexiva de Pierre Bourdieu: 22

4.1.2. A posição das mulheres na obra de Pierre Bourdieu: a dominação masculina com suas contribuições e limitações. 30

4.1.3. Bourdieu, campo esportivo e as trajetórias das mulheres nos esportes de combate: 33

4.2. Carreira esportiva de mulheres no esporte de elite: 38

4.2.1. Sobre trajetória de vida e carreira esportiva. 38

4.2.2. A estruturação do jiu-jitsu no Brasil e sua conformação na contemporaneidade. 43

4.2.3. As mulheres no subcampo do jiu-jitsu de elite. 48

5. MÉTODOS 53

5.1. Participantes: 54

5.2. Produção de dados: 55

5.3. Análise de dados: 55

5.4 Aspectos éticos da pesquisa: 59

6. RESULTADOS E DISCUSSÃO 59

6.1. Entrada no subcampo do Jiu-Jitsu: 61

6.1.1. História com práticas esportivas ao longo da vida: 61

6.1.2. Relações familiares e suas influências nos primeiros contatos com o jiu-jitsu. 63

6.2. Permanência na prática do Jiu-Jitsu: 66

6.2.1. Início da vida de atleta e primeiras competições. 66

6.2.2. A "luta" para se manter lutando. 69

6.3. Construção de carreira no jiu-jitsu: 77

6.3.1. Mudanças no cenário de carreira para as mulheres. 78

6.3.2. Migração e mudança de equipe 86

6.3.3. Desafios ao conciliar a carreira de atleta com os estudos 90

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS 94

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 98

APÊNDICE 108

ANEXOS 110

APRESENTAÇÃO

Chegou a hora da defesa do meu doutorado, algo que parecia muito distante, mas que também foi muito desejado. Que bom que estou aqui, e assim acredito ser importante me localizar no campo acadêmico, enquanto pesquisadora que estuda mulheres no esporte, e como cheguei até este tema que tanto me encanta e indigna.

Minha formação acadêmica teve início no ano de 2001, na UNESP de Bauru e em psicologia. Terminei a primeira graduação no ano de 2005, sendo que diversas vivências desse período foram base para minhas escolhas nos anos que se seguiram, e resultaram nesse momento que vivo hoje. Além de tudo que a psicologia me trouxe, muitas experiências em paralelo à minha formação foram também importantes e possíveis, somente por eu fazer parte da Universidade. Me interessei por psicologia do esporte, entrei para a equipe de rugby por um tempo, voltei a treinar judô, modalidade que desde pequena pratiquei, mas que estava afastada por vários anos. Cheguei até mesmo a ter a oportunidade de auxiliar meu professor de judô em aulas para as crianças. Com o tempo, foi se tornando evidente que meu contato com o esporte dentro da universidade era tão importante que poderia, em algum momento, fazer parte da minha vida profissional também.

Voltei à Ribeirão Preto em 2006, e desde então sempre procurei formas de aproximar a psicologia e o esporte. Minha história com a Educação Física começou quando decidi por impulso, junto com uma amiga, prestar o vestibular para o curso novo que iria abrir na USP no ano seguinte. Por coincidência nós duas passamos, mas somente eu resolvi me matricular, enquanto trabalhava no Hospital das Clínicas. Foi uma virada que teve início em 2009, quando novamente me vi no primeiro ano de um curso de graduação, agora em Educação Física. Foram anos que tentei lidar com uma carga horária pesada de trabalho e faculdade, mas que, com ajuda e compreensão de muitos colegas, professores e familiares, foi possível. No ano de 2014, terminei o curso e me graduei como bacharel em Educação Física e Esporte pela EEFERP - USP.

Durante a graduação, conheci o professor Renato, que se tornaria meu orientador por toda a pós-graduação, e iniciava ali uma grande parceria que cresceria junto com todo meu processo de aprender a pesquisar. O procurei inicialmente desejando que me orientasse em meu TCC. De uma conversa na parte externa da cantina da EEFERP, surgiu o rugby como possibilidade de pesquisa ligado às questões das mulheres em modalidade com prática de reserva masculina, o que me encantou de imediato. Começava aí também meu processo de tomada de consciência sobre as reais condições das mulheres no esporte, e

consequentemente, em todos os outros campos da vida social. Assim como muitas das atletas que entrevistei, também entendi que algumas situações me causavam incômodo, mas nem sempre estava claro o porquê. A Sociologia Reflexiva de Pierre Bourdieu me ajudou muito na compreensão dessas relações de dominação oculta, difíceis de serem percebidas em um primeiro momento. Esse trabalho resultou em três publicações, sendo dois capítulos de livro e um artigo em revista científica.

Destaco aqui também, a imensa importância que o grupo de estudos GEPESPE-RP teve em todo esse período. Comecei a participar do grupo em 2013, e desde então, tive a possibilidade de ampliar meu repertório teórico. Foram muitas discussões que trouxeram incômodos e alívios, muitas relações de companheirismo e construção de conhecimento entre os colegas. Todo crescimento só foi possível com todos eles juntos e com a disposição para "ferver" a cabeça com as inúmeras reflexões e leituras. E isso já faz 10 anos!

Finalizado o TCC, mas ainda junto ao último semestre do curso de graduação, iniciei o mestrado pelo Programa de Educação na FFCLRP-USP, também sob a orientação do professor Renato. Continuamos nos estudos sobre mulheres, no entanto agora com futsal e alunas do ensino médio. Este momento trouxe reflexões riquíssimas sobre a importância da educação e da escola como ambiente que proporcionou às alunas praticar uma modalidade esportiva de reserva masculina, e assim abrir espaço legítimos de prática antes somente direcionados aos homens. A pesquisa de mestrado resultou na publicação de um artigo científico e de apresentações em congressos.

Já no Doutorado, que teve início no segundo semestre de 2018 na FEF-UNICAMP, mais uma vez sob orientação do professor Renato, várias atividades precederam o trabalho da tese. Iniciamos com o cumprimento das disciplinas que envolveram, no período pré-pandemia do COVID-19, viagens semanais Ribeirão-Campinas. As viagens me proporcionaram ricas trocas de ideias com meus parceiros, além de me permitir conhecer e vivenciar a UNICAMP com muito do que ela tem a oferecer.

Quanto ao tema do doutorado, volto aos estudos das mulheres, mas agora com foco em carreira e em uma modalidade esportiva de combate, o jiu-jitsu. É com imenso prazer que entro nesse subcampo, onde minha história pessoal também passou em algum momento. Não fui praticante de jiu-jitsu, mas sim de judô, que guarda algumas semelhanças com a modalidade esportiva que será abordada neste estudo. O Judô entrou em minha vida aos dez anos de idade, e se manteve ao longo de toda minha adolescência, momento em que tudo é novo, tudo é grandioso. Muitas das minhas relações mais importantes se desenvolveram

junto com os amigos de treinos, nas competições, nas viagens, nas saídas de final de semana etc. Participei de competições, mas não muitas (até porque não haviam tantas categorias para mulheres nessa época), e na graduação em educação física, foi sensacional poder entender que o esporte de elite não é o único desfecho de sucesso. Hoje sou faixa marrom de judô e tenho milhões de inquietudes de várias ordens que me trouxeram à pesquisa.

Como acontece com muitos atletas de judô, o jiu-jitsu pode se tornar uma opção de prática por diversos motivos, dentre eles por quererem aperfeiçoar técnicas de imobilizações, estrangulamentos e chaves de braço. Em algum momento também despertou em mim uma vontade de treinar, mas nunca havia tido a iniciativa. No início de 2020, já há alguns anos sem treinar nenhuma modalidade esportiva, decidi finalmente começar a treinar jiu-jitsu. Infelizmente tive que interromper devido ao início da pandemia de COVID-19. De qualquer maneira, é um imenso prazer pesquisar como as mulheres estão investindo suas carreiras profissionais em uma modalidade esportiva que tem crescido tanto no Brasil e no mundo.

Durante o período acadêmico que vai desde o final da graduação, mestrado e anos iniciais do doutorado, também trabalhei junto com meu orientador e outros colegas em artigos que foram publicados nesse período. Abaixo listo os trabalhos mencionados:

- Publicação de resenha na revista chilena *Inclusiones*, sobre o livro dos autores Renato Francisco Rodrigues Marques e Gustavo Luís Gutierrez, intitulado: “O Esporte Paralímpico no Brasil: Profissionalismo, administração e classificação de atletas” Editora Phorte, 2014.
- Publicação do capítulo de livro: "A Percepção das jogadoras da seleção brasileira de rugby sobre a entrada da modalidade nos Jogos Olímpicos: expectativa por maior valorização da modalidade" no livro Estudos Interdisciplinares em Sociologia do Esporte, EACH, 2015.
- Publicação do capítulo de livro: "Trajetória esportiva de jogadoras da seleção brasileira feminina de rugby: vivências diversificadas na infância e especialização tardia na modalidade" no livro Desenvolvimento de treinadores e atletas: Pedagogia do Esporte pela Editora Unicamp em 2017.
- Publicação do artigo "Feminilidade e preconceito de gênero no futsal a perspectiva de atletas brasileiras" na revista Fluxos e Riscos no ano de 2018.

- Publicação do artigo "The women inclusion on rugby: perceptions of Brazilian national team players" na revista Motriz em 2019.
- Publicação do artigo "O desafio da dupla carreira: análise sobre os graus acadêmicos de atletas de elite do futsal feminino brasileiro" na revista da Alesde em 2021.
- Publicação do artigo "O esporte no contexto escolar extracurricular: sentidos e contradições no ensino do futsal" na revista Educação e Pesquisa em 2022.
- Publicação do artigo "Desafios e oportunidades para a participação no futsal escolar extracurricular: percepções de alunas do ensino médio" na revista Pró-posições em 2022.
- Publicação do artigo Women's futsal at a Brazilian university: does the academic social environment influence prejudices against the players? na revista Motriz em 2022.

Tive a oportunidade de ministrar aulas como professora convidada na disciplina de Sociologia da Educação Física e Esporte da EEFERP nos anos de 2018, 2019 e 2020, 2021 e 2022, e da EACH - USP em 2020. Os convites foram feitos pelos professores Renato Marques e Marco Bettine, para falar sobre o assunto gênero no esporte e transgêneros no esporte. Foi uma experiência muito desafiadora e importante para meu repertório de aulas e discussões.

Também fui convidada, pela liga de cuidados à saúde da mulher da Faculdade de enfermagem da USP- RP para ministrar a palestra: "Precisamos falar sobre: mulheres no esporte e abordagens sobre as questões de gênero" no ano de 2018.

Em setembro de 2018 participei como membro da Comissão Organizadora do VI Congresso Latino-Americano de Estudos Socioculturais do Esporte – ALESDE. Dentre as atividades, junto com os colegas de GEPESPE-RP e de alunos da graduação, fiz parte da equipe responsável por mediar apresentações e minicursos, avaliação dos trabalhos enviados e a parte técnica de viabilização do congresso, com uma imensidão de atividades que pressupõe a realização de um evento internacional. A organização do congresso foi uma experiência muito especial e intensa de aproximação com colegas, de aprender como funciona e é trabalhosa a organização de um grande evento, do como foi importante conhecer grandes nomes da sociologia do esporte do mundo todo.

No ano de 2020 recebi um convite do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, através do professor Dr. Marco Bettine, para participar como palestrante do V Encontro Interdisciplinar em Sociologia do Esporte, que abordou o tema: Mulheres no futebol: Renovando a Cultura Esportiva.
"Trajetória esportiva de jogadoras da seleção brasileira feminina de rugby: vivências diversificadas na infância e especialização tardia na modalidade"

Finalizo essa etapa da minha vida com a vontade de que meu estudo de alguma forma possa contribuir para a carreira de mulheres atletas e para as dificuldades que enfrentam como um todo, só por serem mulheres. Meu respeito a todas vocês.

1. INTRODUÇÃO

A partir da segunda metade do século XX, e mais intensivamente nas últimas décadas, o jiu-jitsu, juntamente com outras artes marciais orientais, passou por processos de esportivização, que deram origem às modalidades esportivas de combate. O Brasil foi o principal cenário dessa transformação e da consolidação do jiu-jitsu enquanto modalidade esportiva de combate (VICENTINI; MARQUES, 2018a).

De acordo com a Lei Geral do Esporte, lei Nº 14.597, de 14 de junho de 2023, que regulamenta a as relações de trabalho no esporte, o praticante de alto nível que se dedica à atividade esportiva de forma remunerada e que tem nessa atividade sua fonte de renda, é considerado atleta profissional, independentemente da forma como recebe sua remuneração (Brasil, 2023). Na atualidade no Brasil, grande parte dos atletas o jiu-jitsu de elite tem sua fonte primária de renda voltada às aulas desta modalidade esportiva (VICENTINI, MARQUES, 2018c). Portanto, a partir de então estes atletas são considerados atletas profissionais.

O esporte de mulheres também está regido no escopo destas mesmas leis, e quando elas têm sua renda através de atividades voltadas ao jiu-jitsu, são consideradas atletas profissionais. Em reportagem a uma revista especializada em artes marciais, a atleta de elite Monique Elias[1] menciona que o número de mulheres nos tatames está crescendo, e que algumas já possuem suas fontes de renda através de aulas desta modalidade esportiva, mas ainda são escassos os patrocínios para que possam exclusivamente competir (REVISTA TATAME, 2019).

No esporte de elite, atletas investem grande quantidade de tempo e energia em treinamentos e competições, por longos períodos em suas vidas, de forma a alcançar resultados em nível de elite dentro da modalidade esportiva praticada (ANDERSSON; BARKER-RUCHTI, 2019). Os processos em torno da tomada de decisão de investimento em uma carreira esportiva envolvem a relação entre fatores culturais e escolhas pessoais, as preferências aliadas às estruturas que oferecem oportunidades, bem como os processo de aprendizagem do indivíduo (HODKINSON; SPARKES 1997).

A carreira de uma atleta sofre a influência de inúmeros fatores socioculturais até que se alcance o nível de elite, no qual as práticas são orientadas aos resultados, medalhas e

[1] Monique Elias é atleta brasileira de Jiu-Jitsu, faixa preta, cinco vezes campeã mundial e três vezes campeã mundial categoria absoluto.

recordes (BARKER-RUCHTI et. al. 2015). Alcançar tal nível em uma modalidade esportiva vai além do desenvolvimento de capacidades motoras das atletas, havendo a necessidade de se considerar também as disposições, os elementos socioculturais que envolvem a pessoa, e as formas como interagem com seu contexto. Em geral, o indivíduo vivencia situações em suas carreiras que podem ser muito significativas para mudanças, que acarretam consequências para a construção de sua identidade enquanto atleta, bem como os rumos que seguirão sua trajetória esportiva (BARKER et.al.,2014).

Analisar as mulheres no campo esportivo é uma ação importante, a partir de uma história de protagonismo tornado invisível, por um projeto político de esporte dominado por homens. São recorrentemente consideradas invasoras de um espaço reservado a eles, e precisam resistir e enfrentar políticas que procuraram, por toda história, afastá-las da prática esportiva (RUBIO; VELOSO, 2019). Todos os anos de interdição das mulheres no esporte produziram sequelas que se estendem até os dias de hoje, como por exemplo, menores oportunidades de participação (SILVA; MARTINS, 2023a).

O termo "reserva masculina" (*male preserve*) foi utilizado pela primeira vez como uma referência aos clubes de rúgbi na década de 1970 para conceituar e expressar normas de masculinidade das classes médias e emergentes inglesas. Estas normas eram derivadas do *ethos* de uma elite com raízes militares, fonte e sustentação do conceito inglês de *gentleman.* Nesses espaços, onde essas normas eram livremente exercidas, as mulheres tinham sua presença restringida, o que explica o fato de serem consideradas invasoras (DUNNING; SHEARD, 1973).

Até mesmo nas pesquisas voltadas à ciência dos esportes são nítidas as distorções que ainda se mantém por consequência do apagamento das mulheres em modalidades esportivas. Como exemplo, a cristalização do discurso que as coloca como "frágeis" e considera seus desempenhos como inferiores. O que se nota como consequência disso é que quando mulheres apresentam um resultado considerado extraordinário, seus corpos são colocados sob suspeita, sua sexualidade é colocada em discussão e seus méritos são passíveis de acusações de doping (SILVA; MARTINS, 2023a).

Apesar das restrições, as mulheres estão inseridas no campo esportivo e praticando modalidades esportivas diversas ao longo da história. Essas mulheres colocam em questão e contrariam o discurso arbitrário e fundado em diferenças biológicas, que buscam determinar a posição da mulher na sociedade, em geral longe de práticas esportivas ou em posições de tomada de decisão. Sendo a participação delas no esporte um ato de transgressão, que é

também reflexo dos movimentos de conquistas das mulheres em outras esferas da sociedade, torna-se importante compreender os processos vividos pelas atletas que ocupam este espaço (RUBIO; VELOSO, 2019).

A literatura acadêmica tem abordado de forma crescente a invisibilidade, as barreiras e os avanços das mulheres no jiu-jitsu, e mostram a importância de estudos científicos sobre essa temática no Brasil, uma vez que mulheres estão cada vez mais ocupando este espaço. Os estudos abordam temas como: divisão sexual do trabalho de instrutoras de jiu-jitsu e percepções de atletas quando às barreiras para a prática (BERNABÉ, 2023; BERNABÉ, QUIRINO, 2021; FIGUEIREDO et al., 2022; SILVA et al., 2022) No entanto, ainda são poucos os estudos que envolvem os aspectos socioculturais da entrada e permanência de mulheres no jiu-jitsu de elite, especialmente relacionados à carreira esportiva (VICENTINI; MARQUES, 2019)

Frente ao exposto, e considerando os trabalhos existentes na literatura que abordam o jiu-jitsu praticado por mulheres, torna-se pertinente investigar as variáveis relacionadas à prática e aos aspectos socioculturais especificamente no contexto do esporte de elite. Dessa forma, as perguntas centrais deste estudo são: **C**omo se constituiu a carreira de mulheres atletas de jiu-jitsu de elite no Brasil? Quais são as barreiras e os facilitadores vivenciados por mulheres atletas de jiu-jitsu de elite em uma modalidade esportiva de reserva masculina no Brasil?

Como referencial teórico para sustentar as análises e reflexões deste estudo, a escolha foi pela Sociologia Reflexiva de Pierre Bourdieu, por suas contribuições relativas às disputas presentes no campo esportivo, bem como as relações de dominação que acontecem de forma oculta na sociedade. As disputas que se fazem presentes no campo esportivo e, com destaque neste estudo para o subcampo do jiu-jitsu, torna a leitura de algumas categorias de Bourdieu fundamental para a compreensão e reflexão sobre o objeto a ser pesquisado.

A Sociologia Reflexiva de Pierre Bourdieu baseia-se na análise de disposições e formas de dominação ocultas, que criam e perpetuam disputas e desigualdades nos campos sociais (BOURDIEU; WACQUANT, 1992). Além disso, sua teoria permite analisar o fenômeno esportivo de forma reflexiva, o que muito contribui para uma melhor compreensão sobre as estruturas sociais e formas de ação dos diferentes agentes sociais atuantes no jiu-jitsu de elite praticado por mulheres no Brasil. A obra de Bourdieu proporciona reflexões e possibilita diferentes apropriações de seus conceitos e teoria, sendo relevante para analisar o campo esportivo. Além disso, é bastante considerada pelos pesquisadores ligados à

sociologia do esporte, bem como aos estudos sobre mulheres no esporte (BUENO JÚNIOR, 2020; OLIVEIRA, RICCI, MARQUES, 2022; PIRES, 2021; SALVINI, KIOURANIS, MARCHI JÚNIOR, 2021).

O presente trabalho abordará inicialmente os objetivos da pesquisa, objetivo geral e os objetivos específicos, em seguida será apresentada uma justificativa para o estudo, bem como suas possíveis contribuições para a área, seguido pelo referencial teórico, que norteou a discussão dos resultados. Em seguida, serão apresentados os métodos da pesquisa, os resultados juntamente com a discussão dos dados e por fim as considerações finais.

2. OBJETIVOS

2.1. Objetivo Geral:

O objetivo geral deste estudo foi investigar como se constituiu a carreira esportiva de mulheres atletas de jiu-jitsu de elite no Brasil, a partir de suas próprias perspectivas.

2.2. Objetivos Específicos:

Os objetivos específicos deste estudo foram:

(a) Analisar quais são as barreiras e facilitadores para a entrada e continuidade de mulheres atletas de elite na prática do jiu-jitsu no Brasil;

(b) Analisar como as atletas percebem as possibilidades de construção de carreira para mulheres no jiu-jitsu no Brasil;

(c) Analisar como é a percepção das atletas sobre a presença das mulheres no jiu-jitsu no Brasil;

3. JUSTIFICATIVA

Este trabalho justifica-se por oferecer reflexões sobre aspectos socioculturais relacionados ao jiu-jitsu praticado por mulheres no Brasil, especificamente quando inserido no contexto do esporte de elite. Permite também refletir sobre as condições de carreira profissional a partir da perspectiva das atletas, bem como possíveis questões de gênero

vinculadas a tal contexto. Os resultados deste estudo oferecerão subsídios teóricos que contribuam para uma melhor compreensão sobre facilitadores ou barreiras para que mulheres sejam inseridas e se mantenham envolvidas com a prática do jiu-jitsu, inclusive vislumbrando melhores condições de construção de uma carreira esportiva.

Este trabalho também contribuirá para sanar a lacuna existente na literatura sobre estudos que envolvam os aspectos socioculturais da entrada e permanência de mulheres na prática do jiu-jitsu em nível de elite (VICENTINI; MARQUES, 2018a). Além elaborar e oferecer subsídios teóricos para futuras intervenções na modalidade, auxiliando tanto na prática diária, como treinos e aulas, quanto nas especificidades de organização de carreira e estudos das atletas.

4. REFERENCIAL TEÓRICO:

4.1. Contribuições de Pierre Bourdieu para o estudo do esporte e de carreira esportiva:

A Sociologia Reflexiva de Pierre Bourdieu, autor francês que viveu entre 1930 e 2002, é uma alternativa que possibilita embasar as discussões propostas pelo objeto desta pesquisa, uma vez que busca analisar as disputas dos agentes nos campos sociais, ao mesmo tempo que permite perceber relações de dominação.

Neste capítulo serão apresentadas categorias que servirão de base para a compreensão de categorias próprias da Sociologia Reflexiva proposta por este autor.

4.1.1. Algumas categorias da Sociologia Reflexiva de Pierre Bourdieu:

A obra de Bourdieu tem sua base no pressuposto do conhecimento praxiológico, que considera não apenas as relações objetivas, mas as interações dialéticas entre estruturas objetivas e subjetivas, com base nas disposições que atualizam ou reproduzem tais estruturas (BOURDIEU, 2019a). É um processo de interiorização da exterioridade e de exteriorização da interioridade. Assim, Bourdieu busca a superação da análise unicamente objetiva, para a compreensão dos processos geradores da ação prática dos agentes nos campos sociais (BOURDIEU, 1994).

Tal pressuposto faz da obra de Bourdieu uma Sociologia Reflexiva (BOURDIEU & WACQUANT, 1992) e relacional (BOURDIEU, 2011a), que implica em uma relação dialética entre dois pontos de vista das ciências sociais, aparentemente incompatíveis: o objetivismo e o subjetivismo. Por objetivismo, tem-se a percepção do mundo social em sua forma estrutural, com uma análise das posições relativas e das relações objetivas entre essas posições. Já o subjetivismo se predispõe a analisar as estruturas a partir das interações, considerando que os esquemas de percepção e apreciação são expressão dos estados das relações de poder que norteiam os gostos e as escolhas dos agentes (BOURDIEU, 1990).

Bourdieu classifica seu trabalho enquanto "construtivismo estruturalista" ou "estruturalismo construtivista", o que significa a existência no mundo social, e não apenas nos sistemas simbólicos - linguagem etc. -, de estruturas objetivas independentes da consciência e da vontade dos agentes. Estruturas estas que são capazes de orientar suas práticas e representações. Por construtivismo Bourdieu se refere à ideia de que, de um lado há a gênese social dos esquemas de percepção, pensamento e ação, e de outro, as estruturas sociais, presentes no que ele irá nomear campos sociais (BOURDIEU, 1990). Este é o norte necessário para a compreensão da obra de Pierre Bourdieu considerando que os agentes agem no campo a partir das estruturas objetivas e das apropriações que fazem dessas estruturas, além das posições que ocupam no campo.

O Campo Social se apresenta como um espaço socialmente delimitado, com suas regras próprias, normas e capitais em disputa, marcado pelas lutas por poder (BOURDIEU, 2019a). Cada campo social tem seus bens em disputa e seus agentes, que lutam frente à desigualdade de oportunidades e distribuição de bens. Designado como um espaço relativamente autônomo, o campo consiste em um microcosmo que possui suas leis próprias, mas que também está submetido às leis sociais enquanto macrocosmo. O campo não escapa às leis e normas da sociedade em uma esfera macrocósmica, mas dispõe, em relação a elas, autonomia parcial, mais ou menos acentuada (BOURDIEU, 2004).

Cada campo ou subcampo pode apresentar diferentes graus de autonomia, que derivam de pressões externas de diferentes naturezas. Para que seja conhecido tal grau de autonomia, é necessária a compreensão da natureza dessas pressões e como se manifestam tais influências. Caracterizam também o grau de autonomia do campo, as formas como se dão as resistências, ou seja, os mecanismos acionados pelo microcosmo para se libertar das leis externas e ter condições de reconhecer suas determinações internas. Outro marcador de

autonomia é o grau de refração, ou seja, uma retradução das pressões ou demandas externas de uma forma específica para o campo (BOURDIEU, 2004).

Os campos apresentam algumas leis gerais e invariáveis, embora com especificidades, que embasam a análise dos objetos a partir de alguns pressupostos. Ao se estudar um campo, pode-se descobrir propriedades específicas e particulares, mas que permitem, simultaneamente, avançar na compreensão dos mecanismos universais e comuns aos demais campos, especificados em função de variáveis secundárias (BOURDIEU, 2019a).

Todo campo é um campo de forças e de lutas para conservação ou transformação dessas forças, e o espaço do campo se constitui pelos agentes e pelas relações objetivas entre eles. É a estrutura objetiva que influencia o que ele pode ou não fazer, uma vez que a posição ocupada por ele orienta suas ações (BOURDIEU, 2004). Essa estrutura do campo é um estado das relações de poder entre os agentes ou instituições engajadas nas lutas pela distribuição do capital específico acumulado (BOURDIEU, 2019a).

As disputas nos campos são norteadas pelas disputas por capitais, tanto no sentido dos bens econômicos, como também do conjunto de bens culturais, sociais e simbólicos que conferem poder aos seus detentores. Os capitais então, seriam os bens e recursos legitimados no campo, e os agentes necessitariam de um montante de capital para poderem ingressar no campo e participar do jogo de disputas. Os agentes fazem uso de estratégias que lhes permitem conservar ou conquistar posições, em uma luta que é tanto explícita, material e política, como travada no plano simbólico (BOURDIEU, 2019a). Os capitais são divididos em quatro tipos: o econômico, o social, o cultural e o simbólico.

O capital econômico consiste em posse de dinheiro, poder aquisitivo e dos meios para multiplicar tais quantias. Relaciona-se ao conceito matemático de aquisição de poder de compra e comércio. Está presente na grande maioria dos campos, devido seu papel de grande importância no macrocosmo social. Porém, não necessariamente se configura como o caminho para o poder e reconhecimento simbólicos, isso pode derivar de acordo com as características e normas de cada campo. Essa forma de capital é acumulada de acordo com o trabalho do agente, ou em seus investimentos. (BOURDIEU, 1989).

O capital social corresponde à posse de direitos de entrada em redes de relações interpessoais duráveis, de vinculação a um ou mais grupos distintivos. É dotado, além de propriedades comuns que são perceptíveis a todos, da união por ligações permanentes e úteis. O volume de capital social relaciona-se à rede de relações que o agente pode mobilizar

(BOURDIEU, 1998a).

O capital cultural implica em uma ruptura com pressupostos ligados a aptidões naturais, pois essa forma deriva das oportunidades de contato com o conhecimento e depende de questões financeiras, sociais e até da transmissão doméstica (familiar). Essa forma de capital pode existir sob três estados: incorporado, objetivado e institucionalizado (BOURDIEU, 1998b):

- Estado incorporado: refere-se ao capital cultural que foi acumulado através do trabalho do agente, tornando-se parte dele. É a incorporação de um conhecimento e de disposições pressupondo um trabalho de assimilação, que custa tempo e deve ser investido pessoalmente.

- Estado objetivado: refere-se às propriedades materiais relacionadas ao capital cultural, ou seja, são os escritos, pinturas, monumentos dentre outras coisas materiais que traduzem o capital cultural do agente e que é transmissível em sua materialidade.

- Estado institucionalizado: são os títulos ligados à educação formal, os diplomas que o agente possui. É uma forma de se reconhecer o capital cultural do agente, um reconhecimento simbólico do capital cultural incorporado.

O capital simbólico, que pode também ser denominado como capital específico, vale em relação a certo campo, sendo somente convertível em outra espécie de capital nas condições próprias desse meio, derivando de acordo com o valor e reconhecimento simbólico que ele adquire nesse espaço. Essa forma de capital acaba por se configurar como um dos pontos mais importantes da obra de Pierre Bourdieu, pois estabelece especificidade e legitimidade ao campo e às disputas em seu interior. Essa forma de capital expressa o que se faz importante dentro do campo. Os agentes que em um estado de relação de forças detém o capital simbólico, que é fundamento de um poder ou autoridade específica e de um campo específico, tendem a estratégias de conservação (BOURDIEU, 2019a). Os diferentes tipos de capital podem derivar do capital econômico, mas possuem maior ou menor custo de transformação necessária para produzir o tipo de poder específico em cada campo. Existem bens e serviços que possuem acesso imediato via capital econômico, porém há outros que só podem ser obtidos através de um capital social, relações, obrigações sociais etc. É a propriedade de conversão dos capitais (BOURDIEU, 1986)

O poder atribuído ao agente dentro do campo, refletido na sua capacidade de

determinar os critérios de distribuição de capital e de exercício de liderança sobre outros agentes, é denominado de violência simbólica. Um de seus efeitos é a transfiguração das relações de dominação e submissão em relações afetivas, e a transformação do poder em carisma ou encantamento afetivo (BOURDIEU, 2011b). A violência simbólica é uma sutil e poderosa forma de dominação, por ser a imposição arbitrária de uma cultura, defendida e determinada como autêntica e superior. É um poderoso mecanismo que confere legitimidade às diferentes formas de dominação que podem ser realizadas dentro de um determinado campo (BOURDIEU, 1989).

Essas relações de dominação que se perpetuam, muitas vezes de forma oculta, se tornam respeitadas e com poucos questionamentos contra esta ordem, o que torna possível que sejam vistas como aceitáveis e até mesmo percebidas, pelos diversos agentes do campo, de forma naturalizada. Tal forma de percepção e de perpetuação das relações de poder é o que Bourdieu chama de *doxa*, aquilo que constitui o jogo dentro do campo, com seus objetos de disputa e seus pressupostos, tacitamente aceitos (BOURDIEU, 2019a). Essa propriedade dos campos diz respeito a interesses fundamentais que as pessoas que estão engajadas no campo têm em comum, relativos à manutenção da existência do campo. Surge daí uma cumplicidade objetiva que entre os antagonismos, uma vez que a luta pressupõe um acordo sobre o que deve ser combatido e tudo que deve ser deixado em estado de *doxa* (BOURDIEU, 2019a).

A *doxa,* portanto, seria uma forma de exercício de poder e reprodução da estrutura social que nem sempre é percebida pelos agentes (BOURDIEU, 2019a). Essa luta coloca em jogo os interesses de conservação em detrimento dos interesses de subversão da ordem dominante no campo (BOURDIEU, 2019a). Os agentes procuram manter a existência do campo a partir de lutas internas que acontecem entre o “velho”, que são os detentores do poder socialmente estabelecido, e o “novo”. O "velho", ou seja, os ortodoxos, são os agentes do campo que procuram manter as formas e critérios de distribuição de bens e reconhecimento de poder, enquanto o "novo", ou heterodoxos, são os que tendem à heresia, à estratégias de subversão desta ordem (BOURDIEU, 2019a).

Neste contexto, o *habitus*, que se apresenta como uma estrutura estruturada e estruturante, funciona como um princípio gerador e estruturador das práticas dos agentes, sem ser apenas um produto de regras ou da ação organizadora de um regente (BOURDIEU, 1994). O conceito de *habitus* baseia-se na perspectiva praxiológica e é relacional (BOURDIEU, 1994).

O *habitus* seria uma força mediadora entre objetivismo e subjetivismo, que rompe com essa dualidade ao captar a interiorização da exterioridade e a exteriorização da interioridade (WACQUANT, 2007). O *habitus* relaciona-se a um sistema de disposições adquiridas, um corpo que incorpora estruturas de um mundo ou de um setor particular deste mundo – um campo social – e que também estrutura tanto as percepções quanto as ações neste mundo (BOURDIEU, 2011b).

O campo funciona como um jogo no qual as próprias regras estão postas em jogo. Neles existem estruturas objetivas e disputas em torno dessas estruturas. Os agentes não são conduzidos de forma passiva pelas estruturas do campo, uma vez que seu *habitus*, ou seja, suas disposições adquiridas podem levá-los a resistir e a oporem-se a essas forças. Aqueles que adquirem suas disposições longe do campo ao qual se inscrevem arriscam-se a estar defasados e deslocados. Assim, existe a possibilidade de que estes agentes lutem, resistindo às forças do campo, e assim tentem modificar as estruturas em razão de suas disposições, ao invés de apenas se submeterem às estruturas já postas (BOURDIEU, 2004).

Bourdieu propõe a ideia de que as condutas humanas são compreendidas através da noção de interesse, ou seja, os atos não são gratuitos ou sem razão, mesmo que essa razão não seja evidente ou imediatamente invocada pelo agente. Os agentes sociais não agem de maneira aleatória e sem sentido, pois suas condutas são orientadas por condições relacionais. Assim, não há um ato gratuito que não se faça qualquer sentido dele, que seja por nada, aleatório (BOURDIEU, 2011b).

As estratégias inerentes ao agente de determinado campo social decorrem das formas de interesse que aparecem como desinteressadas. Sutilmente, seria o interesse pelo desinteresse, forma que convém à economia dos bens simbólicos (BOURDIEU, 2004). Esse desinteresse tem íntima relação com o investimento em uma conduta de gratuidade, de nobreza, ou seja, investimento no capital simbólico que convém ao capital aristocrático. Assim: "se desinteresse é sociologicamente possível, isso só ocorre por meio do encontro entre *habitus* predispostos ao desinteresse e universos nos quais o desinteresse é recompensado" (Bourdieu, 2011b p. 153)

Interesse opõe-se a desinteresse e também à noção de indiferença, mas há uma diferença, pois pode-se ter interesse em um jogo, no sentido de não lhe ser indiferente, ao mesmo tempo não estar interessado nele. A indiferença, por outro lado, seria a não compreensão do que está de fato em jogo (BOURDIEU, 2011b).

Aprofundando a análise, Bourdieu propõe que a noção de interesse seja associada às

ideias de "investimento", "libido" ou "*illusio*". A razão para os agentes fazerem o que fazem no campo e da forma como o fazem, experienciando condutas arbitrárias como coerentes é a *illusio,* que significa estar no jogo, envolvido nele. A *illusio* é parte componente do *habitus* e, segundo Bourdieu (2011b p.139), é: "Estar preso ao jogo, preso pelo jogo, acreditar que o jogo vale a pena ou, para dizê-lo de maneira mais simples, que vale a pena jogar".

O agente, ao dar importância ao jogo social, e perceber o que se passa ali como importante para os envolvidos, admite que ele merece ser jogado e que os alvos ali dispostos valem ser perseguidos. A *illusio* é a relação de encantamento com o jogo onde ele não é percebido como tal, culminando em uma relação de cumplicidade entre as estruturas mentais e objetivas do espaço social (BOURDIEU, 2011b).

A *illusio,* em oposição à indiferença, é investir nos alvos presentes no jogo, que são disputados apenas pelos agentes que estão presos a esse jogo e que possuem as disposições necessárias para reconhecer tais alvos. Os diferentes campos sociais como o científico, artístico ou esportivo tendem a despertar nos agentes que a ele pertencem, essa relação de *illusio* proposta por Bourdieu. Até mesmo o fato de quererem alterar as relações de força em determinado campo confere a esses agentes a noção de que não são indiferentes ao que ali acontece, sabem reconhecer os alvos, concordam e reconhecem o que é minimamente essencial nesse campo (BOURDIEU, 2011b).

Saber o sentido do jogo, ter senso histórico do jogo, e assim ter esquemas de percepção que permitem antecipações são fundadas na experiência anterior e não dadas a um indivíduo puro ou a uma consciência universal. Eles são fruto do *habitus* do sentido do jogo.

> O *habitus* preenche uma função que, em uma outra filosofia, confiamos à consciência transcendental: é um corpo socializado, um corpo estruturado, um corpo que incorporou as estruturas imanentes de um mundo ou de um setor particular desse mundo, de um campo e que estrutura tanto as percepções desse mundo como a ação nesse mundo (BOURDIEU, 2011b, p. 144).

Assim, quando as estruturas incorporadas estão de acordo com estruturas objetivas, tudo parece evidente (BOURDIEU, 2011b, p. 139).

A incorporação ao *habitus* das formas corporais e posturas, que em longo prazo torna-se um sistema visível de conhecimento e reconhecimento é uma incorporação

denominada *hexis* (BOURDIEU, 2014b). A *hexis* é um capital físico ou corporal correspondente a uma disposição e uma trajetória individual além de uma dimensão de grupo (BOURDIEU, 2014b).

A conformação corporal, em sua forma, aparência e demais características físicas que a correspondem, é um produto social relacionado às condições de trabalho - com as características que a ele correspondem, como as deformações, doenças e até mesmo mutilações. É vista também nos costumes e padrões de consumo relativos ao gosto dos agentes. No entanto, as diferenças visíveis são sobrepostas por diferenças de *hexis*, que se remetem à forma de expressão do corpo em relação ao seu mundo social. A forma como o agente se comporta e os cuidados com o portar-se expressam uma maneira de experimentar sua posição no espaço social (BOURDIEU, 2014b).

No texto "o camponês e seu corpo", Bourdieu analisa as diferenças entre o camponês e o homem urbano e suas representações nas relações sociais entre os sexos. Sendo o *habitus* corporal aquilo que se apresenta de forma naturalizada, sem um controle consciente da ação, ou seja, inscrita no *habitus,* denuncia e permite a observação popular de uma *hexis* corporal fundada em estereótipos. Ao camponês, um conjunto de características corporais aprendidas de maneira intuitiva que leva a um jeito de andar pesado e desajeitado, adaptados aos terrenos acidentados do campo. Há também uma falta de jeito na forma de se expressar, um mau corte das roupas, que levam à identificação da rusticidade do camponês. Em oposição, encontra-se o homem da cidade com uma leveza corporal maior que o permite dançar, se expressar mais levemente, apresenta-se bem vestido, e somados a todo um conjunto de características corporais visíveis, são indicativos de um *habitus* urbano (BOURDIEU, 2006).

A *hexis* corporal é imediatamente percebida e vista como símbolo de condição econômica e social. Por estarem historicamente à margem da sociedade, algumas mulheres buscam estratégias de subversão de sua posição através de técnicas corporais, como por exemplo a vestimenta ou posturas corporais. Nota-se uma tendência maior em relação aos homens a adotarem modelos culturais urbanos, tanto culturais quanto indumentários, uma vez que a cidade representa para elas uma esperança de emancipação (BOURDIEU, 2006).

4.1.2. A posição das mulheres na obra de Pierre Bourdieu: a dominação masculina com suas contribuições e limitações.

A respeito da construção que se refere à divisão social do trabalho entre homens e mulheres, e a posição ocupada por essas agentes nos campos, Bourdieu se propôs, em seu livro "A dominação Masculina", a refletir sobre a condição das mulheres e à violência simbólica. Este trabalho foi um desdobramento de sua obra, resultado de suas observações de campo na Argélia, período em que prestou serviço militar na então colônia francesa (BOURDIEU, 2014a).

Bourdieu aponta que o mundo social constrói o corpo biológico como realidade sexuada e como depositário de princípios de visão e divisão pautadas nessa diferença. Segundo ele, a diferença biológica entre os sexos, mais especificamente a diferença anatômica dos órgãos sexuais do corpo masculino e do corpo feminino, tende tradicionalmente, a ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros, principalmente da divisão social do trabalho. Essa diferença biológica entre os sexos é o programa social de percepção incorporada, enraizada na relação arbitrária de dominação dos homens sobre as mulheres (BOURDIEU, 2014a).

Bourdieu ressalta uma diferenciação entre homens e mulheres resultante de uma construção social por estruturas dóxicas, que fundamentam uma violência simbólica. Assim, a lógica da consagração simbólica dos processos objetivos opera no sistema mítico ritual, dando fundamento objetivo a questões místicas, reforçando a crença do que é objetivo. Essa experiência dóxica apreende o mundo social e as suas divisões arbitrárias, como na divisão socialmente construída entre os sexos, que adquire reconhecimento e legitimação pelos agentes do campo. Os dominados, ao aplicar àquilo que os domina esquemas dos quais são assim produtos, ou seja, quando suas atitudes e formas de pensar estão em acordo com as estruturas de dominação que lhes são impostas, seus atos de conhecimento são então, atos de reconhecimento da submissão (BOURDIEU, 2014a).

A grande questão da dominação está no fato de que as diferenças visíveis entre o corpo masculino e o feminino, percebidas e construídas segundo a visão androcêntrica, tornam mais facilmente indiscutíveis os valores e os significados a eles atribuídos segundo essa visão. Não seria o falo, ou a falta dele, que fundamentaria esta visão, e sim, a visão de mundo instituída segundo a relação de gênero que determina o falo como símbolo de virilidade e ponto de honra (BOURDIEU, 2014a).

Desta forma, percebe-se a construção de uma estrutura dóxica quando se volta para a aprendizagem dos princípios fundamentais vistos como de boa conduta feminina, como vestir-se de forma que corresponda aos seus diferentes estados sucessivos: menina, virgem, esposa e mãe de família. Essas formas de comportamento são incorporadas tanto por mimetismo, como por obediência expressa. Excluídas do universo das coisas sérias e dos assuntos públicos e econômicos, as mulheres, por muito tempo, ficaram submetidas às atividades principalmente maternas como a geração dos filhos, ao trabalho doméstico e à integração da família (BOURDIEU, 2014a).

O fato de a ordem do mundo como se apresenta, com suas relações de submissão, dominação, privilégios e injustiças se perpetuar e em certa medida ser visto como aceitável ou natural é resultado de uma violência simbólica. Isso se refere ao caráter paradoxal da doxa, estabelecido através de processos que transformam um arbitrário cultural em uma percepção naturalizada, ou arbitrário natural (BOURDIEU, 2014a).

Ao se propor a analisar as relações de gênero, Bourdieu despertou reflexões e críticas de várias autoras da área de gênero. Algumas dessas críticas podem, com o devido cuidado e rigor, serem levadas em conta, uma vez que são importantes para o entendimento das limitações da obra "A dominação masculina", bem como a compreensão de suas potencialidades e de qual forma a teoria de Pierre Bourdieu contribui para a análise da posição da mulher nos diversos campos sociais.

Uma primeira crítica diz respeito ao fato de a obra - A dominação masculina (2014a) - ter sido realizada sem pesquisa empírica específica, e sim a partir de um compilado de análises feitas na sociedade Cabila, ou seja, em seus primeiros estudos de campo, e visto como um caso particular de violência simbólica (CORREA, 1999; CARVALHO, 2011).

Correa (1999) e Carvalho (2011) argumentam que, ao utilizar os Cabilas outro problema se faz presente, pois em termos de uma sociedade falocêntrica, haveria uma mitologia coletiva, de longa duração e perpetuada por meio do *habitus,* e que poderia se aplicar a qualquer sociedade. Dessa forma, desconsidera que esta é uma sociedade ocidental, mediterrânea, e que não contempla as diversas culturas ao redor do mundo. No entanto, vale lembrar que Bourdieu propõe uma filosofia da ciência relacional, e uma filosofia da ação, disposicional, que considera as potencialidades inscritas nos corpos dos agentes bem como as situações em que atuam. Por esse motivo, Bourdieu se coloca de forma a analisar os fenômenos sociais de forma contextualizada, e considera as relações presentes nos campos em questão (BOURDIEU, 2011b). Isso ajuda a compreender que, as observações feitas por

ele na sociedade Cabila não devem ser generalizadas para as demais sociedades, mas analisadas as especificidades e de forma contextualizada.

Outra crítica feita por Correa (1999) e Carvalho (2011) diz respeito ao sistema simbólico que mantém a dominação. Bourdieu diz que está presente tanto em estado objetivado quanto incorporado através do *habitus*, o que, segundo as autoras, pode levar a um entendimento de que a dominação é consequência e não causa dessa divisão naturalizada. Assim, considerando-se o ponto central da obra de Bourdieu, que é a relação entre as estruturas objetivas dos campos e das estruturas incorporadas pelo *habitus*, é possível questionar o argumento de que ele coloca a dominação como causa ou consequência unicamente. Por ser relacional e praxiológica, pode-se dizer que a dominação é tanto causa como consequência do *habitus* e das relações sociais (BOURDIEU, 2011b). Sobre o sistema simbólico que mantém a dominação Bourdieu diz:

> Se é verdade que a dominação simbólica é uma dominação que se exerce com a cumplicidade das estruturas que o dominado adquiriu na confrontação prolongada com as estruturas de dominação e pela incorporação dessas estruturas, é evidente que não é suficiente tomar conta dessas estruturas. É preciso transformar profundamente as disposições adquiridas, por uma espécie de reeducação [...] é preciso mudar de forma inseparável as condições de produção dessas disposições, dessas estruturas incorporadas, é preciso, portanto, mudar a ordem simbólica (BOURDIEU, 1996, p. 37).

Por fim, outra crítica se refere à análise da dominação sob a ótica de categorias bipolares, representativas do pensamento ocidental. Apesar de não ter sido a proposta inicial de Bourdieu, suas análises sobre gênero se limitam aos padrões binários de dominação masculina. Há uma lacuna ao não considerar a dominação passando por grupos diversos, uma vez que dominação homem - mulher se apresenta de formas variadas, evidente ao se ampliar a visão para outras categorias como diferentes culturas, classe e raça (CORREA, 1999; CARVALHO, 2011).

Por seu caráter relacional, não se deve invalidar as análises de Bourdieu, mas é de extrema importância que essas outras manifestações de gênero em diferentes culturas, em diferentes classes sociais e ainda com recorte de raça sejam protagonizados nos estudos e ressaltadas suas particularidades. Por esta razão, torna-se importante ir além da análise

proposta por Bourdieu, no sentido de considerar as formas de dominação de gênero como multidimensionais, também relacionadas às inúmeras formas de identidade de gênero. Algo considerado no presente trabalho.

Apesar das críticas a esta obra em específico de Bourdieu, uma revisitação ao texto (BOURDIEU, 1998c) e uma defesa (BOURDIEU, 1996), argumentadas com base em toda sua teoria foram feitas pelo autor. Vale ressaltar que, o ponto mais importante e escolhido como norte para o presente trabalho tem base no fato de que a obra como um todo de Pierre Bourdieu é de extrema importância para a análise das mulheres nos campos sociais a partir de suas categorias, desenvolvidas em profundidade ao longo de toda sua carreira (CORREA, 1999; CARVALHO, 2011). Considerando a relevância da obra de Pierre Bourdieu para análises e denúncias sobre diversas formas de desigualdade social e de dominação simbólica, o enfoque da presente pesquisa será sobre as diferentes posições que as mulheres ocupam, considerando estratégias de manutenção e subversão dos espaços e suas relações com as possíveis manifestações de dominação. A obra de Bourdieu subsidia a análise sobre a violência simbólica e dominação oculta através da *doxa* de dominação masculina no esporte de uma forma muito variada e complexa, o que se faz interessante para a discussão do presente estudo. Além disso, as análises sobre questões de gênero foram subsidiadas pela literatura da área de forma mais abrangente, o que contribui para complementar e ampliar a perspectiva e os limites da análise que Bourdieu empregou a este tema.

4.1.3. Bourdieu, campo esportivo e as trajetórias das mulheres nos esportes de combate:

A contribuição de Bourdieu para o campo do esporte vai além dos textos por ele produzidos acerca do tema, pois seu método permite analisar o fenômeno esportivo de forma reflexiva e relacional. É possível uma apropriação da teoria sociológica de Bourdieu de forma a utilizar e estender suas categorias tais como campo, *habitus* e capital, como ferramentas de análise de determinada realidade. Antes de analisar sociologicamente o campo esportivo, é necessário se debruçar sobre a produção sociológica construída no entorno desse campo. Existem propriedades homólogas universais que regulam o funcionamento dos mais diversos campos, o que permite a utilização da teoria e das categorias para analisar o campo esportivo (SOUZA; MARCHI JR., 2010).

Para Jay Coakley (2017), sociólogo dedicado ao estudo do esporte, é possível ao

estudar este fenômeno, compreender suas diferentes formas de manifestação, valores ensinados aos sujeitos e as relações estabelecidas entre agentes e sociedade. O esporte é uma construção social que tende a incorporar condições existentes no meio social. Bourdieu por sua vez, não se preocupa em entender apenas o fenômeno esportivo em si, mas os fatores que levaram os agentes a socializarem e a estabelecerem diferentes preferências, de acordo com o que está disponível no campo esportivo (BUENO; MARCHI JR., 2020). A partir disso, Bourdieu coloca duas questões principais para pensar o esporte:

> Primeiramente, será que existe um espaço de produção, dotado de lógica própria, de história própria, dentro do qual se engendram os "produtos esportivos", ou seja, o universo das práticas e do consumo esportivo disponível e socialmente aceitável em um determinado momento? Em segundo lugar, quais são as condições sociais de possibilidade de apropriação dos diferentes "produtos desportivos" assim produzidos, prática de golfe ou de esqui de fundo, leitura de *Équipe* ou reportagem televisiva da Copa do Mundo de Futebol? Em outras palavras, como se produz a demanda por "produtos esportivos", como as pessoas adquirem o "gosto" pelo esporte e por um esporte em detrimento de outro, enquanto prática ou enquanto espetáculo? Mais precisamente, segundo que princípios, os agentes escolhem entre as diferentes práticas ou consumos esportivos que lhes são oferecidos em um dado momento como possíveis? (BOURDIEU, 2019b, p. 165).

O esporte é considerado como um campo social, sendo relativamente autônomo por não estar apenas condicionado às regras econômicas e sociais de um determinado momento histórico, uma vez que possui sua história e seus valores próprios também. No campo esportivo, ocorrem lutas pelo monopólio da definição legítima da prática esportiva e da atividade esportiva, e se incluem neste cenário as lutas entre amadorismo e profissionalismo, esporte-prática e esporte-espetáculo e também as lutas pela definição do corpo legítimo e do uso legítimo do corpo, com a incorporação ao *habitus* do sistema visível de formas corporais e posturas, a *hexis* (BOURDIEU, 2019b; BOURDIEU, 2014b).

O corpo legítimo, classe particular de esquemas de percepção, é socialmente conformado e aceito segundo gênero, classe social e a divisão social do trabalho. Esse corpo legítimo é transformado em *hexis* corporal por uma relação durável com o corpo real. Na

medida em que a relação com o corpo é uma maneira particular de o agente experimentar sua posição no espaço social, através das formas de se portar e se comportar, tem-se a experiência da distância entre corpo real e corpo legítimo (BOURDIEU, 2014b).

Bourdieu, a partir da análise do esporte moderno, sugere que a constituição de um campo de práticas esportivas acompanha a elaboração de uma filosofia política do esporte, que se faz como uma prática desinteressada vindo de uma filosofia aristocrática. É concebido como uma escola de coragem e virilidade, capaz de suscitar a vontade de vencer, mas uma vontade de vencer que se conforma às regras. O *fair play* representaria neste cenário uma maneira de jogar que mantém a postura cavalheiresca oposta à busca da vitória a qualquer preço (BOURDIEU, 2019b).

Uma modalidade esportiva tem mais chances de ser adotada por determinada classe social na medida em que não contradiz a relação com o corpo, ou seja, o esquema corporal enquanto depositário de uma visão do mundo social. O *habitus* esportivo, construído a partir das lutas pela definição legítima dos usos dos corpos, apresenta uma oposição recorrente entre filosofias antagônicas traduzidas em uma relação de forças entre as classes sociais. A forma de uso do corpo em cada prática se diferencia entre as que requerem contato corporal como futebol, rugby e lutas, por exemplo, dos que apresentam um distanciamento do corpo, como golfe ou tênis (BOURDIEU, 2019a; SALVINI; MARCHI JR, 2015).

O sentido da prática esportiva tem estreita relação com os gostos de classe e os estilos de vida. Os modos de ação e preferências dos agentes são gerados pelos mesmos esquemas de percepção e classificação presentes nos diferentes campos em que a vida se organiza. Assim, as práticas dos agentes se organizariam por meio de oposições homólogas entre si e em relação às posições de classe, sugerindo que escolhas mais legítimas ou vulgares estariam tanto prováveis quanto mais alta ou baixa a posição do agente em termos da posse de seus capitais (BOURDIEU, 2007).

A distribuição das práticas esportivas entre as classes sugere que uma escolha seja mais provável em relação, nos limites definidos pelo capital econômico e cultural e pelo tempo livre, à percepção e apreciação dos lucros e custos intrínsecos e extrínsecos de cada uma das práticas esportivas em função das disposições dos *habitus,* e mais precisamente, pela relação com o próprio corpo (BOURDIEU, 2007).

Vale ressaltar que o esporte tem seus valores atrelados à sociedade na qual se insere, considerando sua contextualização no tempo e espaço, visto que é constantemente transformado pelos agentes que dele se apropriam (COAKLEY, 2017). Dessa forma, o

esporte na contemporaneidade necessita de uma análise que reflita as mudanças sociais que vem ocorrendo no sec. XXI, as quais sugerem uma forte quebra de barreiras entre países e se torna cada vez mais uma sociedade global (MARQUES, 2015).

Na perspectiva bourdiesiana, o esporte como um fenômeno heterogêneo assume características e sentidos diversos, que traduzem os interesses e apropriações por parte dos diferentes grupos. Pode-se falar então em elasticidade semântica, que se refere ao modo de apropriação que cada grupo faz da prática de acordo com seu *habitus* (BOURDIEU, 1990).

Dentre inúmeros outros marcos sociais que exerceram influência na conformação do esporte contemporâneo, um de grande destaque foi a sua espetacularização, com a disseminação do *habitus* esportivo fortemente associado a questões políticas ideológicas e econômicas. Para que essa perspectiva do esporte espetáculo fosse fortalecida, houve um processo de divulgação do mesmo enquanto uma manifestação cultural importante, e de abrangência mundial, tornando-o um dos fenômenos mais conhecidos e consumidos no mundo inteiro (MARQUES, 2015). Além disso, possibilitou novas formas de manifestação, devido às diferentes incorporações desse fenômeno por diferentes culturas (MARQUES; ALMEIDA; GUTIERREZ, 2007).

Atualmente, nota-se maior presença de membros das elites em modalidades de menor distinção social, devido à posse de capital econômico, que lhes permite acesso a qualquer prática. Por outro lado, nos grupos socialmente menos privilegiados, não houve correspondente aumento da presença em modalidades que exigem não apenas valores distintivos, mas bens econômicos para poderem participar. Assim, a perspectiva mercadológica do esporte contemporâneo evidencia o acesso sem restrições de grupos privilegiados em práticas como lutas, rugby ou futebol. Ao mesmo tempo, restringe as possibilidades de acesso de grupos em posição menos privilegiadas à determinadas modalidades esportivas, não apenas por questões além de simbólicas, mas principalmente financeiras (MARQUES, 2015).

Em relação ao espaço das lutas no campo esportivo, Löiq Wacquant (2000) investigou lutadores de boxe em bairros de baixa renda em Chicago nos EUA, através de um estudo de campo que buscou entender como os lutadores percebem a experiência vivida e a construção simbólica da exploração a que são submetidos. Como uma modalidade esportiva na qual o uso do corpo é extremo, é notável a venda a baixo custo da capacidade que aquele corpo tem de suportar e causar abusos físicos. Os empresários, por um lado, ficando com a maior parte do lucro das lutas, e por outro, os atletas recebendo quantidades ínfimas e

aceitando tal condição, em decorrência de sua situação econômica.

A análise feita por Wacquant identifica a construção simbólica da exploração dos lutadores. O boxeador usa seu próprio corpo como matéria prima e ferramenta para o ofício, produzindo um capital corporal específico valorizado e vendido no mercado pugilístico. Os boxeadores, através da expressão de seus *habitus*, consentem com a situação de serem comercializados, de forma convergente às crenças dóxicas inscritas nas disposições corporais do lutador e na naturalização da exploração (WACQUANT, 2000).

Outro estudo etnográfico realizado com atletas de MMA (*mixed martial arts*), e inspirado no estudo de Wacquant (2000), investigou o processo de construção do *habitus* de lutadores e sobre as técnicas corporais que são aprendidas e se tornam parte de suas identidades. Uma reflexão é possível acerca do processo de "calejamento" dos corpos que permite aos atletas se identificarem e resistirem ao rigor que pressupõe essa modalidade. Esse calejamento dos corpos envolveria uma combinação complexa e variável de técnicas que alteram o corpo do lutador ao ponto de que ele possa lidar com esse rigor. A grande contribuição do estudo consiste no sentido de refletir sobre o calejamento dos corpos ligados à produção de uma identidade, e como determinados grupos produzem não somente tipos diferentes de corpos, mas corpos que expressam grupos sociais diferentes, *habitus* diferentes e uma noção de pertencimento, ou seja, um capital físico conhecido e reconhecido, que foi incorporado ao *habitus* desses lutadores, a *hexis* (SPENCER, 2009).

Ao se referir ao uso do corpo em uma modalidade de luta como o jiu-jitsu, mais especificamente o praticado por mulheres, torna-se necessária uma reflexão acerca de sua posição no campo esportivo, bem como do uso do corpo nesta modalidade esportiva de combate. Primeiramente, tem-se o dado histórico de que no início do século XX no Brasil, mais especificamente com a implementação do Decreto-Lei 3.199ª no ano de 1941, não eram indicadas às mulheres práticas que tivessem contato direto com o oponente, elementos eugênicos pregados que ajudam a entender por que esta prática fica à margem no campo esportivo (SALVINI; MARCHI JR., 2016).

Das modalidades esportivas incentivadas ao longo do tempo às mulheres, notam-se aquelas que visam a suavidade dos gestos e a conservação das formas corporais em conformidade com a normatividade binária de gênero, que é arbitrariamente definida e esperada para o corpo feminino. Resultante de uma construção social, que diferencia homens e mulheres através de estruturas dóxicas, tem-se a fundamentação de uma violência simbólica, que dita quais são os espaços legítimos de pertencimento para as mulheres, seja

no campo esportivo, ou nos demais campos da vida social (BOURDIEU, 2014a).

Dentre as práticas então permitidas por tal legislação, e muitas vezes legitimadas pela sociedade brasileira de forma arbitrária, estão a natação, a dança, e a ginástica, relacionadas ao condicionamento físico e à manutenção da saúde das futuras mães (SALVINI; MARCHI JR., 2016). Algumas práticas esportivas que pudessem promover um pretenso desvio corporal, ou seja, que expusesse o corpo a possíveis lesões, proporcionasse o desenvolvimento de músculos, de condutas e outras características inerentes à prática de atividade física, mas não condizentes com o corpo hegemonicamente e arbitrariamente definido como feminino frágil, foram limitadas por meio de leis que regulamentavam essa violência simbólica. No ano de 1965, o Conselho Nacional de Desportes definiu quais seriam as práticas reservadas aos homens, constando nesta lista as lutas, o futebol, futsal, rugby dentre outros (SALVINI; MARCHI JR., 2016; OLIVEIRA; MARQUES, 2015).

A revogação desta lei ocorreu somente no ano de 1979, culminando em um prejuízo para os resultados alcançados pelas mulheres que se engajam nestas modalidades esportivas. Se comparado àquelas permitidas para as mulheres, nota-se que as atletas já alcançavam desempenhos bem mais elevados em relação às modalidades proibidas. Essas atletas ainda enfrentam barreiras para se desenvolverem no campo esportivo. A falta de incentivo a determinadas modalidades evidencia uma violência simbólica que define quais os atributos considerados normativos do gênero, e assim incentiva as práticas que aproximam a praticante do corpo consumido pela sociedade patriarcal (SALVINI; MARCHI JR., 2016).

4.2. Carreira esportiva de mulheres no esporte de elite:

4.2.1. Sobre trajetória de vida e carreira esportiva.

Bourdieu apresenta alguns pressupostos para que seja abordada a trajetória de vida de um agente dentro de um campo. Primeiramente, considera o fato de que a vida se constitui de um todo, um conjunto coerente e orientado, que é aprendido como expressão da intenção subjetiva e objetiva de um projeto. Para se compreender trajetória, é necessário que sejam construídos os estados sucessivos do campo no qual essa se constituiu, o conjunto de relações objetivas que reuniram os agentes aos outros agentes do campo considerado, além dos confrontos neste espaço de possibilidades (BOURDIEU, 2011c). Conforme descrito por

Bourdieu, a análise da história de vida de um agente pressupõe a observação da trajetória do mesmo com todas as suas intersecções:

> A análise crítica dos processos sociais mal analisados e mal compreendidos que estão em jogo, sem que o pesquisador o saiba, na construção dessa espécie de artefato irrepreensível que é a "história de vida" não é sua finalidade. Ela leva a construção da noção de trajetória como uma série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo), em um espaço ele próprio em devir e submetido a transformações incessantes. Tentar compreender uma vida como uma série única e, por si só, suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outra ligação que a vinculação a um "sujeito" cuja única constância é a do nome próprio é quase tão absurdo quanto tentar explicar um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura de rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diversas estações. (BOURDIEU, 2011c p. 81)

Assim, para se compreender uma trajetória, leva-se em conta o conjunto de relações objetivas que vincularam o agente considerado aos outros agentes envolvidos no mesmo campo, e que se defrontam no mesmo espaço de possibilidade. Essa construção prévia permite analisar o conjunto de posições simultaneamente ocupadas em dado momento por um indivíduo que investe, enquanto agente, em diferentes campos da vida social (BOURDIEU, 2011c), dentre eles o campo da carreira profissional.

Iellatchitch, Mayrhofer e Meyer (2003), utilizando a Sociologia Reflexiva de Pierre Bourdieu, contribuíram com a teorização do conceito de carreira enquanto um campo social, a fim de discutir esse fenômeno, o qual tem reflexo tanto na realidade individual, quanto social. Muitos pesquisadores se debruçaram em pesquisas que olhassem para carreira em várias perspectivas, e que foram fundamentais para auxiliar na compreensão sobre o que acontece nos caminhos percorridos pelos indivíduos ao longo de suas vidas profissionais.

O campo das carreiras passa por mudanças rápidas e constantes. Assim, os agentes necessitam também se desenvolver, ou seja, acumular os capitais e transformar seu *habitus* a fim de adaptarem-se as essas mudanças. Quanto mais seletivas são as regras, alteradas pelos agentes ali dominantes, mais difícil é adentrar ou ascender neste campo. Isso possibilita a preservação do acesso mais fácil aos agentes detentores dos capitais, tanto econômico, quanto social ou simbólico (IELLATCHITCH; MAYRHOFER; MEYER, 2003).

Os autores utilizam o termo *career capital*, ou capital de carreira, referente a um capital específico com valor neste campo onde ocorrem as lutas por ascensão profissional. Indivíduos com menos capital de carreira podem ser submetidos a carreiras não condizentes com seu *habitus*, nas quais o capital que possuem é menos valorizado. O campo da carreira definido por eles pode se desenvolver em várias direções e se mostra como relativamente autônomo. Quanto menos autônomo o campo da carreira é, menor será a importância do trabalho deste agente enquanto *status* social (IELLATCHITCH; MAYRHOFER; MEYER, 2003).

Quando se fala em carreira, é importante entender a trajetória de um agente para a escolha por determinada modalidade esportiva, quais são as condições que permitem investir em uma prática e como se dá esse processo até o nível de elite. A literatura dá suporte para a compreensão de como essas relações acontecem. Hodkinson e Sparkes (1997) apresentam um modelo que se remete aos processos de tomada de decisão na transição de carreira de um agente, atentando-se para três dimensões: tomada de decisão racional, pragmática, resultado do *habitus* do agente; interação com outros agentes do campo e as disputas ali presentes; e as decisões realizadas a partir de uma parcela de imprevisibilidade, os pontos de inflexão (*turning points)* que podem estar presentes no curso da vida dos agentes.

No campo, os agentes tomam decisões de carreira dentro de seu horizonte de ação, o qual está submetido a um contexto macro, englobando as dimensões sociais, política, econômica, cultural e geográfica. Os horizontes de ação referem-se ao campo onde as decisões são tomadas e as ações realizadas. As posições dos agentes em determinado contexto, aliado às suas disposições pessoais, refletem as ações referentes às escolhas, às formas de agir e como consequência também, decisões no campo da carreira profissional (HODKINSON; SPARKES 1997).

O *habitus*, as estruturas e as oportunidades, exercem e sofrem influência mútua, e afetam as percepções sobre a viabilidade das oportunidades disponíveis. Os horizontes de ação ao mesmo tempo que limitam também ampliam a visão de mundo do indivíduo atrelada às suas possibilidades de escolhas. Esses horizontes são segmentados de forma que as pessoas não têm a noção global das oportunidades, uma vez que estão relacionados diretamente a fatores da ordem de classe social, gênero e raça (HODKINSON; SPARKES 1997).

Os pontos de inflexão estão dispostos em três categorias, que podem acontecer isolados ou em combinação entre si: primeiramente o ponto de inflexão estrutural,

determinado pelas estruturas externas das instituições envolvidas. Como exemplo tem-se o final do ensino fundamental, onde o indivíduo finaliza sua educação formal e opta por continuar estudando ou interromper o processo e alterar seu caminho. Vale ressaltar o contexto brasileiro, no qual indivíduos de classes sociais menos favorecidas em termos socioeconômicos, muitas vezes não podem optar pela continuidade nos estudos devido à necessidade de entrar no mercado de trabalho para sustento próprio ou da família (IBGE, 2019). Outra categoria é o ponto de inflexão autoiniciado, ou seja, a precipitação de uma transformação em resposta a uma demanda que se apresente no campo ou na vida pessoal do agente em questão. Um exemplo seria a gravidez na vida de uma atleta e as possíveis adaptações e mudanças necessárias para esse momento na carreira. A terceira categoria é referente ao ponto de inflexão forçado, em geral causado por um evento externo ou por outros agentes, o qual pode ser exemplificado na carreira de uma atleta com uma possível lesão e suas consequências. Alguns pontos de inflexão podem ser previstos, enquanto outros não, e as mudanças ocorridas através desses eventos causam também alterações no *habitu*s dos agentes. Essas transformações podem ser tanto confortáveis e tranquilas, quanto difíceis e traumáticas (HODKINSON; SPARKES 1997).

Quando se fala em carreira de atletas de elite, Barker et. al. (2014) sugerem que treinos extensivos e grande dedicação são necessários para que se alcance a excelência em determinada modalidade. A habilidade de responder rapidamente e de forma intuitiva a uma demanda é considerada um indicador de excelência. Fatores que indicam tal excelência no esporte de elite podem ser: uma grande quantidade de conhecimento específico, habilidade de interpretar conteúdos importantes das informações disponíveis, armazenar e acessar informações de forma eficaz, reconhecer padrões de ação dentro da modalidade, além de tomar decisões rápidas e efetivas (BARKER et.al.,2014). Somado a isso, busca-se a compreensão dos caminhos percorridos para se chegar à elite de forma sustentável, através de uma perspectiva holística, que considera a saúde e o bem-estar do atleta em todos os campos de sua vida, ao mesmo tempo em que persegue os mais altos níveis dentro do esporte. Essa perspectiva sustentável pode minimizar as consequências devastadoras que os limites aos quais são submetidos podem ter, tanto durante a carreira enquanto atleta, quanto no pós-carreira (DOHLSTENA; BARKER-RUCHTI; LINDGREN, 2020).

Quanto aos processos para um atleta atingir um nível de excelência no esporte, há uma variedade de fatores, como genética, idade, valor cultural atribuído àquela prática, bem como o tempo gasto e tipo de prática que os atletas de elite se engajam. Tão importante

quanto tais fatores, está uma dimensão que se relaciona com as disposições do atleta, ou seja, como ele se relaciona com seu campo social. A partir de uma visão de aprendizagem sociocultural, considera-se um processo de tornar-se atleta, no qual há uma aprendizagem que leva a um processo de mudança, de tornar-se uma pessoa diferente (*becoming)* (BARKER et.al., 2014, HODKINSON; BIESTA; JAMES, 2008). A partir disso, a excelência no esporte de elite não pode ser vista apenas como presença de mais ou menos conhecimento técnico ou tático, mas também do agente em relação à posição que ocupa dentro do campo, as interações às quais está submetido e as redes de relações com a comunidade esportiva em questão (BARKER et.al.,2014).

A aprendizagem pode levar a importantes mudanças nas disposições do agente e a partir disso, Barker et.al. (2014) propõem a ideia de *tresholds* para o esporte, relacionando o conhecimento de como os agentes interagem com seu mundo e não apenas como o veem, mas como se veem dentro e em relação a ele. Tal ideia se refere a algo que uma vez compreendido, vivido, abre um caminho não antes acessível ao agente, com profundas transformações individuais. Cruzar tais pontos de mudança (*tresholds*) pode ser crucial para transformações pessoais que afetam significativamente como o agente compreende seu envolvimento com o esporte.

Muitas vezes presencia-se a migração como um ponto de mudança, um *treshold* na carreira de um atleta. O atleta de elite é um trabalhador em busca de mercado para vender sua mão de obra qualificada, muitas vezes vivenciando esse processo desde a adolescência. Como consequência disso, nota-se muitas vezes na carreira atlética este processo migratório, promovido com duas finalidades: busca de aprimoramento técnico não atrelada a ganho salarial, ou atuar profissionalmente visando os salários e prêmios. Este tipo de migração acontece em maior número nas modalidades coletivas como o basquete, voleibol, handebol e futebol (MELO; CIRINO; RABELO, 2021).

Exemplo desta particularidade da carreira no esporte de elite, um estudo com futsal no Brasil demonstra que as condições de trabalho muitas vezes dependem desta disposição do atleta para migrar de cidade ou país. Por ser uma carreira laboral instável, tais mudanças muitas vezes se fazem necessárias, ficando evidente que atletas possuem uma posição desprivilegiada em relação aos clubes e demais instituições promotoras do esporte. Cada mudança expõe o agente à experimentação de constantes transformações no *habitus* como forma de adaptação a novas culturas e novas relações sociais. Diversas são as consequências para que esse agente e sua família possam, a cada mudança, se estabelecer em um local e

manter-se na carreira do esporte de elite (MARQUES; MARCHI JR. 2021).

Importante ressaltar que a carreira atlética reflete as tendências contemporâneas do mundo do trabalho, onde os atletas são confrontados pelo paradoxo da identificação com uma atividade que lhes proporciona pouca ou nenhuma chance de emancipação financeira, o que acarreta a necessidade de paralelamente buscarem outras formas de atividade que lhes garanta subsistência (MELO; CIRINO RABELO, 2021).

A construção da identidade de um agente passa pela esfera da ocupação exercida, da profissão, e de como se dá a representação desta ocupação no contexto sociocultural ao qual está inserido. Ao longo da história, a luta das mulheres para exercer seu papel na sociedade e a busca pela igualdade e por direitos apresenta-se também no campo laboral. A entrada da mulher no mundo do trabalho marca uma série de mudanças na sociedade como um todo (MELO; CIRINO; RABELO, 2021).

4.2.2. A estruturação do jiu-jitsu no Brasil e sua conformação na contemporaneidade.

O jiu-jitsu teve sua origem no *ju-jutsu*[2], uma arte marcial praticada principalmente pelos Samurais, desenvolvida para o combate corporal em curta distância através de técnicas de projeção, imobilizações, estrangulamentos e torções articulares (GALAN; GALAN, 2014). Sua origem não encontra consenso na literatura assim como a origem do judô, modalidade esportiva que, em algumas versões, é considerado como a origem do jiu-jitsu (SILVA et al., 2022).

Sobre a formação do jiu-jitsu brasileiro, a história mais conhecida pela grande mídia, divulgada de forma hegemônica por revistas e sites da área (LISE; CAPRARO, 2018) é a de que o jiu-jitsu se originou do *ju-jutsu*. Na América do Sul, o responsável pela difusão do *ju-jutsu* foi o professor Mitsuo Maeda, conhecido também como Conde Koma. No Brasil, Maeda conheceu Gastão Gracie, quem o ajudou a se estabelecer no país. A partir dessa relação, passou a ensinar as técnicas de *ju-jutsu* japonês ao filho de Gastão, Carlos. Alguns anos depois, já dominando a técnica, Carlos e seus oito irmãos mudaram-se de Belém do Pará para o Rio de Janeiro, onde passaram a ensinar as técnicas como fonte de renda. Seu irmão mais novo, Helio, começou a praticar também e a experimentar e desenvolver certas

[2] Vale ressaltar que vários estudos utilizam terminologias diferentes. Alguns utilizam *ju-jutsu* e outros o jiu-jitsu ou jiu-jitsu japonês, mas não se trata ainda do jiu-jitsu brasileiro.

adequações às técnicas. A adequação dessas técnicas foi um processo longo de aperfeiçoamento, sendo introduzidos, por exemplo, princípios de alavanca que reduziam a necessidade de uso de força física. Dava início ao processo de criação do jiu-jitsu brasileiro (GRACIE, 2005).

Lise et.al. (2017) fizeram um levantamento de fontes jornalísticas da época do surgimento do jiu-jitsu no Brasil e construíram um cenário que contrapõe e complementa a narrativa da família Gracie. Segundo os autores, o Conde Koma, que seria o precursor da arte marcial no Brasil, chegou ao país no ano de 1914. No entanto, no ano de 1908, o periódico Gazeta de Notícias publicou matéria em que relatava o retorno de um navio-escola da Marinha Brasileira. Nesta viagem, havia dois japoneses responsáveis por instruir os marinheiros brasileiros com as técnicas do *ju-jutsu*, eram os professores Sada Miyako e M. Kakihara. Dos marinheiros que aprenderam as técnicas, alguns foram designados para ensinar em escolas na Bahia, enquanto outros passaram a ensinar no Rio de Janeiro.

Outro ponto relevante encontrado em registros jornalísticos da referida época, foi a participação não mencionada pela família Gracie, de Donato Pires dos Reis como um dos fundadores da primeira academia de jiu-jitsu no Rio de Janeiro, juntamente com Carlos Gracie. Nota-se que algumas obras sugerem um apagamento de figuras importantes para a constituição do campo desta arte marcial no Brasil (LISE et.al., 2017).

Apesar de a história do jiu-jitsu ser contada em geral através dos registros da família Gracie, é importante considerar que outras famílias também tiveram contato com o Conde Koma, aprenderam o *ju-jutsu,* ajudaram na sua difusão, e foram agentes nas transformações das técnicas até que se constituísse o jiu-jitsu brasileiro, como é o caso da família Fadda. Luiz França, aluno direto do Conde Koma, foi quem ensinou as técnicas da arte marcial a Oswaldo Fadda, o responsável por difundir as técnicas no subúrbio de Bento Ribeiro, no Rio de Janeiro (FERREIRA, 2016).

A diferença na popularidade entre as famílias, com imenso destaque à família Gracie, pode ser atribuída dentre diversos outros fatores, que enquanto os Gracie ministravam aulas para a elite carioca, os Fadda concentravam-se mais em aulas para moradores do subúrbio do Rio. Fadda então, dedicou-se a ensinar crianças de comunidades carentes, e atualmente existem diversas equipes que descendem dos ensinamentos de sua família, sendo as duas principais equipes Nova União e Gfteam (FERREIRA, 2016).

Todo processo do jiu-jitsu ocorrido no Brasil causou uma diferenciação técnica e filosófica da prática japonesa e se deu por um processo de esportivização. A vertente

brasileira se destacou no cenário esportivo, e o jiu-jitsu brasileiro passou a ser reconhecido como uma modalidade esportiva de combate. A institucionalização da modalidade como tal é recente e não há um consenso entre seus vários órgãos reguladores, refletindo um cenário de concorrência entre múltiplas federações internacionais e campeonatos mundiais (VICENTINI; MARQUES, 2018a).

A primeira federação criada no ano de 1967 com o intuito de regulamentar a prática foi a Federação de Jiu-jitsu da Guanabara (FJJG). Com o objetivo de dar autonomia ao jiu-jitsu que estava então submetido à Federação Brasileira de Pugilismo, cinco escolas lideradas por Hélio Gracie, Álvaro Barreto, João Alberto Barreto, Hélcio Leal Binda e Oswaldo Fadda se reuniram para tal. No ano de 1973, o jiu-jítsu foi legalmente reconhecido como modalidade esportiva pela Confederação Nacional de Desportos e em dezembro deste mesmo ano, foi realizada no Rio de Janeiro a primeira competição oficial, organizada pela FJJG. Com a fundação da FJJG, as regras do jiu-jitsu como se conhece hoje começaram a ser definidas. A modalidade passou a organizar um sistema de graduação por cores de faixa, divisões por idade, peso, tempo de luta, pontuações e técnicas. Tais regras permitiram maior interação entre as academias, e consequente expansão das competições (VICENTINI, 2021).

Nos anos seguintes, os processos de estabelecimento e de difusão da modalidade no Brasil e no mundo continuaram acontecendo. Alguns praticantes foram mais responsáveis pelo processo de estruturação do jiu-jitsu como modalidade esportiva, enquanto outros se concentraram mais na profissionalização do vale tudo/*mixed martial arts* (*MMA*). Rorion Gracie foi um dos idealizadores do maior e mais lucrativo espetáculo de *MMA* da atualidade, o *UFC* (*Ultimate Fight Championship*). A visibilidade alcançada pelos atletas brasileiros de jiu-jitsu no evento foi um dos fatores responsáveis para que, a partir do ano de 1993, houvesse um crescimento significativo da modalidade no país (VICENTINI, 2021).

No ano de 1994, Carlos Gracie Junior foi responsável por fundar e se intitular presidente da Confederação Brasileira de Jiu-jitsu (CBJJ) e a *International Brazilian Jiu-Jitsu Federation* (*IBJJF*). No ano de 1996, o primeiro campeonato mundial de jiu-jitsu organizado pela *IBJJF* foi realizado na cidade do Rio de Janeiro. Em 2007 teve sua primeira edição já nos Estados Unidos. Os anos seguintes à criação da CBJJ e *IBJJF* foram marcados por rupturas que proporcionaram o surgimento de novas instituições, dentre elas a Confederação Brasileira de Jiu-jitsu Olímpico (CBJJO) em 2002 e a Confederação Brasileira de Jiu-jitsu Esportivo (CBJJE) em 2007 (VICENTINI, 2021, (RODRIGUES et al., 2018).

Atualmente, não há consenso ou padronização dos títulos entre os diversos órgãos

reguladores, o que possibilita a existência de mais de um campeão mundial e campeão brasileiro em cada categoria de disputa. Em 2002 é fundada a *Sport Jiu-Jitsu International Federation* (*SJJIF*) com o objetivo de unificar a modalidade visando *status* de esporte olímpico e paralímpico e destacando-se por suas premiações em dinheiro (VICENTINI, 2021).

Vale ressaltar que como em outras modalidades de luta, há também no jiu-jitsu uma graduação hierárquica que simboliza o nível em que se encontra a formação e o conhecimento do praticante. Esta graduação é simbolizada pela cor das faixas utilizadas na cintura dos mesmos (VICENTINI; MARQUES, 2018a). O simbolismo da cor da faixa para evidenciar as diferenças de experiência entre os praticantes foi utilizado inicialmente no judô por Jigoro Kano. No jiu-jítsu são adotadas as cores: branca, cinza, amarela, laranja, verde e azul, roxa, marrom e preta, nesta ordem de graduação. Quanto às categorias, os atletas são divididos por idade, peso e cor da faixa, ou apenas pela cor da faixa na categoria denominada "absoluto (VICENTINI; MARQUES, 2018a; VICENTINI, 2021).

As categorias por peso e idade que existentes atualmente no jiu-jitsu são as seguintes:

CATEGORIAS	*PRÉ-MIRIM		MIRIM/LITTLE		INFANTIL A		INFANTIL B		INFANTO JUVENIL A		INFANTO JUVENIL B		JUVENIL		ADULTO		MASTER	
NASCIDOS EM	2018 e 2017		2016 e 2015		2014 e 2013		2012 e 2011		2010 e 2009		2008 e 2007		2006 e 2005		2004 e 1993		Master 1: 1992 a 1987 Master 2: 1986 a 1982 Master 3: 1981 a 1977 Master 4: 1976 a 1972 Master 5: 1971 a 1967 Master 6: antes de 1966	
IDADE	4 anos e 5 anos		6 anos e 7 anos		8 anos e 9 anos		10 anos e 11 anos		12 anos e 13 anos		14 anos e 15 anos		16 anos e 17 anos		18 anos e 29 anos		Master 1: 30 a 35 anos Master 2: 36 a 40 anos Master 3: 41 a 45 anos Master 4: 46 a 50 anos Master 5: 51 a 55 anos Master 6: acima de 56 anos	
TEMPO DE LUTA	2 min		2 min		3 min		3 min		3 min e 30 seg		4 min		Branca: 4 min Azul: 5 min		Branca: 5 min Azul: 6 min Roxa: 7 min Marrom: 8 min Preta: 8 min		**MASTER 1** Branca e Azul: 5 min Roxa/Marrom/Preta 6 min **MASTER 2 à 6** Branca: 4 min Azul/ Roxa/ Marrom/ Preta: 5 min	
PESO	FEM	MAS	FEM	MAS	FEM	MAS	FEM	MAS	FEM	MAS	FEM	MAS	FEM	MAS	FEM	MAS	FEM	MAS
galo	15	17	16	18	18	23	23	29,3	29,3	34,5	35,5	44	43,7	53,5	-----	58	-------	58
pluma	17	19	18	20	20	26	26	32,3	32,3	38,5	39,5	48	48	58,5	53,5	64	53,5	64
pena	20	22	21	23	23	29,3	29,3	35,5	35,5	42,7	43,7	52,5	52,5	64	58,5	70	58,5	70
leve	23	25	24	26	26	32,3	32,3	38,5	38,5	46,7	48	56,5	56,5	69	64	76	64	76
médio	26	28,3	27	29,3	29,3	35,5	35,5	41,7	41,7	51	52,5	60,5	60,5	74	69	82,3	69	82,3
meio pesado	29,5	31,3	30,5	32,3	32,3	38,5	38,5	44,7	44,7	55,5	56,5	64,5	65	79,3	74	88,3	74	88,3
pesado	32,3	34,5	33,3	35,5	35,5	41,7	41,7	47,7	47,7	59,5	60,5	69	69	84,3	80	94,3	80	94,3
super pesado	35,3	37,5	36,3	38,5	38,5	44,7	44,7	51	51	63,5	65	73	73	89,3	85	100,5	85	100,5
pesadíssimo	38,5	42,5	40	44	42,5	50	48	55	55	67,5	69	77	+73	+89,3	+85	+100,5	+85	+100,5
extra pesadíssimo	+38,5	+42,5	+40	+44	+42,5	+50	+ 48	+55	+55	+67,5	+69	+77	------	------	------	------	----------	----------

FEMININO EM AMARELO

MASCULINO EM VERDE

Figura 1: Tabela de peso com quimono CBJJE - 2022

Em relação à participação de mulheres no jiu-jitsu, destaca-se o pioneirismo da atleta Yvone Duarte, primeira mulher a se tornar faixa preta de jiu-jitsu brasileiro. Yvone começou a treinar no ano de 1978, aos 14 anos de idade, no Rio de Janeiro. Como nesta época os campeonatos eram exclusivamente direcionados aos homens, Yvone, junto com outras atletas da Equipe na qual treinava (Equipe do mestre Oswaldo), começou um movimento de pressão às federações para a abertura de espaço para que mulheres pudessem competir. No ano de 1985, na faixa azul, disputou e ganhou o primeiro campeonato que abriu espaço para as categorias de mulheres (GRACIEMAG, 2021).

Outra atleta notável e de grande importância no jiu-jitsu para as mulheres é Rosângela Conceição, também conhecida por Zanza. Ela foi a primeira mulher a ganhar um título mundial de jiu-jitsu no ano de 1998. Em seu histórico também se ressalta a participação em duas olimpíadas, no ano de 1996 em Atlanta no judô e no ano de 2008 em Pequim no *wrestling* (BJJHEROES, sd.; VENUM, 2015).

Com grande destaque, tanto competitivo quanto na mídia, é importante mencionar a atleta Kyra Gacie. Ela começou a competir aos 11 anos de idade, foi a primeira mulher faixa preta da família Gracie e obteve diversos títulos durante sua carreira, dentre eles cinco campeonatos mundiais. Kyra também pode ser considerada uma das responsáveis pela abertura de espaços para mulheres nessa modalidade esportiva (REVISTA TPM, 2018, VENUM, 2015).

Inúmeras outras atletas de grande importância estiveram lutando ao longo desses anos abrindo espaços e contribuindo para fortalecer a participação das mulheres no jiu-jitsu. Dentre elas estão Leka Vieira, Leticia Ribeiro, Hannette Staack, Michelle Nicolini, Gabi Garcia, dentre inúmeras outras (VENUM, 2015; BJJFANATICS, s.d.)

Vale ressaltar que o Campeonato Mundial, organizado pela *IBJJF*, teve sua primeira edição no ano de 1996, registrando-se a participação de mulheres apenas no ano de 1998. Até o ano de 2004, as mulheres graduadas com a faixa roxa lutavam junto com graduadas nas faixas marrom e preta. No ano de 2012, devido ao aumento no número de mulheres atletas, houve a separação por faixas nos campeonatos. Atualmente existem competições em as categorias de faixa e peso para as mulheres, excetuando-se apenas a categoria peso pesadíssimo - conforme descrito na tabela 1 (GRACIEMAG, 2020).

4.2.3. As mulheres no subcampo do jiu-jitsu de elite.

Consideradas como invasoras de um espaço reservado aos homens, as mulheres estão submetidas a situações de enfrentamento e resistência para se consolidarem no campo do esporte de elite. Como consequência, percebem-se disparidades acarretadas na evolução das modalidades esportivas antes proibidas às mulheres, como no processo de profissionalização, por exemplo (RUBIO; VELOSO, 2019; SALVINI; MARCHI JR., 2016).

Apesar do aumento da participação das mulheres, o esporte ainda se constitui em um universo de reserva masculina por excelência. Há menor legitimação de seus feitos e menor equidade em relação aos homens (MARIVOET, 2002). Exemplo de maior valorização dos homens está no corte nos orçamentos, que tendem a atingir mais facilmente os programas destinados às mulheres, na maioria de homens nos cargos de tomada de decisões, além de uma ideia de que mulheres fortes, que praticam determinadas modalidades esportivas, podem se tornar ameaça à representação de gênero arbitrariamente tida como valorosa (COAKLEY, 2017). Além disso, as mulheres atletas enfrentam uma representação midiática que não reflete a realidade dos resultados obtidos por elas, sendo ainda vistas pelo prisma da hegemonia masculina no campo esportivo (SHERRY; OSBORNE; NICHOLSON, 2015).

Apesar de haver um aumento na participação de mulheres enquanto praticantes de modalidades esportivas diversas, é possível perceber uma baixa representatividade nas posições de tomada de decisão, como cargos administrativos e também enquanto treinadoras (PASSERO et.al, 2019). Esta situação repete-se em diversos países, e dados mostram que cerca de 80% das pessoas que ocupam esses cargos são homens. Além disso, o número de mulheres treinadoras vem diminuindo dos anos 1970 para os dias atuais, levando a questionamentos acerca da ideologia presente no fato de abrir espaços para que mulheres pratiquem esporte, mas que não sejam responsáveis por posições de tomada de decisões (COAKLEY, 2017; EVANS, PFISTER, 2020).

Esses dados refletem o estudo de Acosta e Carpenter (2014) que explicita tal funcionamento no contexto da América do Norte, através de um estudo longitudinal. É importante ressaltar que no ano de 1972 foi instituído o *Title IX*[3]*,* que explica o fato de nos

[3] O *Title IX* refere-se à legislação federal que proíbe a discriminação baseada em gênero nos programas de educação, incluindo esportivos, que recebem recursos financeiros do governo dos Estados Unidos. Foi instituída no ano de 1972 e definiu como prazo o ano de 1978 para que as escolas e universidades se adequassem às medidas propostas. Tais medidas impactaram positivamente no aumento da oferta de acesso e prática para meninas e mulheres em equipes esportivas, porém, como demonstrado pelo estudo, não houve

anos 1970 haver uma porcentagem de mais de 90% de mulheres nos cargos de treinadoras. O estudo, que acompanhou equipes esportivas das universidades associadas à *National Collegiate Athletic Association* (NCAA) ao longo de mais de 30 anos, revelou uma queda nessa porcentagem de mulheres em cargos de treinadoras, chagando a uma porcentagem de apenas 43,4% em 2014. Fica evidente através o reflexo das desigualdades entre homens e mulheres no acesso à posição de treinador nas equipes esportivas universitárias inseridas na NCAA.

No Brasil, esse cenário não é diferente, pois no que se refere às mulheres que ocupam a função de treinadora de equipes de nível nacional, grande parte delas concentram-se nas modalidades ditas "femininas", ou seja, na ginástica rítmica e nado sincronizado (RUBIO, 2021). Dados analisados no ano de 2013, mostram como realidade no Brasil que apenas 7% das treinadoras esportivas são mulheres, em um total de 259 federações esportivas de 22 modalidades. Entre as federações pesquisadas, 71,4% não possuem mulheres cadastradas como treinadoras, sugerindo uma reserva de mercado apoiada na resistência de dirigentes quanto à contratação de mulheres (FERREIRA, SALLES, MOURÃO E MORENO, 2013). Vale ressaltar que nas posições de destaque estão os dirigentes, que definem índices, verbas e comissões técnicas e essas decisões têm consequência na vida dos atletas. Através dessa estrutura de poder estabelecida entende-se por que o número de mulheres é tão reduzido ou inexistente nesses espaços (RUBIO, 2021).

Frente a isso, as expectativas coletivas, em decorrência da incorporação de uma realidade *dóxica* pelos agentes que ocupam as diferentes posições na estrutura do campo, estabelece uma lei universal, exercida por uma violência simbólica, que define as oportunidades, desencoraja e limita ações que não são esperadas para as mulheres. Percebe-se então que, ocupar determinadas posições de poder é uma hipótese muitas vezes descartada pelas próprias mulheres. Quando ocupadas, se tornam ações heterodoxas que englobam um enfrentamento para que se estabeleçam e possam exercer sua autoridade, em posições construídas sob medida pelos homens e para os homens (BOURDIEU, 2014a; BOURDIEU 2019a).

Em relação ao Jiu-Jitsu, no Brasil esta é uma modalidade esportiva considerada majoritariamente amadora, onde grande parte dos atletas de elite tem sua fonte primária de

---

efetividade no que se refere ao acesso das mulheres em posições de tomada de decisão (ACOSTA; CARPENTER, 2014).

renda voltada ao oferecimento de aulas. A baixa visibilidade midiática faz com que essa seja uma prática na qual apenas um grupo seleto de atletas possua financiamento para exclusivamente treinar e competir (VICENTINI, MARQUES, 2018c).

Um estudo com o rugby praticado por mulheres, em nível de elite, também mostrou dificuldades para a prática e profissionalização no esporte. Segundo as atletas da seleção brasileira, a profissionalização do rugby feminino teve início apenas em 2013, com a entrada desta modalidade esportiva nos Jogos Olímpicos, e ainda assim todas as atletas possuíam profissões em paralelo como forma de garantir seu sustento e manterem-se na prática. Consequentemente, enquanto seleção brasileira, os treinos na maioria das vezes não aconteciam com a equipe toda reunida, o que foi considerado pelas atletas como um fator limitador para a melhora dos resultados da seleção (OLIVEIRA; MENEZES; MARQUES, 2017).

Ainda quanto ao rugby em nível de elite, estudos realizados no Brasil e na França mostraram que as atletas desta modalidade esportiva costumam vivenciar ao longo de suas carreiras questionamentos acerca de sua identidade de gênero e até mesmo de sexualidade. Isso se dá através de uma associação arbitrária construída entre uma modalidade esportiva com prática de reserva masculina, diminuindo a legitimidade tanto da participação, quanto dos feitos realizados por mulheres que se engajam nesta prática (JONCHERAY; LEVEL; RICHARD, 2016, OLIVEIRA; ALTMANN; MARQUES, 2019).

Essas disputas também ocorrem no subcampo do futebol, onde o amadorismo conferido ao futebol praticado por mulheres acarreta desvantagens e críticas quando comparado ao praticado por homens, havendo questionamentos tanto à técnica, quanto à plasticidade do jogo (SALVINI; MARCHI Jr., 2015). Isso também ocorre no futsal, se acrescentado ainda a pouca visibilidade midiática, falta de incentivo financeiro e de campeonatos direcionados às mulheres (MASCARIN; OLIVEIRA; MARQUES, 2017).

Neste cenário, vale ressaltar que o jiu-jitsu também apresenta diferenças de reconhecimento entre homens e mulheres. Atletas desta modalidade esportiva referem que enfrentam ao longo da construção de suas carreiras, falta de incentivo, preconceito e até mesmo assédio sexual. Há também uma diferenciação quanto aos valores nas recompensas financeiras e patrocínios recebidos, que costumam ser maiores para os homens (REVISTA TATAME, 2019).

Em relato à imprensa, Monique Elias, atleta brasileira de elite do jiu-jitsu, relatou que há um processo de mudança que vem ocorrendo. Tais mudanças têm sido causadas pelas

agentes do campo que oferecem resistência e se comportam de forma a alterar esse funcionamento, o qual relega às mulheres uma posição inferiorizada em relação aos homens. Nota-se um crescimento do número de atletas nas academias, com maior aceitação por parte dos professores e dos demais praticantes quanto à presença de atletas mulheres nos tatames. (REVISTA TATAME, 2019).

No cenário competitivo, a atleta relata que mais mulheres conseguem ter sua renda vinda do jiu-jitsu na atualidade, quando comparado a anos anteriores, mas com atividades relacionadas, não apenas como atletas. A renda pode ter origem em aulas, seminários e até mesmo premiações, que apresar de ainda não refletirem um cenário de igualdade em relação aos homens, demonstram um avanço em relação aos anos anteriores (REVISTA TATAME, 2019). No ano de 2021, uma importante conquista ocorreu quando algumas instituições começaram a igualar o valor dos prêmios entre homens e mulheres. É o caso do campeonato paulista de BJJ (*Brazilian* jiu-jitsu) promovido pela CBJJE (Confederação Brasileira de Jiu-Jitsu Esportivo) (REVISTA TATAME, 2021). Outro marco ocorrido recentemente foi o crescimento de uma equipe gerida totalmente por mulheres, a AVIV Jiu-Jitsu, das responsáveis Ana Carolina Vieira e Luanna Alzuguir. A equipe foi fundada no ano de 2018 e tem sede na Florida, EUA. (REVISTA TATAME, 2020; AVIV, 2021).

Uma das grandes questões que ainda se colocam como barreira para o desenvolvimento da carreira das atletas é a falta de recursos financeiros por parte de patrocinadores. Tais incentivos poderiam ser responsáveis por proporcionar melhor desenvolvimento da carreira dessas atletas, as quais ainda precisam buscar outras formas de subsistência para se manter na prática (REVISTA TATAME, 2019).

Alguns pontos são sugeridos para se pensar uma mudança do jiu-jitsu no sentido de alcançar maior igualdade entre homens e mulheres na modalidade. Primeiramente uma necessidade de que alguns comportamentos preconceituosos com a presença da mulher no tatame deixem de existir, tanto em relação ao assédio quanto ao desmerecimento da atuação delas. Outro ponto seria a abertura de mais espaços de atuação para essas mulheres, seja como professoras, ou com o apoio para as atletas competirem. Maior abrangência da mídia e consequentemente maior consumo por parte do público poderia levar a um aumento na visibilidade do jiu-jitsu praticado por mulheres (REVISTA TATAME, 2020).

O MMA (*Mixed Martial Arts*), por se tratar de uma modalidade esportiva constituída por técnicas de diferentes lutas e artes marciais como o Muay Thai, Luta Livre, Boxe, Judô, Capoeira, Taekwondo, e englobando também o jiu-jitsu, propõe uma aproximação teórica

de possível contribuição ao presente estudo. Além disso, nos registros de delineamento do cenário inicial do MMA no Brasil, é relevante a eficiência do jiu-jitsu frente a outras práticas, sendo presente grande número de atletas desta forma de luta no MMA (SALVINI, 2017).

Salvini (2017) propôs-se a delimitar o subcampo do MMA de lutadoras mulheres na cidade de Curitiba/PR, de forma a analisar as disputas que acontecem nesse espaço, e assim ampliar a análise para um contexto maior. Para isso, buscaram entender os elementos que constituem os subcampos do MMA e os *habitus* ali alicerçados. A partir da obra de Pierre Bourdieu, elucidaram algumas relações travadas entre agentes e estruturas no interior do subcampo do MMA, bem como as estratégias de funcionamento desse espaço social e esportivo. Foi possível constatar neste estudo, que o conceito de *illusio* foi fundamental para entender como essas mulheres se doavam para as disputas no MMA, ou seja, como se dava a noção delas de pertencimento àquele jogo. Outro ponto é que o bom desempenho das mulheres oportuniza a elas ascensão mais rápida na carreira em comparação aos homens, pois a quantidade de lutadoras é menor que a de lutadores, proporcionando um caminho mais curto.

Notou-se também a presença representativa no cenário do MMA da atleta Ronda Rousey, que ao apresentar um desempenho esportivo importante somado à sua imagem física, considerada em consonância com atributos normativos de feminilidade, difundiu a modalidade e angariou novos consumidores. A atleta também contribuiu para a desconstrução de estigmas que atribuídos às mulheres lutadoras e para o início de um processo de legitimidade delas no interior do subcampo do MMA (SALVINI, 2017).

O estudo propôs a existência de um *habitus* do MMA, considerando a posição marginal que as mulheres ocupam no esporte, e que tem em suas raízes elementos reforçados pela masculinidade hegemônica. Ao identificar disposições iniciais para a prática do MMA, constataram que as lutadoras, mesmo não sendo inseridas nesse subcampo desde crianças, demonstram que seus corpos possuem disposições para práticas análogas às do campo esportivo, ou ainda, do subcampo do MMA. Além das disposições iniciais para a ação, vinculadas ao capital físico, e ao desempenho, o *habitus* das mulheres no MMA também se relaciona com elementos normativos de gênero, pois além do capital físico, buscam evidenciar atributos de feminilidade normativa, a fim de aumentar as possibilidades de difusão de sua imagem, principalmente no que diz respeito aos patrocínios (SALVINI, 2017).

Diversos outros temas são abordados na literatura internacional a respeito de carreira de mulheres no esporte de elite. Dentre eles estão a maternidade, como um *treshold* para a mulher atleta e se torna mãe e quais os conflitos resultantes dessa mudança. Além de a maternidade ser um momento de tomada de decisão na carreira, um ponto de inflexão, que resultada em acontecimentos que podem ser previstos ou não na vida de uma agente, e que a coloca em um processo de escolhas. Escolhas tais, resultantes de seu *habitus,* da interação com os demais agentes do campo e das disputas ali presentes (PEDERSEN, 2001; MARTINEZ-PASCUAL et. al., 2014, HODKINSON; SPARKES 1997). A representação sexualizada da mídia em torno da mulher atleta, a evolução e as mudanças ao longo do tempo através das lutas por diferentes representações também são temas referentes à carreira esportiva de mulheres (WANNEBERG, 2011, BRUCE, 2015, SHERRY; OSBORNE; NICHOLSON, 2015), além do assédio sexual sofrido por mulheres atletas nos ambientes de prática esportiva (ESPN, 2019).

Quanto ao jiu-jitsu, esta é uma modalidade esportiva em constante transformação e a participação das mulheres vem aumentando ao longo dos anos. No entanto, ainda é uma luta constante para que elas possam legitimar sua participação nesse subcampo. Vale frisar que as mulheres estão mostrando cada vez mais suas habilidades no tatame, não apenas no desenvolvimento das técnicas propriamente ditas, mas também nas quebras de paradigmas e preconceitos que cercam as modalidades esportivas de lutas (SILVA et al., 2022).

5. MÉTODOS

O presente trabalho se enquadra em uma abordagem qualitativa de pesquisa, baseada em Análise Temática Reflexiva (ATR) (BRAUN; CLARKE, 2019) sobre entrevistas semiestruturadas com mulheres atletas que atuam no jiu-jitsu de elite no Brasil. Atende ainda aos anseios por uma sociologia baseada no empirismo e na investigação sobre eventos sociais de modo a descrever o *habitus* dos agentes sociais envolvidos neste campo de análise (BOURDIEU; WACQUANT, 1992).

A ATR é um método de pesquisa qualitativa amplamente utilizado em estudos nas áreas da saúde, esporte e exercício, que possibilita identificar temas e padrões significativos dentro de um corpo de dados (BRAUN; CLARKE, 2006; BRAUN; CLARKE, 2019). Neste método, um tema é configurado como um padrão de significados compartilhados sustentados por um conceito central (BRAUN; CLARKE, 2018) O tema "… captura algo importante em

relação à questão geral da pesquisa e representa algum nível de respostas padronizadas ou com sentido dentro do corpo de dados (BRAUN; CLARKE, 2006, p. 82)[4].

A ATR requer envolvimento e interpretação do pesquisador, por isso, os temas não simplesmente emergem dos dados, mas são identificados e construídos por ele (BRAUN; CLARKE, 2006). A reflexividade e a subjetividade do pesquisador são entendidos como ferramenta analítica para a produção do conhecimento, e seu engajamento reflexivo fundamental para o processo de análise e interpretação dos dados (BRAUN; CLARKE, 2019, BRAUN; CLARKE, 2020). Este método é amplamente utilizado em estudos no campo do esporte, especialmente quando relacionados ás áreas de humanidades (BRAUN, CLARKE & WEATE, 2016; MARQUES & GRAEFF, 2022).

Para fundamentar a discussão, foi utilizada a Sociologia Reflexiva e Teoria dos Campos de Pierre Bourdieu. Esta abordagem, baseada na análise de disposições e formas de dominação ocultas que criam e perpetuam disputas e desigualdades nos campos sociais (BOURDIEU & WACQUANT, 1992), pôde contribuir para uma compreensão aprofundada e robusta sobre as estruturas sociais e formas de ação das atletas de jiu-jitsu de elite no Brasil.

Bourdieu e Wacquant (1992) sugerem alguns passos metodológicos a serem seguidos, sendo o primeiro analisar a posição que o referido campo ocupa em seu espaço social (como o subcampo do jiu-jitsu se situa frente ao campo esportivo). Em seguida, traçar um mapa da estrutura objetiva das relações ocupadas pelos agentes ou instituições que competem de forma legítima pela autoridade específica no campo [lutadores (as), treinadores (as), dirigentes, entre outros]. Por fim, devem ser analisados os *habitus* dos agentes (BOURDIEU; WACQUANT, 1992). Neste sentido, as informações iniciais deste projeto de pesquisa dão conta desta "localização" do jiu-jitsu no campo esportivo, bem como a posição das mulheres neste subcampo. As entrevistas atenderão às análises sobre os *habitus* e relação das agentes com os demais agentes do campo e as estruturas sociais que os permeiam.

5.1. Participantes:

Mulheres atletas brasileiras de jiu-jitsu, adultas, competidoras em nível de elite, aqui representado pela graduação com a faixa preta e que já tenham sido medalhistas em

[4] *A theme captures something important about the data in relation to the research question, and represents some level of patterned response or meaning within the data set* (BRAUN; CLARKE, 2006, p. 82).

competições de nível internacional. O acesso às participantes se deu pelo contato pessoal da pesquisadora com algumas atletas, busca em redes sociais, além do processo de "bola de neve", através do qual as entrevistadas indicaram as demais participantes do estudo (VINUTO, 2014). No texto, as atletas serão representadas pelas siglas P1, P2, P3, P4, P5 e P6 para que suas identidades possam ser preservadas.

5.2. Produção de dados:

Para a produção de dados, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com as atletas de acordo com o roteiro previamente elaborado (apresentado no apêndice deste projeto de pesquisa), por meio do aplicativo Google Meet, sendo o áudio gravado. Após cada entrevista, era iniciada a transcrição, momento que se deu o primeiro contato com os dados.

Durante o processo de escrita, foi possível perceber que haveria a necessidade de uma análise sobre questões de gênero, por ser impossível separar este tema quando se analisa trajetórias e carreiras de mulheres. Ao mesmo tempo, considerando a dimensão de interseccionalidade, não se pode abordar análises sociais sobre mulheres sem os recortes de condição socioeconômica e cor de pele (GOPALDAS, 2013; SALEM, 2018), e por esse motivo, foi necessário retomar as entrevistas com as atletas em um segundo momento, para questioná-las sobre tais informações. Apenas uma atleta (P4) não retornou a essa nova solicitação e suas informações sobre demais marcadores sociais não puderam ser analisadas.

5.3. Análise de dados:

A análise de dados realizada na presente tese seguiu uma Análise Temática Reflexiva dirigida pelas escolhas e interesses teóricos e analíticos dos autores deste trabalho e provenientes da pergunta da pesquisa. Tal abordagem é voltada à análise dos contextos socioculturais e condições estruturais que permitem e subsidiam a ação dos agentes (BRAUN; CLARKE, 2006). Deste modo, esta análise dos dados foi baseada em categorias sociológicas da obra de Pierre Bourdieu, especialmente direcionadas para interpretações e reflexões relacionadas ao esporte, carreira, profissionalismo e mulheres.

As autoras sugerem algumas escolhas metodológicas que são necessárias para produzir a Análise Temática. O processo de identificação dos temas pode ser feito de forma

indutiva, ou seja, um processo de codificação orientado pelo próprio conjunto de dados, sem direcionamento do pesquisador; ou de forma dedutiva/ teórica, quando dirigida por um interesse teórico, resultando em menos descrição dos dados e maior análise detalhada de algum aspecto do dado (BRAUN; CLARKE, 2006; BRAUN; CLARKE; WEATE, 2016). Mesmo sendo importante a escolha de um paradigma predominantemente indutivo ou dedutivo, coerente com os fundamentos epistemológicos da pesquisa, é importante considerar que em trabalhos mais recentes, as autoras refletem sobre limites para a rigidez em análises indutivas ou teórico-dedutivas. Isso significa que qualquer análise temática, mesmo que pautada em uma perspectiva teórico-dedutiva, permite que códigos e temas sejam criados a partir de questões não previstas, ou que em um primeiro momento não se relacionassem diretamente com referencial adotado para a investigação. Ambos os paradigmas devem estar abertos ao aparecimento de códigos e dados que evidenciem novidades ou novas perspectivas (BRAUN; CLARKE, 2019; 2020).

Outra escolha é referente ao nível em que o tema deverá ser identificado: semântico ou latente. Na abordagem semântica os temas são identificados dentro de significados explícitos, ou seja, descrição do que foi dito ou escrito pelo participante. Já a análise temática ao nível latente examina ideias, suposições e contextualizações, ou seja, é uma análise que vai além do que foi explicitado pelo participante (BRAUN; CLARKE; WEATE, 2016).

Em termos de condução epistemológica, destacam-se as formas essencialista/ realista, a qual considera experiências, significados e a realidade dos participantes assumindo-se uma relação unidirecional entre esses fatores e relato. Pode também ser um método construtivista, no qual os significados e experiências analisados são considerados como efeitos de uma série de discursos que operam dentro da sociedade (BRAUN; CLARKE; WEATE, 2016).

Com base nas possibilidades propostas pelas autoras, a identificação dos temas seguiu uma análise temática teórica, em nível latente e com condução epistemológica construcionista, conforme descrito abaixo:

a) Análise temática teórica: análise de dados sobre tópicos de interesse do pesquisador, com atenção a algum aspecto em particular. Como exemplo, a participação das mulheres no jiu-jitsu com a utilização das categorias sociológicas de Pierre Bourdieu como aporte teórico principal;

b) Temas latentes – a decisão sobre o nível de identificação dos temas segue uma linha latente, em que busca analisar ideias subliminares, suposições e ideologias presentes

nos discursos das atletas e suas contextualizações;

c) Análise temática construcionista – quanto à condução epistemológica da análise dos dados, foram considerados que significado e experiência são produzidos e reproduzidos socialmente, não inerentes ao indivíduo.

É importante destacar que Braun e Clarke utilizaram o termo Análise Temática *(Thematic Analysis)* em seus primeiros trabalhos sobre o método, tendo sido modificado com o tempo para Análise Temática Reflexiva (*Reflexive Thematic Analysis*). Esse processo de modificação da teoria se deu pelo fato de que inicialmente, o método foi apresentado de forma bastante flexível, porém com o tempo foram percebidas necessidades de melhor delimitação e maior rigor na caracterização das escolhas epistemológicas e metodológicas por parte de pesquisadores(as) (BRAUN, CLARKE, 2019; MARQUES, GRAEFF, 2022).

A reflexividade se manifesta no método a partir da associação da análise dos dados com o conhecimento e fundamentação teórica do(a) pesquisador(a), para responder as perguntas da pesquisa, sendo que a boa realização da ATR depende do envolvimento reflexivo e ponderado do(a) pesquisador(a) com os dados e com o processo analítico. Desse modo, a orientação das autoras é de que quando o método desenvolvido por elas for utilizado, que seja tratado como ATR, e não somente como AT (BRAUN, CLARKE, 2019; MARQUES, GRAEFF, 2022).

Para fazer a análise sobre os discursos das atletas, foram adotadas as seguintes etapas, que não precisam ser seguidas de forma linear, mas que são complementares e podem ser combinadas durante o processo analítico (BRAUN; CLARKE, 2006; 2020): 1) familiarização com os dados; 2) produção de códigos iniciais; 3) pesquisa por temas; 4) revisão dos temas; 5) definição e nomeação dos temas; 6) produção do relatório final.

1*) Familiarização com os dados*: nesta etapa, sugere-se um processo de imersão nos dados coletados de forma que o pesquisador desenvolva uma relação íntima com eles. Este processo envolve leitura e releitura dos dados transcritos, realização de anotações sobre itens que despertem o interesse e se mostrem relevantes para posterior análise. Este processo tem relação com buscar uma noção de conhecimentos dos dados para além de somente informações, mas de uma análise crítica que ajude a identificar conceitos relevantes para responder a pergunta de pesquisa (CLARKE; BRAUN; WEATE, 2016, BRAUN; CLARKE, 2020).

2) *Produção de códigos iniciais*: Esta é uma etapa fundamental da análise temática, e sugere que uma codificação rigorosa e sistemática dos dados permite a construção de uma

base sólida para se desenvolver os temas posteriormente. Um código permite identificar e rotular itens que despertem interesse nos dados e que sejam potencialmente relevantes para responder a pergunta de pesquisa. O processo de codificação envolve na prática ler e destacar cada excerto que tenha certa relevância, e pode ser feito de várias formas, tanto manualmente, quanto por programas de computador diversos. A codificação é flexível e orgânica, podendo ser vista e revista durante todo o processo de leitura, alterado, criado novos, excluídos ou inserido em outro já existente se fizer mais sentido (CLARKE; BRAUN; WEATE, 2016, BRAUN; CLARKE, 2020).

3) *Gerando temas iniciais*: Esta etapa envolve o agrupamento de códigos que permitam identificar padrões de níveis superiores. Esse agrupamento deve permitir uma leitura com nuances que capturem alguma diversidade e não uma ideia apenas. Para além do significado padronizado por meio de um conjunto de dados, o tema deve mostrar algo de importante, de acordo com sua relevância para responder a pergunta da pesquisa. O processo envolve a identificação de formas de agrupar os códigos em torno de um significado maior que todos partilham (CLARKE; BRAUN; WEATE, 2016, BRAUN; CLARKE, 2020).

4) Desenvolvimento e revisão dos temas: Rever os temas envolve primeiramente trabalhar com o que foi codificado e voltar a todo conjunto de dados a fim de conferir dois pontos: se sua análise tem relação coerente com os dados e não falte detalhes que os represente; e segundo avaliar se a história que está sendo contada através dos dados é coerente e relacionada com a pergunta de pesquisa proposta inicialmente (CLARKE; BRAUN; WEATE, 2016, BRAUN; CLARKE, 2020).

5) Definição refinamento e nomeação de temas: Implica em identificar a essência dos temas que foram definidos e nomeá-los. Em cada tema deve haver um processo de análise e escrita que se relacione com o problema de pesquisa, com atenção para verificação de possíveis sobreposição entre os temas e eliminá-las, além de identificar os subtemas. A partir deste processo, é possível nomear os temas de forma a dar sentido para o leitor sobre o que será tratado (CLARKE; BRAUN; WEATE, 2016, BRAUN; CLARKE, 2020).

6) Produção do Relatório Final: É o processo de escrita final que envolve compilar, desenvolver e editar toda a escrita feita ao longo do processo de trabalho dos dados. É uma escrita analítica que permite que seja contada a história que responde à pergunta de pesquisa em um relatório final (CLARKE; BRAUN; WEATE, 2016, BRAUN; CLARKE, 2020).

5.4 Aspectos éticos da pesquisa:

O presente estudo foi submetido e aprovado ao CEP (comitê de ética em pesquisa) institucional. As participantes receberam pseudônimos para preservar o anonimato, a fim de evitar possíveis identificações. Foi aplicado para cada participante o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que foi lido, explicado, esclarecidas as dúvidas e registrado o consentimento verbal de cada uma delas, de acordo com a Resolução MS/CONEP 510/2016.

6. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção serão apresentados e discutidos os resultados que descrevem a construção de carreira das mulheres atletas de elite de jiu-jitsu, a partir da percepção das participantes deste estudo. Para isso, as entrevistas foram realizadas tendo como base a questão central deste trabalho que é: Como se constituiu a carreira de mulheres atletas de jiu-jitsu de elite no Brasil? Quais são as barreiras e os facilitadores vivenciados por mulheres atletas de jiu-jitsu de elite em uma modalidade esportiva de reserva masculina no Brasil?

A partir da análise dos resultados foram construídos três temas principais, juntamente com as questões de gênero que permearam toda a discussão, que são: (a) Entrada no subcampo do Jiu-Jitsu; (b) Permanência na prática do Jiu-Jitsu e (c) Construção de carreira no Jiu-Jitsu. Cada tema possibilitou a construção de subtemas, que tornaram possível analisar os modos de constituição de habitus das atletas. A estrutura da análise está representada pelo mapa temático abaixo (Figura 2) e o desenvolvimento dos temas e subtemas serão apresentados ao longo da discussão.

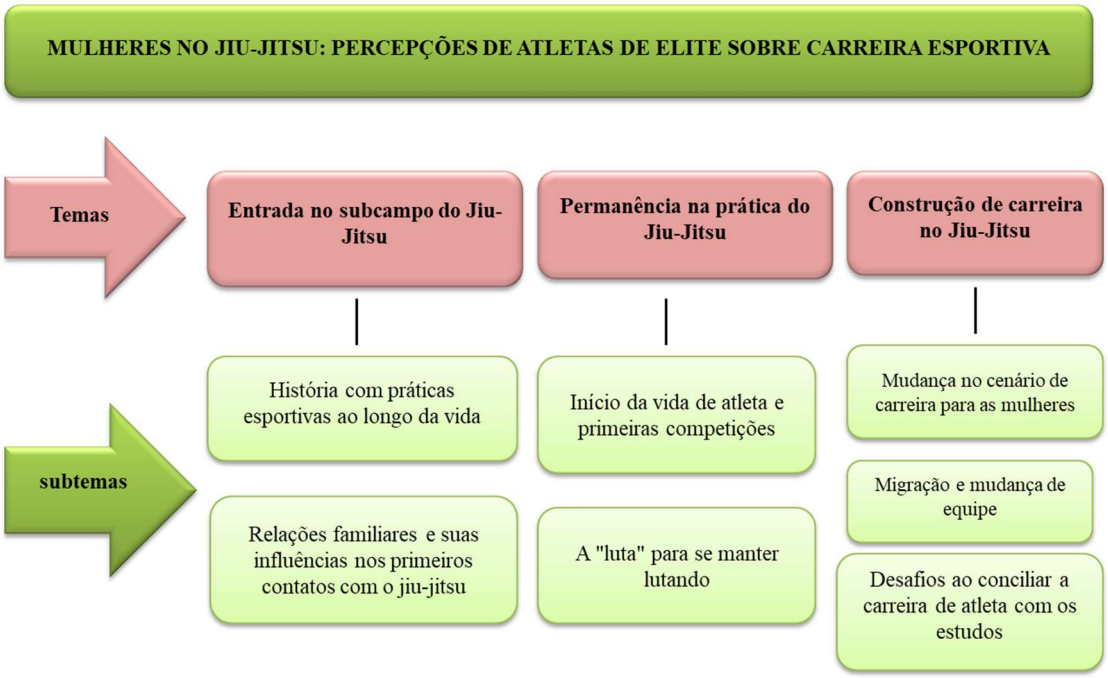

Figura 2: Mapa temático

É impossível falar sobre mulheres em qualquer esfera da vida social sem que particularidades de gênero sejam consideradas. +

As atletas participantes deste estudo se declararam, majoritariamente, com cor de pele parda e preta, em geral de classe socioeconômica média - grupos C1 e B2, conforme critério socioeconômico da ABEP (Associação brasileira de empresas de pesquisa). Os critérios ABEP são estimativas de renda domiciliar mensal para os estratos socioeconômicos, cujos valores se baseiam na PNADC 2020 (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua). As classes são estratificadas em: A1- R$22.749,24; B1-R$10.188,56; B2 – R$5.721,72; C1- R$3.194,33; C2-R$1.894,95; DE- R$862,41.

Os dados demográficos que dão suporte para esta análise estão descritos no quadro abaixo:

Quadro 1. Dados sociodemográficos das atletas entrevistadas

	P1	P2	P3	P4	P5	P6
Idade	38	28	40	36	43	52
Escolaridade	Pós-graduação – Mestrado completo	Ensino Superior incompleto	Ensino Superior incompleto	Ensino Superior completo	Ensino Superior completo	Ensino Superior completo
Escolaridade do Pai	Ensino Superior completo	Ensino Superior completo	Ensino Médio completo	Ensino Superior incompleto	Ensino Fundamental incompleto	Ensino médio incompleto
Escolaridade da Mãe	Pós-graduação – Especialização completa	Ensino Superior completo	Ensino Médio completo	Ensino Médio completo	Ensino Fundamental completo	Ensino Fundamental incompleto
Profissão do Pai	Comerciante aposentado	Militar - tesoureiro do exército	* obs: atleta é adotada e não respondeu dados sobre os pais	Aposentado	Técnico em eletrônica	Empresário
Profissão da Mãe	falecida há 11 anos - Psicóloga	Trabalhadora do lar	-	Cabeleireira	Auxiliar de enfermagem	Trabalhadora do lar
Raça	Branca	Parda	Parda	-	Preta	Parda
Classe social	C1	B2	C1	-	C1	C1

6.1. Entrada no subcampo do Jiu-Jitsu:

Este tema mostrou como as atletas entrevistadas entraram no subcampo do jiu-jitsu, quais foram as referências esportivas delas, além das formas de apoio familiar e das instituições que permitiram um primeiro contato delas com esta modalidade esportiva. Além disso, mostra alguns estigmas ligados ao jiu-Jitsu, e possíveis resistências à prática que tenham encontrado. Por se tratar de mulheres, percebe-se a necessidade de se discutir como questões de gênero afetam as relações e possibilidades de escolhas feitas pelas atletas.

6.1.1. História com práticas esportivas ao longo da vida:

Todas as atletas descreveram um importante repertório de práticas esportivas desde a infância. Tiveram contato com diversas modalidades esportivas como futsal, judô, handebol, natação, basquete dentre outras. Nenhuma atleta teve o jiu-jitsu como a primeira experiência. Todas elas entraram nesse subcampo já na idade adulta. Observou-se também que várias das atletas praticaram outras modalidades esportivas de lutas antes de iniciarem no jiu-jitsu, como por exemplo o judô, muay thai e capoeira.

> Eu nunca me vi fora do esporte. Eu não lembro de mim fora do esporte. (P1)

> [Pratiquei] esportes coletivos, vôlei e basquete. Depois entrei nos esportes individuais como atletismo. Tudo isso dentro do ensino fundamental. Do ensino médio para frente, eu retomei os esportes coletivos e pratiquei futsal por muito tempo. Então eu joguei futsal no ensino médio e pratiquei também na faculdade. Durante o período da faculdade eu joguei pelo time da faculdade. (P5)

> Deixa eu ver se eu fiz mais alguma coisa: fiz capoeira, fiz muay thai, wrestling eu faço, judô eu cheguei à faixa azul, é só. Judô, jiu-jitsu, muay thai, wrestling e capoeira. (P6)

O repertório esportivo incorporado ao longo da vida das atletas, com a experimentação de diversas modalidades esportivas, evidencia o que Bourdieu chama de *habitus* esportivo. É um produto relacional entre as condições sociais objetivas em que o agente se encontra e suas disposições para percepção e ação que se relacionam com seu universo de possibilidades (BOURDIEU, 2011b). As disposições das atletas para a prática esportiva têm relação com as possibilidades objetivas presentes tanto no incentivo da família, quanto na existência de espaços de práticas variadas para elas.

Como mencionado anteriormente, um fator que pode ter contribuído para que as atletas tivessem contato desde cedo com o esporte tem relação com uma prática valorizada pela família, na qual pais e irmãos eram envolvidos com o esporte, além de também terem frequentado escolas que proporcionavam e incentivavam tal envolvimento.

> Eu sempre pratiquei, eu estudava em uma escola no ensino fundamental que incentivava desde cedo. (P5)

> Desde a infância, brincadeiras, a convivência com meu irmão, eu tenho um irmão mais novo, três anos mais novo. Então a hora que ele conseguiu andar eu já jogava [a bola] para ele e a gente estava junto. (P1)

Esses dados vão ao encontro dos achados no estudo anterior com alunas do ensino médio que praticavam futsal. Neste estudo foi visto que a escola tem grande influência no processo de educação, sendo responsável por disseminar diferentes repertórios culturais que extrapolam o conhecimento acadêmico, como por exemplo, oferecer oportunidades de acesso às práticas esportivas para as meninas. Essa prática valorizada na escola pode influenciar na formação das disposições das alunas sobre diferentes aspectos da vida em sociedade, incluindo a legitimação de espaços para que elas possam optar pela prática esportiva (OLIVEIRA; RICCI; MARQUES, 2022).

6.1.2. Relações familiares e suas influências nos primeiros contatos com o jiu-jitsu.

As atletas iniciaram na prática do jiu-jitsu na idade adulta, em sua maioria por volta dos 16 anos de idade, fase em que ainda receberam grande influência dos familiares em suas escolhas. Elas responderam sobre como se deu o apoio dos responsáveis quando entenderam que queriam praticar jiu-jitsu, e quais foram seus posicionamentos. Os pais ou responsáveis, no geral, questionaram a escolha dessa modalidade esportiva por diversos fatores, dentre eles, a dificuldade em acreditar que teriam um futuro profissional promissor com o esporte. Por isso, houve uma forte sugestão dos pais para que se dedicassem aos estudos em detrimento do esporte.

> Não foi uma coisa que meus pais super concordaram desde o início. Eu tinha 15 anos quando entrei no jiu-jitsu, isso foi no ano de 2001. Naquela época tinha muito ainda da ideia de que mulher na luta não era bem-vista. O jiu-jitsu não era bem visto! O esporte tinha uma fama de ser coisa de vagabundo. (P1)

> Na verdade, teve muito atrito dentro de casa. Eles não queriam me obrigar a parar de treinar, mas queriam que eu estudasse muito mais do que treinasse. E estava acontecendo o contrário, eu estava treinando muito, duas vezes ao dia e não estava estudando nada. Eu trabalhava também, eu tinha um emprego de carteira assinada. O tempo que eu tinha era trabalhar, ir para a academia e eu não fazia nada além disso porque eu nem tinha tempo. Então eles nunca me apoiaram. Eu comecei a ganhar alguns campeonatos mesmo assim eles falavam: - olha isso aí não tem futuro -

> acho que é um pouco de qualquer pai e qualquer mãe. Aqui no Brasil se você procurar fazer um esporte por profissão, qualquer pessoa vai falar: - vai procurar outra coisa porque isso aí não vai dar futuro não - e eu acredito que é difícil para eles. (P2)

> O primeiro esporte que eu tive contato foi o vôlei na escola, eu matava aula, queria ficar jogando vôlei, e aí eu participei do time da escola. Eu acabei não seguindo porque meu pai não queria que eu fizesse o esporte. Não é que ele não queria, é que ele achava que aquilo ali não ia dar futuro, tipo ele deixava eu fazer desde que não atrapalhasse as outras coisas. (P4)

Essa resistência familiar pela suposição de não haver um futuro promissor para suas filhas, caso escolhessem se dedicar ao Jiu-Jitsu, fez com fossem incentivados os estudos em primeiro lugar. Como foi discutido por Hodkinson e Sparkes (1997), o *habitus*, as estruturas e as oportunidades, exercem e sofrem influência mútua, afetando as percepções sobre a viabilidade de oportunidades disponíveis. Os horizontes de ação ao mesmo tempo que limitam, também ampliam a visão de mundo do indivíduo atrelada às suas possibilidades de escolhas. Esses horizontes são segmentados e estão relacionados diretamente a fatores da ordem de classe social, gênero e raça. Como visto nos discursos, sugerem a orientação dos pais para que as atletas invistam nos estudos.

Apesar da resistência inicial, houve grande contribuição dos pais para que pudessem ter estrutura para treinar e se manter na prática. Condições foram colocadas pelos familiares, mas o apoio para praticar também aconteceu. Ter esse suporte foi fundamental para se tornarem atletas premiadas.

> Eu já tinha feito tudo que ele queria, então falei: - ah vou fazer. No começo sempre tem um preconceito, - porque ela luta, porque isso é coisa de homem - mas essa barreira vem sendo muito quebrada entendeu? E então eu falei: - ah eu vou fazer, tem um monte de menina que treina. Então comecei, fui crescendo e me desenvolvendo nesse esporte até eu chegar aonde eu cheguei. E esse apoio do meu pai foi muito importante porque todo momento que as vezes eu penso em desistir, as vezes passo por uma dificuldade, eu lembro que eu tenho uma casa, uma estrutura familiar. Eu sei que eu tenho para onde voltar. (P4)

> Eu comecei a fazer depois que minha mãe faleceu, como te falei eu fui adotada, fui criada pela minha mãe e pela minha tia. A minha tia de início não gostou também porque ela pensava igual a minha mãe, mas eu empurrei "goela abaixo" e ela acabou aceitando. Com o tempo ela foi minha maior patrocinadora para campeonato, viagem, tudo. Minha "tiatrocinio". (P3)

Outro importante ponto que faz parte da história do jiu-jitsu, que ressoa em quem pratica a modalidade e pode ter influenciado a resistência inicial dos familiares, é o estigma de relação com a violência. Esse é um dos pontos de preconceito sofrido pelas atletas. Há um histórico de conflitos entre lutadores que se estenderam do tatame para as ruas, com brigas constantes geradas pelos então denominados "*pitboys*". A família Gracie também foi lembrada pelas participantes por terem participado desse momento e assim contribuíram para como os praticantes eram retratados largamente na mídia, como violentos.

> O problema é que os Gracie resolviam tudo na base da disputa corporal
> - Ah você falou mal do fulano então espera aí, então junta os dois no tatame e o pau quebra, entendeu? E isso naturalmente saiu do tatame para as ruas do Rio de Janeiro, para as boates, trabalho. E Assim começou essa coisa. Poxa, como você ia noticiar o jiu-jitsu de outra forma? Não tinha, só tinha essa. E aí foi a época dos *pitboys*, foi nessa época que eu entrei, final dos anos 1990 começo dos anos 2000 (P1)

> Hoje o jiu-jitsu está muito maior que há 18 anos atrás quando eu comecei. Ainda era malvisto ainda tinha essa coisa de sair na mídia como *bad*. O jiu-jitsu era para os *bad boys* essas coisas. Não era tão bem-visto. (P3)

> O jiu-jítsu era muito mal falado em 1995, 1996. Então, quando eu olhava, o jiu-jitsu era com preconceito, que era a luta de playboy, que era a luta agarrada, que era luta de "quizombeiro". (P6)

Muitas vezes o jiu-jitsu é representado como uma prática violenta, sendo comum que situações de agressões envolvendo alguns de seus praticantes recebam destaque, especialmente na mídia, muito reforçado pelos integrantes da família Gracie. Diversas referências se remetem aos praticantes de jiu-jítsu envolvidos em atos violentos, como

pitboys, em uma analogia à raça de cães Pitbull, animal com grande força física e inúmeros relatos de episódios agressivos. A forma como são classificadas essas pessoas praticantes de jiu-jitsu envolvidos em casos de violência muitas vezes os relaciona diretamente apenas por serem praticantes de jiu-jítsu, identificados pela prática esportiva e não por seus nomes ou por outras características. Assim, recai sobre o jiu-jitsu a marca que os identifica, e que nesse caso seria o responsável pelas atitudes desse agente. Como consequência, muitos não praticantes em geral relacionam essa modalidade esportiva diretamente a determinados comportamentos sociais violentos (FERREIRA, 2016).

Vale ressaltar que as atletas entrevistadas concordam que existe esse estereótipo de violento, construído pela própria família Gracie, mas entendem que era uma parte divulgada, e não o todo do jiu-jitsu. Nos relatos é possível perceber que este estereótipo era mais intenso há alguns anos atras, tendo mudado atualmente, muito devido ao UFC (*Ultimate Fighting Championship*), que trouxe visibilidade para o jiu-jitsu como uma arte marcial eficiente.

> O aspecto negativo ficou só no Brasil. O aspecto positivo foi para os Estados Unidos e para o Japão onde foi mostrada a arte como uma arte eficiente no MMA, uma arte eficiente contra outras artes. Então existiam os desafios, o primeiro UFC foram os Gracie que organizaram, e assim foi destaque. (P1)

6.2. Permanência na prática do Jiu-Jitsu:

Este tema abordou quais estratégias de entrada e permanência no campo do jiu-jitsu foram desenvolvidas pelas atletas e como elas percebem as relações presentes no subcampo. Foi discutido o início da participação delas nas competições, quais barreiras encontradas pelo caminho e como elas se percebem enquanto atletas neste subcampo.

6.2.1. Início da vida de atleta e primeiras competições.

Todas as atletas entrevistadas apresentaram expressões como "sempre fui muito competitiva", indicando uma apreciação pelos campeonatos e pelos desafios inerentes às competições. Quando competiram pela primeira vez, mesmo que tenham perdido, sentiram-se desafiadas a voltar aos tatames e treinar mais.

> Minha primeira experiência com o jiu-jitsu não foi muito boa, mas eu me senti desafiada, eu gostei, me desafiou a treinar mais ainda, para aprender. Isso me causou muita curiosidade de ver, como aquela menina tinha feito aquilo comigo, tipo assim, ela é mulher igual a mim, era da mesma categoria, era uma pessoa bem parecida, mesmo peso, mesma faixa, mas ela conseguiu fazer isso comigo, o que me deixou muito curiosa. Foi quando eu comecei a lutar um campeonato atrás do outro, fui ganhando experiência e comecei a ganhar. (P2)

> Eu já comecei começando, eu já cheguei chegando! Eu comecei a competir depois de 6 meses e já gostei. A primeira competição já falei - é isso que quero pra minha vida. (P4)

> Eu já comecei logo de cara, eu sou competitiva e meio impaciente, então dois meses depois ainda na faixinha branca ali, aparecia uma copinha para disputar eu ia. (P5)

A categoria *habitus* ajuda a compreender por que essas atletas desde o início se desafiam e sentem-se à vontade com as disputas competitivas presentes no campo esportivo. O *habitus* é o princípio estruturador da percepção e das ações dos agentes dentro do campo, numa relação entre a interiorização da exterioridade e a exteriorização da interioridade. Esse sistema de relações objetivas e subjetivas entre disposições e estrutura, permite que, ao se estudar o esporte, compreenda-se tanto suas diferentes formas de manifestação quanto os valores transmitidos aos agentes ali inseridos (BUENO; MARCHI JÚNIOR, 2020). Assim, nota-se um *habitus* esportivo das atletas, por estarem inseridas nesse campo desde a infância que se transforma em um *habitus* competitivo, pelas suas disposições e pela importância que representa o vencer no campo, ou seja uma *illusio,* noção de que vale a pena jogar o jogo.

As formas de apoio financeiro que receberam no início para competir, para viajar e se sustentar, todas as dificuldades, e todo emprenho em conseguir recursos foram também considerados. Muitas recorreram a estratégias de apoio financeiro dos familiares ou venda de rifas, por exemplo.

> Cheguei num almoço de família, chamei ele de lado e disse: tio, não conta para o meu pai, mas eu tenho um campeonato, tenho chance de ganhar, e

> ele não vai me deixar ir porque a gente não tem dinheiro. Eu tenho que ficar dez dias, você não pode me ajudar? Vai ficar tantos reais, você me ajuda com um pouco. Aí ele falou: tudo o que você precisar eu te dou! Na hora que eu fui falar com meu pai já estava tudo certo. (P1)

> Eu fui ter o meu primeiro patrocínio de quimono oficial, contrato, eu era faixa preta já fazia mais de dez anos que eu treinava. (P1)

> Financeiramente eu vivia na correria de rifa, meu pai fazia feijoada, minha mãe vendia pastel. (P4)

Evidenciaram a dificuldade para obter algum tipo de patrocínio financeiro, mas tiveram apoio de outros profissionais que ofereciam serviços de nutricionista, fisioterapia, treinadores e livre acesso a academias para complementação dos treinos.

> É tudo do nosso bolso. Eu tinha alguns apoios de fisioterapia, do crossfit e eu acabei finalizando esses apoios. Tenho nutricionista que eu também não pago e suplementação. (P3)

> É correndo atrás, sempre fazendo vaquinha. Até hoje antes de eu vir para cá eu tive alguns patrocínios, algumas pessoas que me deram dinheiro, mas nada fixo tipo um salário. (P4)

> Não chegou a ser patrocínio. A academia que eu treinava conseguia pagar as competições porque como eu morava próximo à academia, eu fazia com que todo mundo fosse malhar lá. E em troca ia treinar de graça. Como eles viram que eu estava evoluindo, pagavam minhas competições. (P6)

> Para eu me manter era mais difícil porque eu trabalhava como corretora de imóveis. Não tinha chance de ter dois, três quimonos eu tinha um quimono só. De manhã deixava ele secando pra treinar à tarde. Treinava com quimono desgastado. Aí um amigo me dava a parte de baixo e o outro que me dava uma parte de cima e eu fui ficando com mais peças. (P6)

No estudo de Salvini (2017) com lutadoras de MMA, também se nota que no início

de carreira havia dificuldades para que as atletas tivessem algum tipo de apoio, a exemplo de uma lutadora que desistiu de sua carreira por estar usando recursos próprios e não recebendo nenhuma remuneração para lutar. A reflexão presente neste estudo mostra que lutadoras que se estabeleceram neste subcampo e já acumularam capitais físico, social e simbólico vivenciaram diversos fatores limitadores pelos quais a modalidade esportiva passava. Assim, tem-se o preconceito tanto da modalidade esportiva em si, quanto da inserção das mulheres nesse meio, a falta de incentivo financeiro, os escassos eventos e a pouca visibilidade do MMA. Essas atletas foram também por vezes estigmatizadas como agressivas, como encontrado na trajetória esportiva das atletas de jiu-jitsu entrevistadas no presente estudo. A *illusio* ajuda a entender que as atletas possuem uma relação de encantamento com o jogo, experienciando situações complicadas como coerentes, passando muitas vezes por barreiras e superações para estar na elite.

6.2.2. A "luta" para se manter lutando.

Ao longo da carreira de atleta existem barreiras que exigem estratégias de “luta” para que possam se manter competindo, luta essa, que se mostrou em diversas esferas durante as trajetórias das atletas. Além das barreiras financeiras, houve também barreiras de outras ordens, como a ausência de locais para treinar, quando treinando, diversas formas de desrespeito com elas no tatame, além de menores valores em premiações se comparado aos homens. Como exemplo, a atleta P1 na época em que entrou para a universidade federal, no curso de graduação em Educação Física, percebeu não haver nenhuma disciplina que abordasse lutas e foi orientada a desenvolver, por conta própria, um projeto de extensão. Esse projeto seria de implantação da modalidade jiu-jitsu na universidade, o que aconteceu em um segundo momento, incentivado e iniciado por ela. Todas essas histórias demonstram como o caminho do jiu-jitsu precisou ser construído por essas atletas, pioneiras na modalidade.

> Eu comecei a bater nas portas: mas e aí, quando que vai sair uma disciplina? Eu não sabia onde eu estava, não sabia nem pagar uma conta. Com a idade que eu tinha, comecei a bater lá: e ai, não vai ter jiu-jitsu? Não tem judô, não tem Karatê, não tem nada? Como eu vou aprender? Eu fiquei indignada. Aí falaram assim para mim: você vai ter que escrever um projeto de extensão. (P1)

> As pessoas desmereciam o que eu fazia porque eu era mulher. Falavam assim: se agarrando com homem, então você gosta de agarrar homem. Se é mulher: ela vai bater em você - e usam isso como uma cantada. Se é homem, ele é gay porque ele está agarrando homens. (P1)

> Ainda tem bastante diferença. Vou dar um exemplo: vai ter um evento agora aqui em são Paulo de luta casada. E tem um GP [Grand Prix] que vale 100 mil reais para o campeão. É muito dinheiro, e eu não vi nenhum GP aqui no Brasil ainda que teve valendo 100 mil reais para meninas. Nesse evento, acho que só vão ter duas lutas femininas, o restante são só lutas masculinas, fora o GP. Então ainda tem diferença, até porque o cara que está organizando precisa vender o pay-per-view, e ele vende também o ingresso presencial. E dependendo de como ele forma esse *card*, ele não vai ter tanta renda. E hoje em dia, mesmo crescendo muito a luta das meninas, muitos meninos falam que preferem ver as lutas das meninas saindo na mão, que é diferente, mas a gente sabe que existe muito machismo dentro do jiu-jitsu, não tem como. Então tem cara que diz - eu não vou pagar para assistir luta de mulher - e isso para o organizador, ele meio que vai perder dinheiro. (P2)

O esporte moderno foi criado por homens e para os homens, onde eles podem exercer livremente sua masculinidade e testar as qualidades ditas viris em um território restringido às mulheres. As modalidades esportivas de lutas são bastante propícias para esse exercício de virilidade, e as mulheres, de forma preconceituosa, são consideradas invasoras (BOURDIEU, 2014a).

Das atletas que buscaram praticar esporte competitivo, em várias modalidades esportivas com prática de reserva masculina, um estudo buscou enumerar barreiras para a permanência delas nestas práticas. Dentre essas barreiras estão o desafio à feminilidade hegemônica, a conciliação com os estudos e as desigualdades econômicas que enfrentam para continuar competindo a longo prazo. (PÉREZ; GIMÉNEZ; POSADILLO, 2022) No caso do jiu-jítsu tem-se a falta de espaços para treinar, a diferença nos valores de premiações, significativamente maior para os homens, além de situações de violência que podem sofrer. Essas barreiras vão ao encontro do citado na literatura, e podem acarretar dificuldades para se manterem a longo prazo na prática do jiu-jitsu.

O esporte também obedece à lógica de mercado sendo submetido às demandas por audiência, nos *pay-per-views* e à venda de ingressos visando maior lucro estando, portanto, submetido às preferências por determinada modalidade esportiva ou pelo esporte de homens em detrimento ao das mulheres (BOURDIEU, 1997). O esporte de mulheres costuma ser menos lucrativo por ser menos apreciado, ou seja, ser visto como secundário. O jiu-jitsu praticado por mulheres está nessa esfera, assim como o futebol, futsal e rugby. (GOELLNER, 2005; SALVINI, MARCHI JR., 2016; MASCARIN, OLIVEIRA, MARQUES, 2017; OLIVEIRA, ALTMANN, MARQUES, 2019; OLIVEIRA; RICCI, MARQUES, 2022)

A estrutura dos campos se configura como um espaço social de lutas e disputas entre os dominantes, que detém o poder daquele campo, e os dominados, que tentam acesso aos objetos de disputa (BOURDIEU, 1983). Nas lutas internas do subcampo do jiu-jitsu, as atletas buscam o acesso aos capitais em disputa. No propósito dessa estrutura, aqueles que monopolizam o capital específico buscam estratégias para conservar essa ordem, ou seja, são os ortodoxos dentro do campo. Esse grupo seriam os homens. Os demais, que em geral são os recém-chegados, buscam estratégias para subverter essa ordem, sendo denominados heterodoxos, ou, no caso, as mulheres (SALVINI; MARCHI JR, 2015).

Ser mulher e praticar uma modalidade esportiva como o jiu-jitsu é uma soma que pode ser atravessada por inúmeras formas de preconceitos. Tanto da parte de pessoas ao redor, pelas convenções sociais, quanto pelos próprios atletas. Todas as situações apresentadas, que confirmam essa dificuldade em competições, em diferenças nas premiações e no menor número de mulheres atletas quando comparado ao número de atletas homens, são consequência da arbitrária posição social imposta às mulheres. Há relatos de situações vividas por elas, em que ouviram expressões que dão a ideia determinista de que o jiu-jitsu não deve ser praticado por mulheres:

> Pessoas tiveram coragem de falar e tem aqueles que não tem coragem, mas pensam que não tem nada a ver a menina treinar. Tem vários caras que pensam isso e falam - não, jiu-jitsu não é para mulher - sendo que o jiu-jitsu é para todos, e se o professor é um professor de verdade, que é uma faixa preta de verdade, tem raízes, vem de uma boa escola, ele vai dizer que o jiu-jitsu é para todos. (P2)

> Quando eu tinha 15 anos, o treinador do José Aldo foi o cara que falou -

> por que você trouxe uma menina para cá? Você está lá no interior de São Paulo, trabalhando lá para trazer uma menina, para a Copa do Mundo? Não é possível! E o professor ainda me falou: está vendo? Estão bravos comigo! E eu assim, só engolindo. (P1)

A interseccionalidade é uma ferramenta metodológica usada para pensar o problema das discriminações vividas pelas mulheres, que busca reunir as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos de subordinação. Trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios geram desigualdades arbitrárias básicas, que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões para todos estes eixos (CRENSHAW, 2002). Essa mulher que está inserida no subcampo do jiu-jitsu, também precisa ser analisada considerando-se todas essas variáveis, para que assim seja possível posicioná-las no campo e entender suas particularidades. As repressões, violências e deslegitimação de suas atuações são fruto desse funcionamento social, que tem reflexo no campo esportivo.

O jiu-jitsu não é um esporte procurado por uma possibilidade de ascensão social, seus praticantes em geral possuem alguma estabilidade financeira familiar, como no caso das atletas deste estudo. Os eixos que as atravessam são relativos ao cisheteropatricado[5], com questionamentos sociais quando as atletas não correspondem à cisgeneridade ou à heterossexualidade; à feminilidade hegemônica[6] esperada para mulheres, quando não correspondem às expectativas de manifestação de gênero que represente características esperadas para mulheres; à discriminação racial, em relação às atletas pretas e pardas; e

[5] Segundo Akotirene (2019), o patriarcado seria um sistema político modelador da cultura de dominação masculina, que é reforçado pela religião e pela ideia de família nuclear, que impõem manifestações de gênero desde a infância, pautados em identidades binárias. O binarismo seria a relação direta entre homem e mulher biológicos e as feminilidades duais hegemônicas arbitrariamente construídas e impostas. A pessoa cisgênero seria a que corresponde à essa relação, no entanto existem pessoas não-cisgênero, as quais estão fora da identificação estética, corpórea e morfoanatomicas instituídas. Junto a tudo isso, há também a expectativa arbitrária quanto à heterossexualidade como legítima frente às demais orientações sexuais.

[6] A feminilidade hegemônica, segundo Louro (2006), seriam padrões ou regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para seus agentes, e que definem seus comportamentos, suas roupas, seus modos de se relacionar ou de se portar. O aprendizado desses padrões sugere que o agente deva conhecer o que é considerado adequado e inadequado para um homem ou para uma mulher numa determinada sociedade, e responder a essas expectativas

xenofóbica, pois muitas atletas migram para outros países, e pela condição de imigrantes podem sofrer preconceitos.

Ao final da segunda entrevista, a atleta P2 sugeriu que fosse questionado às atletas nas entrevistas posteriores quanto ao fato de já terem ou não sofrido algum tipo de violência no tatame. Essa sugestão se deu por ser recorrente mulheres sofrerem algum tipo de violência, e importante saber como elas lidam com isso. Algumas costumam abandonar a prática quando isso ocorre, mas algumas que continuaram, de certa forma tiveram de desenvolver estratégias de enfrentamento. Apesar de não entenderem que passaram por alguma situação mais grave, todas as atletas deste estudo já sentiram em algum momento desconfortáveis com alguma situação.

> Impossível que uma menina que continuou treinando de verdade que não tenha passado por um momento indelicado. É impossível. Acho que é muito da forma como você lida e acho que você tem que falar aquilo que aconteceu para a pessoa do tatame responsável, tomar as providências. Senão você se retira ou toma alguma medida. Mas já, com certeza, já passei por isso, mas foi só um tempo. A partir do momento que eu passei a ser mais respeitada isso parou de acontecer. Eu acredito que uma menina que começa a fazer jiu-jitsu hoje, e ela não sabe como funciona, pode acontecer. Tem caras que são ridículos, que usam da faixa preta para isso, que querem se aproveitar. [...] Então no tatame tem sim, mas hoje em dia tem vários grupos no *Instagram* para denunciar. Tem várias comunidades que não querem deixar impune. (P2)

> Felizmente não [passou por situações de exposição à violência]. Por estar nesses grupos de *Whatsapp* eu sempre ouvi muita coisa, então eu sei que acontece muito. [...] Eu tenho um contato muito direto com as minhas meninas, eu acho que se tivesse acontecido alguma coisa com elas teria chegado até mim, eu sempre tive esse canal aberto. Então eu não tenho esse histórico enquanto treino, mas eu ouço muito. É triste, tem muita mulher que desiste de treinar por causa disso. (P5)

O número de mulheres que sofrem violências diversas no esporte é grande e a

necessidade de se pensar soluções para tais situações tem sido cada vez mais necessária. Para auxiliar na mudança que visa combater estas práticas, foi criado pela faixa preta 3º grau de jiu-jitsu e mestre em Estudos Socioculturais e Comportamentais do Movimento Humano, Luciana Neder, a Comissão de Direitos das Mulheres no Jiu-Jitsu. Esta comissão é uma ONG sem fins lucrativos, que promove a observância e defesa dos direitos das mulheres no jiu-jitsu. Esta é a primeira ouvidoria para denúncias de assédio, à frente da federação sul-americana desta modalidade esportiva. Luciana relata em entrevista, que 30% das ocorrências recebidas são referentes a abusos sexuais. Outros tipos de violência relatados são violência moral, física e psicológica. Segundo ela, devido à violência, poucas mulheres chegam à faixa preta no jiu-jitsu (El PAÍS, 2019).

Um estudo avaliou as condutas que podem encorajar ou desencorajar a prática de lutas, e discutiu quais teriam potencial de tornar o espaço das artes marciais mais justo e inclusivo, e as práticas com potencial desmotivador, que afastam as mulheres dos tatames. Um dos resultados, relativos à conduta "assédio", foi bastante mencionado como desencorajador, pois remete à objetificação, inferiorização e sexualização dos corpos dentro do esporte. As atletas referem sentirem-se apreensivas e desconfortáveis, diminuindo a sensação de segurança e, consequentemente a vontade de continuar. Especialmente no Jiu-Jítsu, em que há muito contato físico, as praticantes perceberam desconforto quando há intenção de sexualização por parte de homens relacionada a posições e técnicas (FIGUEIREDO et al., 2022)

> As vezes as meninas me julgam – lá vem a feminista! Eu falo, eu não sou feminista porque eu não sou extremista. Mas quando eles começam a falar alguma coisa eu falo – ei, seu machista! Ah, seu macho escroto! Só que eu falo alto mesmo, do mesmo jeito que vem eu rebato. Meu professor sempre fala – sua postura com os meninos é muito boa, você rebate mesmo! (P4)

O discurso de P4 mostra uma luta por parte da atleta contra a doxa vigente, que busca naturalizar essa violência no tatame. Sua postura de não aceitação e problematização dessa violência, ou seja, uma forma de buscar a subversão dessa ordem demonstra uma ação heterodoxa dentro do subcampo do jiu-jitsu.

Há também forma como os atletas homens lidam com uma mulher nos treinos. Geralmente estão menos dispostos a treinar com elas por uma presunção de menor qualidade

de treino. Muitas vezes apelam para a violência quando elas apresentam bom desempenho em uma luta.

> Principalmente homem. Homem sempre vai preferir treinar com homem. (P3)

> No começo, quando você ainda é faixa branca, não conquistou nada, não tinha conquistado meu espaço ainda, o que eu sentia era um machismo dentro da forma do orgulho - não vou perder para ela, ela não vai passar minha guarda, então eu sentia situações assim, de "rolas" mais agressivos, nesse sentido, de me tacar no chão, de eu estar conseguindo alguma coisa e o cara tirar na brutalidade, muito daquele orgulho. (P5)

As atletas percebem o tratamento diferenciado direcionado a elas no tatame, bem como os registros encontrados na literatura acadêmica e em revistas especializadas da área (El PAÍS, 2019, FIGUEIREDO et al., 2022). Nota-se um movimento dos homens de deslegitimar as técnicas utilizadas pelas mulheres atletas, por não ser aceitável desafiar um ato tido como viril, masculino e naturalizado por um mecanismo de violência simbólica. Tais relatos demonstram um processo de dominação e, principalmente, deslegitimação por parte dos homens sobre a atuação das mulheres. Fica claro nessa perspectiva, uma luta por poder simbólico no subcampo do Jiu-jitsu, em que as mulheres atletas estão se destacando e assim, ganhando espaço e incomodando.

Ainda sobre os corpos das mulheres atletas, muito se percebe que opiniões, conceitos pré-formados, erotização de corpos atléticos e até mesmo questionamentos sobre sexualidade são constantes. A forma como as atletas são vistas e tratadas fora do subcampo do jiu-jitsu, e como lidam com estas situações, foram discutidas pelas entrevistadas:

> Então as pessoas já me abordavam perguntando o que eu fazia, e aí me vem duas coisas: eu sentia um pouco de erotização pelo corpo atlético, e as pessoas não valorizavam muito se eu era lutadora ou não. As pessoas vinham falar comigo muito por causa do porte atlético mesmo. Aí até chegar na minha história e tudo que eu estava passando, eu criava um bloqueio, já não deixava. (P1)

> É complicado. É difícil até para se relacionar porque eu assusto um pouco. Os caras não querem, têm medo. Meninos, estou disponível no mercado! (P4)

> Eu sou grande, minha mão é grande, o meu pé é grande, eu sou toda grande, entendeu. Quando eu era menina, criança, tinha pessoas que falavam "ah essa menina é um moleque, parece um moleque", mas por causa da minha estrutura. Eu sempre tive uma estrutura forte, desde criança. Tipo forte, entendeu? Mas eu sou uma princesa, ninguém vê isso. (P4)

Bourdieu e Wacquant (2005) mencionam que algumas lutas travadas nos campos somente adquirem significado dentro de um sistema de relações, ou seja, a hierarquia das diferentes espécies de capital, econômico, social, cultural ou simbólico, é variável nos diferentes campos. Nesse sentido, o valor de uma forma de capital depende da existência de um jogo, de um campo, no qual tal competência possa ser utilizada. Ao caracterizar a *illusio*, Bourdieu fala sobre o agente acreditar que o jogo vale a pena, que vale a pena ser jogado. Assim, o que é vivido com sentido na *illusio* pode não ser compreendido por quem não participa desse jogo. Isso pode ser visto nas percepções dos agentes que não fazem parte do subcampo do jiu-jitsu, bem como de outras modalidades esportivas de luta, como boxe ou MMA. Essas pessoas em geral não compreendem a conformação corporal das atletas atribuindo significados dotados de pré-conceitos (SALVINI; KIOURANIS; MARCHI JÚNIOR, 2021). Quando a atenção é direcionada à percepção delas próprias sobre o uso de seus corpos, fica evidente o corpo como função, voltado para o esporte e dotado de sentido, como no discurso de P2.

> Hoje eu vejo que para eu treinar, me manter da forma que eu estou, exige muito do meu corpo. Então praticamente eu sacrifico o meu corpo todos os dias, eu vou além do meu extremo, tem dias que só quem está ali comigo sabe que, por exemplo, termina um treino muito intenso quando você treina em alto nível. Eu não estou dizendo que jiu-jitsu é intenso, você pode entrar por *hobby*, vai amar aquilo ali e você vai todo dia por prazer, só que eu, para você passar para o nível de competidor, você precisa passar de vários limites (P2).

> É difícil voltar para a casa. Se não é um ambiente, do teu convívio, nessa fase de alto rendimento é muito difícil. Por quê quando ficava treinando no Brasil para ir para o campeonato fora do Brasil, eu estava no mesmo treinamento, só que no Brasil. Aí chegava na sua casa: ah aniversário, aquele monte de comida e você de dieta, não vou poder comer nada. Aí você não come nada e as pessoas não entendem (P1).

A legitimidade dos corpos passa pela incorporação das regras de funcionamento do subcampo referente à modalidade esportiva específica que se analisa. Também passa pelas leis gerais do campo esportivo, comuns a praticamente todos os subcampos. Assim, é importante a compreensão do capital físico e corporal como ferramenta indispensável para adentrarem e se posicionarem nesses espaços. O campo esportivo e seus subcampos possuem similaridades nos seus funcionamentos que acabam por ser impressas nos corpos de seus agentes e são parte dos *habitus* deles (SALVINI; KIOURANIS; MARCHI JÚNIOR, 2021).

Sobre os capitais relativos ao corpo, Bourdieu fala do capital físico referindo-se às capacidades relacionadas ao desempenho esportivo, essencial para a manutenção dos agentes nesse campo. Já quando trata de capital corporal, Bourdieu (2007) fala sobre o "entrelaçamento" com outros capitais, impressos e materializados nos corpos dos agentes. Como exemplo, tem-se os corpos musculosos e as habilidades físicas esportivas que esse agente possui relacionadas às práticas, e ilustrado na fala da atleta P2.

É a incorporação do habitus das formas corporais e posturas, que a longo prazo torna-se um sistema visível de conhecimento e reconhecimento, ou hexis (BOURDIEU, 2014b). Sendo a *hexis* um capital físico ou corporal correspondente a uma disposição e uma trajetória, nota-se a percepção das atletas sobre a relação que possuem com seus corpos. O limite ao qual que se submetem lutando na elite, como se posicionam no campo em relação aos seus corpos, estrutura muscular e alimentação, mostram uma relação do corpo como função, ou seja, um corpo para a luta.

6.3. Construção de carreira no jiu-jitsu:

Para uma atleta, alcançar a elite em uma modalidade esportiva pressupõe processos de tomada de decisão, enfrentamento de situações adversas, comprometimento com as demandas da modalidade esportiva, além de relações que são criadas dentro deste subcampo.

Nesse sentido, ao analisar as trajetórias e os processos de construção de carreira das atletas entrevistadas, nota-se o reflexo das mudanças que vêm ocorrendo na sociedade quanto aos espaços de pertencimento e valorização das mulheres.

Os relatos das atletas entrevistadas ajudam a compreender como chegaram até a elite, quais mudanças ao longo do tempo foram ocorrendo para que pudessem tirar seu sustento através do esporte e como atualmente está a condição de profissionalização como atleta de jiu-jitsu.

6.3.1. Mudanças no cenário de carreira para as mulheres.

Sobre a participação em campeonatos, houve um expressivo aumento do número de mulheres atletas competindo, permitindo que algumas categorias antes existentes somente para os homens fossem inseridas para elas. Atualmente existem todas as categorias de peso e faixa para homens e mulheres. Foi discutido também sobre uma importante questão presente nas modalidades esportivas com prática de reserva masculina, que é a diferença de valores nas premiações. Segundo elas, há um processo de forte busca por equivalência nas premiações, alcançado em algumas esferas antes não existentes.

> A quantidade de meninas aumentou muito. Hoje a premiação já está sendo brigada no equivalente. (P1)

> É muita menina lutando, cada vez mais eu vejo meninas lutando, cada vez mais competitivas, muitas meninas novas chegando. Eu até me sinto velha guarda! Elas vêm muito bem mesmo. (P2).

> Ainda tem uma discrepância grande, mas enxergo uma melhora, uma melhora lenta. Lá atrás, se você pensar nos campeonatos, campeonatos que eu disputo, as confederações que eu sou filiada são a IBJJ e na CBJJ. Então dentro dessas confederações, se puxar alguns anos atrás, um pouquinho antes, anos 2000, as faixas azul e roxa lutavam junto e marrom e preta lutavam junto. (P5)

Esses dados demonstram uma diferenciação entre formas de relação de gêneros objetiva e simbólica. De forma objetiva, há uma aproximação entre homens e mulheres no

que se refere à equivalência de premiações e aumento do número de mulheres competindo. No entanto, não se pode deixar de contrapor as tensões ainda existentes nesse subcampo de forma objetiva, como as violências direcionadas às mulheres nos tatames. No campo simbólico, há também aproximações e tensões como a legitimação da entrada delas em esportes com prática de reserva masculina, mas com tensões como o preconceito, a homofobia, o questionamento quanto à feminilidade das atletas muitas vezes não ser correspondente à feminilidade hegemônica.

Para demonstrar o processo de crescimento do jiu-jitsu de mulheres ao longo do tempo, a ainda baixa presença delas nos tatames e o alto abandono resultado das disputas no campo simbólico, tem-se a fala de P5.

> A academia onde eu treino tem um histórico de equipe feminina. Isso ocorreu lá em 1998. No início da academia, tinha lá um grupo de mulheres e tal, e com o tempo, eu não sei exatamente o motivo, isso se perdeu e eles ficaram um bom tempo com uma, duas. E aí quando eu entrei em 2011, entrou eu e mais uma amiga minha, a gente ficou junta nessa parceria até a faixa preta, a gente treina junto até hoje, mas esse trajeto meu da faixa branca até a faixa roxa, mais ou menos, era nós duas frequentes, e muita menina entrando e saindo e ninguém ficava. (P5)

> Eu entendi que as meninas acabavam não ficando não porque acontecia alguma coisa na academia, mas pelo conceito pré-formado com os preconceitos de outras pessoas e as vezes até mesmo delas de não conhecerem e não darem uma chance para entender que não tem nada. E aí quando eu peguei a faixa roxa eu já podia virar uma instrutora, ele me fez essa proposta - a vamos montar um treino só para mulheres e você assume esse horário, você dá essas aulas. E foi isso que aconteceu. Ele desenvolveu um programa de defesa pessoal associada aos treinos de jiu, fizemos um convite para as mulheres conhecerem, a gente fez um aulão de defesa pessoal, e a partir dessa aula a gente abriu a turma. Nesse momento, já umas cinco meninas se inscreveram diretamente comigo, só entre elas e tal e daí desde

> então a gente retomou isso. Então hoje ainda somos minoria, mas hoje acho que deve ter umas 20, 30 mulheres. Eu tenho comigo que começaram nesse projeto e já estão na faixa roxa, a faixa onde eu comecei a dar aula. Então eu tenho hoje cinco meninas graduadas comigo na faixa roxa e tão crescendo ainda, tenho certeza de que vão até a preta, já tem uma leva de faixa azuis grande já, e um montão de faixa branca chegando. Então está bem satisfatória essa adesão. E ela foi impulsionada por esse treino exclusivo. Hoje, o que eu senti, que elas vieram por esse treino e depois começaram a migrar para os outros horários também, entendendo que estava tudo bem, quebrando essas primeiras resistências e hoje é um projeto viável. E se for pensar nas crianças, num treino infantil, hoje a gente já pode dizer que ou está 50 – 50% ou já tem mais menina que menino entre as crianças (P5).

Essa mudança no subcampo do jiu-jitsu, propiciando mais mulheres treinando e mais categorias de disputas nos campeonatos, também exerceu influência para que as atletas de elite pudessem cada vez mais serem profissionais da área. Isso pode ser representado através do aumento do número de aulas, atuando como treinadoras, seminários ou qualquer outra forma de retorno financeiro proveniente do jiu-jitsu, mesmo que não diretamente vindo das competições.

É importante frisar que esse aumento vem acompanhado de diversas conquistas, patamares alcançados e grande contribuição dessas mulheres em seu campo de atuação. Essas conquistas resultaram, e ainda resultarão, em mudanças de paradigmas importantes no que se refere à legitimação de seus espaços de pertencimento. Um deles pode ser exemplificado pela fala da atleta P1, que trabalhou para que em sua academia não houvesse a necessidade de turmas separadas, e sim turmas mistas, em que as atletas pudessem escolher livremente quais horários e turmas treinar.

> Trabalho muito mais essa questão de respeito, de receptividade. Tanto que eu não tenho mais turma feminina. Eu tinha turma feminina, e eu achava importante porque tinha uma entrada da aluna zero vivência, era uma entrada segura para ela na academia de jiu-jitsu. Ela fala – é possível eu

> treinar porque tem uma turma de mulher e tem o privilégio de ter uma professora mulher, que ainda é privilégio, faixa preta e tudo mais. Hoje eu não tenho (turma feminina) porque eu consegui atingir o que eu queria. (P1)

Na fala de P4, nota-se a percepção da atleta sobre uma responsabilidade com as outras pessoas por ser faixa preta e professora. Tem-se então, um capital social adquirido pela atleta, que confere a ela certa influência e referência para outras atletas.

> Eu já era uma referência nas faixas coloridas, mas hoje eu sou muito mais porque as pessoas olham e falam: a professora P4, eu não sou mais a P4, entendeu? As pessoas já me olham com outros olhos, eu já sou considerada professora, pegou faixa preta, é professora. Eles vão te chamar de professora, entendeu? É outra responsabilidade. Eu recebo muita mensagem, você não tem ideia. Pessoas que me mandam mensagens: – ah professora, eu estou triste, acho que vou desistir, ah eu não sou boa, ah eu perdi uma luta. (P4)

> Porque não é só o fato de ter uma mulher no tatame. O fato de ter uma mulher faixa preta no tatame faz muita diferença, entendeu? A pessoa bate o olho e é outra coisa. E brasileira ainda! Porque os brasileiros são mais reconhecidos. Você sabe que o jiu-jitsu é brasileiro né? Então aqui se você é faixa preta e brasileira, é isso que eles querem, você tem mais crédito. (P4)

Dados da ONU Mulheres Brasil (2022) mostram que na puberdade, 49% das meninas abandonam a prática esportiva, além de sofrerem com baixa percepção de valor de si mesmas duas vezes mais do que os meninos. Isso as afasta cada vez mais do esporte, privando-as de oportunidades que promovam a ocupação de espaços socialmente construídos como sendo de dominação masculina. Assim, há a confirmação de um cenário de barreiras, falta de oportunidades, discriminação e pressões relacionadas a estereótipos de gênero.

Dessa forma, construir e ofertar espaços que acolham as singularidades, e que sejam seguros física e emocionalmente, são importantes para a continuidade das meninas em determinada modalidade esportiva como o jiu-jitsu. Isso se dá, entre outras questões, pela

possibilidade de vivenciarem situações de violências que as deixa vulneráveis, dificultando e impedindo os acessos e as permanências no campo esportivo. (SILVA; MARTINS, 2023).

A construção de espaços seguros e inclusivos para meninas e mulheres no esporte tem relação ainda com os agentes responsáveis para tal. Como citado no estudo de SILVA e MARTINS (2023), é extremamente importante a avaliação e o treinamento dos profissionais que irão atuar nesses espaços. Um diferencial é a existência de professoras ou treinadoras. Nesses ambientes, muitas vezes tidos como constrangedores para meninas, uma referência de outras mulheres pode significar um ponto de acolhimento. Além disso, considerando um cenário de apagamento da participação de mulheres, a existência de outras mulheres é de suma importância para que elas possam enxergar potencial no esporte. Nota-se aí a importância da atuação dessas atletas enquanto treinadoras, uma das atividades profissionais exercidas pelas participantes deste presente estudo, tornando-as referências para outras mulheres continuarem na prática, sentirem-se pertencentes e poderem treinar em turmas mistas com tranquilidade.

As atletas do presente estudo não somente representam a elite do esportiva do jiu-jitsu, como também são pioneiras em ocupar espaços não antes ocupados por mulheres nesse subcampo. É o caso citado anteriormente da atleta que é empresária, proprietária de uma academia, e uma das primeiras no mundo a ter um negócio nesses moldes. Também se nota mais espaço dentro de outras modalidades esportivas de lutas como o MMA, citado por P6.

> Mulheres tiveram voz lá atrás, né? Quando eu abri minha academia há cinco anos, eu fui procurar um modelo de negócio parecido com o meu, ou seja, um homem e uma mulher sócios sem ser casados, e não tinha. (P1)

> As mulheres ocuparam um espaço muito maneiro no Jiu-Jitsu, onde só tende a crescer porque até no MMA nós estamos pegando forte. Quer dizer, você vê um monte de luta principal de duas mulheres, né? Não tinha até uns cinco anos atrás A luta das mulheres era logo no início e acabou. (P6)

Carreira, de acordo com Iellatchitch, Mayrhofer e Meyer (2003), representa os movimentos dos agentes no campo através de uma estrutura social, considerando as mudanças ao longo do tempo. É uma relação entre estrutura e ação, formada através de uma intersecção entre agente, organizações e a sociedade. A estrutura social tanto propicia quanto restringe as ações, bem como as ações reproduzem e podem vir a transformar as estruturas

sociais. Os processos de mediação entre a estrutura e as estratégias do agente é que fazem a diferença em cada tomada de decisão de carreira, ou seja, de acordo com Bourdieu, o *habitus* dos agentes vai influenciar suas escolhas. A permanência das atletas deste estudo na prática do jiu-jitsu, apesar das imposições arbitrárias direcionadas a elas, ajudou a construir um *habitus* de enfrentamento de situações adversas ao longo das carreiras. O termo *career capital*, ou capital de carreira, referente a um capital específico com valor neste campo onde ocorrem as lutas por ascensão profissional, pode estar ligado à influência que elas exercem enquanto pioneiras em certas funções relacionadas ao jiu-jitsu, uma vez que são atletas premiadas e bastante conhecidas.

A arbitragem também é uma área de atuação, com remuneração e que representa uma posição importante dentro do subcampo do jiu-jitsu.

> Quando eu comecei, ela (amiga) já era faixa preta. Ela fica brava quando eu falo isso, mas é verdade, eu que comecei tarde. E daí eu ia nos campeonatos e falava – "caraca, tem uma mulher arbitrando!". Que legal, porque é um mundo que você só vê homens, e eu ficava boba vendo ela, sabe, era uma inspiração para mim. E eu falava" caraca, essa mulher é demais". E quando eu peguei minha faixa preta eu pensei, meu, eu posso ser aquela pessoa que eu babava na faixa branca, eu preciso quebrar essa barreira. No entanto, todo evento que tem eu sempre lembro disso, eu estou indo trabalhar, ganhar meu dinheiro, mas acima de tudo eu estou indo lá representar um grupo que precisa crescer, eu estou fazendo por todas nós, não só por mim. (P4)

As treinadoras de futsal estudadas no trabalho de Pires (2021) relataram dificuldades no exercício de suas posições por questões como dúvidas sobre suas competências e desvalorização. Essas dificuldades são resultado de um exercício de violência simbólica que a partir de uma realidade dóxica considera o futsal como modalidade esportiva de reserva masculina. Assim como o futsal, o jiu-jitsu também impõe tais barreiras as atletas, heterodoxas nesse campo onde ousaram ocupar posições de prestígio, como as de árbitras.

Sobre o funcionamento das premiações em campeonatos, a atleta P5 explica o funcionamento das premiações hoje em dia, e compara ao diferente funcionamento dos países árabes, bastante consumidores do jiu-jitsu. Segundo ela, nesses países ainda existem grandes restrições para a participação de mulheres, diferente do Brasil.

> Toda categoria que tem para homens tem para mulheres, depois de um tempo iniciaram as premiações. As premiações iniciaram com um valor maior para os homens e um valor menor para as mulheres, hoje essa premiação é equivalente. Então, como eles resolveram esse problema? Eles alegavam que davam um prêmio maior para homens porque tinha muito mais homens inscritos, então gerava-se mais renda e por isso a premiação era maior. Hoje eles mudaram o formato. Hoje o formato é o seguinte: a faixa de premiação é em função da quantidade de atletas inscritos naquela categoria, independentemente de ser homem ou mulher. Se na categoria feminina o peso pena tiver 10 mulheres [competindo], a faixa de prêmio é essa [referente ao número de competidoras], se tiver cinco [atletas competindo] a faixa de prêmio diminui um pouco. No entanto a lógica é igual para homens e mulheres. Se tiver 10 homens inscritos no peso leve, a faixa [de valores das premiações] é a mesma que para as mulheres. Então, o que determina é a quantidade de atletas inscritos. Quando a gente vai para a confederação de Abu Dhabi, que é uma cidade árabe e tudo mais, aí a situação é diferente. As mulheres lá têm muito menos faixa de peso. Os homens não sei exatamente, mas vou chutar, tem 8 categorias de peso para lutar e as mulheres só têm 3. Eu por exemplo posso lutar com meninas muito mais pesadas ali. As faixas marrom e preta ainda lutam junto, embora tenha um número de atletas absurdo, poderia estar separado, mas eles ainda agregam marrom e preta na mesma categoria, e a premiação é bem menor do que dos homens. É uma das resistências que eu tenho a lutar nessa confederação. Isso me incomoda demais. (P5)

Assim, enquanto carreira, ou seja, uma atividade da qual investem para obterem um crescimento e reconhecimento na área, nota-se que, mesmo sendo atletas de elite, bastante premiadas, possuem suas fontes de renda oriundas de atividades relacionadas ao jiu-jitsu. A renda é obtida através da oferta de aulas, tanto para turmas, quanto de forma individual, e em seminários. Algumas chegam a receber patrocínios, mas são valores muito baixos ou somente troca de serviços ou produtos, como quimonos. A partir disso, constata-se que a maior parte das atletas em geral, e no caso das entrevistadas, nenhuma tem renda suficiente para que possam somente treinar e competir, caracterizando-se uma carreira dupla: atleta competidora – trabalho treinadora.

Sou *personal fight trainer* e tenho uma turma feminina de jiu-jitsu. (P3)

Olha, eu conheço poucas que vivem exclusivamente do jiu [competições]. Mesmo as grandes campeãs. [...] São poucas, ainda tem muito machismo em cima disso, mulheres liderando academias, eu noto isso por exemplo em seminários. Você pega um seminário de um homem campeão mundial, o cara vai conseguir cobrar 100 reais, 200 reais por cabeça num seminário. Eu vejo mulheres que as vezes tem muito mais títulos, não conseguir cobrar um seminário nessa faixa de preço. Tem que cobrar um valor muito menor para conseguir colocar gente dentro do seminário. Isso é uma condição para viver do jiu, então eles vivem de seminário, não só de dar aula, principalmente o atleta profissional. Ele não consegue viver de dar aula porque ele vai ter que dar tanta aula que ele não vai treinar, então de onde vem a renda ali, vem muito de seminário, de aulões e tudo mais. (P5)

É meu trabalho, é aquele negócio. E todo mundo vê os ouros, mas não vê o sofrimento, né? Então eu acordo 05h, aí eu vou dar *personal* para um padre na Tijuca, às terças, quartas, quintas e sextas. Aí, às terças e quintas, eu vou da Tijuca para Campo Grande. Eu saio da Zona Norte, para a Zona Oeste da Zona Oeste para a Zona Norte. E é nesse pequeno horário, de 14h até as 17h que eu estou na minha casa. Às 17h eu volto para a Zona Norte para na quarta feira estar na Zona Norte [...] é só na segunda feira que não acordo 05h. Acordo um pouquinho mais tarde 07h, mas de terça a sexta é correria. Eu pego minha moto, vou para lá e para cá, toda hora eu estou fazendo 1000 quilômetros, mas é uma coisa que eu gosto. (P6)

Ah hoje eu sou faixa preta! Hoje eu posso dar aula, sou 8 vezes campeã mundial, chego lá dou meu cartão, as pessoas me procuram. Eu tenho um salário dessa empresa que me patrocinou para o evento de 2019 que é a XXXXXXX. Eles são parceiros, não patrocínio. Eles entendem como patrocínio, mas é uma parceria, eu faço vídeo para eles, e eles me pagam um salário por mês. Pagam em real, mas quando eu converto para cá [dólar norte americano] não é tanto, mas é um dinheiro que eu tenho. É uma garantia, porque aqui a gente trabalha por hora, não tem um salário, entendeu? E daqui eu dou aula, faço arbitragem também porque eu fiz um

> curso de arbitragem. Então se tem eventos, eventos menores são os que pagam melhor, eles pagam tudo pra gente, hotel, combustível. Sempre tem evento aqui na Califórnia, evento de jiu-jitsu, e evento pequeno paga muito bem, então eu trabalho com jiu-jitsu. (P4)

> A minha atividade principal é essa sou dona da minha academia, professora, treinadora. E aí assim, essa parte de *coach* eu ainda não vivo disso, de ser *coach*, de ser a treinadora da equipe de competição. (P1)

A dupla carreira consiste na dedicação e investimentos de forma simultânea em pelo menos duas carreiras distintas, seja esportiva, acadêmica ou profissional (SOUZA; OLIVEIRA; MARQUES, 2023). Analisar carreira esportiva de mulheres pressupõe considerar as dinâmicas culturais que englobam as condições de acesso e permanência delas nas práticas esportivas. O campo esportivo é fortemente influenciado pelo gênero, portanto, existem desigualdades que precisam ser consideradas (MARTINS et al., 2021).

Como o exemplo do estudo de Martins et. al. (2021), no futebol, a carreira esportiva para mulheres tem remunerações e condições de trabalho inferiores aos dos homens. Por isso, para essas atletas, muitas vezes o esporte não se apresenta como viável financeiramente, fazendo com que elas depositem maiores expectativas profissionais em uma ocupação fora do esporte. No caso do jiu-jitsu, acontece o mesmo tanto para homens como para mulheres, mas com acentuação das desigualdades no que se refere à menor legitimidade da presença delas enquanto profissionais da área. As atletas deste estudo apresentam uma dupla carreira esporte-trabalho, mas com atividades relacionadas à modalidade esportiva que competem em nível de elite.

6.3.2. Migração e mudança de equipe

A migração é um assunto bastante recorrente no esporte de elite. Atletas que migram podem sofrer com dificuldades e desafios de diversas esferas, como as diferenças culturais, de idioma, hábitos alimentares dentre outras (MARQUES; MARCHI-JÚNIOR, 2021). Foi analisado no presente estudo, quais atletas migraram de suas cidades para poder treinar e

competir, bem como as barreiras e consequências que tiveram que enfrentar.

Dentre as participantes do estudo, duas precisaram mudar de cidade para treinar em equipes mais fortes. As mudanças se deram pelo local onde moravam não existir turmas que atendesses às demandas delas de treino, assim, uma das atletas migrou para a capital paulista e outra atleta migrou para Curitiba e depois Califórnia, onde está atualmente.

> Hoje eu moro em São Paulo capital mesmo treino aqui na academia que chama XXXXXX, que tem uma estrutura gigante, tem tudo, não falta nada, e inclusive o treino. Eu morava em fortaleza, comecei a treinar lá, eu peguei minha faixa preta com o mesmo professor, então eu fui graduada por ele da faixa branca até a faixa preta. Isso em fortaleza no Ceará. (P2)

> Falei pai, eu vou embora para Curitiba. Aí meu pai ficou em choque. Eu falei, vou viver meu sonho, quero ser campeã mundial, lá eles têm uma estrutura assim. meu pai falou - olha, você já é bem grandinha, você já sabe o que quer da tua vida, tua casa é aqui, teu quarto está aqui, se não der certo você volta. E eu estou fora até hoje! Desde 2018. (P4)

> Fui pra Curitiba por 3 anos, e aí eu fui campeã mundial. Em 2019 eu fiquei 4 meses aqui (Califórnia). E daí eu voltei para o Brasil e depois que eu peguei faixa preta o XXXX que é o professor daqui quis me trazer para cá. (P4)

Migração esportiva é um fenômeno social global de bastante relevância, e os estudos envolvendo esse tema são de interesse multidisciplinar (ROJO; MARQUES; STAREPRAVO, 2022). Esses estudos se propõem a compreender quais as disposições dos atletas para migrar. Esse fenômeno envolve o olhar para as relações de trabalho, cultura dentre outros pontos que são cruciais para o desenvolvimento de carreiras das atletas (MARQUES; MARCHI-JÚNIOR, 2021).

Todas as atletas deste estudo receberam em algum momento da carreira algum tipo de convite para migrar, principalmente para ministrarem aulas de Jiu-jitsu no exterior em países árabes. Vários foram os motivos para que elas não aceitassem tais convites, por exemplo uma atleta que não pôde, devido à maternidade, cancelamentos devido à pandemia

e até mesmo o grande preconceito da homossexualidade nesses países.

> Eu tive um convite uma vez. Eu não fui porque eu tinha acabado de abrir minha academia, já estava casada e minha esposa tem dois filhos. A gente não quis sacrificar nossa vida aqui. Um antigo treinador meu me convidou para morar em Anaheim, que é uma cidade próxima a Abu Dhabi, naquela região. (P1)

> Tive três convites para dar aula em Abu Dhabi, e na época não pude ir. Não pude não, foi uma escolha minha, meu filho estava com 6 meses de idade e eu teria que ir só, então foram escolhas, estar com meu filho, fazer parte da educação dele estar com ele na vida dele. E acabei de receber proposta para o Catar também, já era para o mês de abril, porém tinha que saber falar inglês fluente, e eu ainda não sei falar fluente então acabei perdendo essa oportunidade. E outra coisa que reiniciei foi o estudo de inglês, que na nossa profissão é bastante importante. (P3)

> Apareceu uma oportunidade para eu me candidatar a uma vaga em Abu Dhabi no exterior. É um lugar onde o jiu-jitsu tá fervilhando, então já apareceu uma oportunidade, um convite. Já tive também um convite de uma outra academia de São Paulo. (P5)

> Aqui no Brasil não. Eu tive durante a pandemia. Se não tivesse havido a pandemia, eu teria ido mostrar morar no Paquistão, porque eu recebi uma proposta para dar aula lá de MMA para mulheres. Mulheres do UFC, pois seria na academia do UFC no Paquistão. Eles estavam querendo uma mulher e eu acabei me infiltrando. Teve uma proposta para o Egito também, e uma para seminários e aulões em todo o mundo, Austrália, China e Estados Unidos, Europa. Então eu fiquei naquela expectativa muito grande. (P6)

Os professores de Jiu-jítsu são considerados mão-de-obra qualificada e possuem certa facilidade para trabalhar no exterior, em geral devido ao crescimento da modalidade esportiva em nível mundial. De acordo a Federação dos Emirados Árabes de Jiu-Jitsu (UAEJJF), em 1995, o Sheik Tahnoon Bin Zayed Al Nahyan, dos Emirados Árabes Unidos

(EAU), conheceu o Brazilian Jiu-Jitsu, quando estudava em San Diego. Para aprender o Jiu-jitsu, o Sheik passou a fazer parte da Academia Gracie Barra. Após seu retorno aos Emirados Árabes Unidos em 1997, fundou um clube de Jiu-jitsu em Abu Dhabi. Seu irmão mais velho, Sheik Mohammed Bin Zayed Al Nahyan, príncipe herdeiro de Abu Dhabi e vice comandante supremo das Forças Armadas dos Emirados Árabes Unidos, foi quem popularizou o esporte. Mohammed impôs que a modalidade fosse obrigatória nas escolas públicas, nas Forças Armadas e na Polícia. (PORTO; FERNANDES, 2019)

Dentre os professores contratados, um estudo mostrou um maior número de homens (57,44%) do que mulheres (42,56%), e sugeriu como hipótese para isso, o fato de o Jiu-jitsu nos Emirados Árabes Unidos não ser obrigatório nas escolas para as meninas (PORTO; FERNANDES, 2019). Esse é mais um fator que demonstra a invisibilidade das mulheres nas modalidades com prática de reserva masculina, principalmente nos países árabes, fazendo com que as atletas deste estudo não aceitassem os convites. Tanto por não estar de acordo com as diferenças de gênero, pela orientação sexual ou, como exemplificado por P3, por ter sido convidada para migrar, mas sem sua família, marido e filhos.

Uma das consequências da migração é uma possível mudança de equipe. Esse ponto é bastante relevante no subcampo do jiu-jitsu, pelo fato de ser considerado por muitos uma "traição" ao seu lugar de formação. Assim, as atletas que precisaram se submeter a alguma mudança que fosse necessária a troca de equipe, contaram como se deu o processo e se tiveram que enfrentar alguma barreira.

> Com certeza, tem aqueles da própria academia que acham que eu não deveria, tipo - foi teu professor da faixa braça até a preta, foi o cara que te estendeu a mão. Mas em nenhum momento eu fui ingrata, eu sempre valorizei meu professor, eu sempre deixei bem claro quem foi que me graduou, a faixa que eu luto tem o nome dele até hoje. E o professor daqui da XXXX ele nem liga para essas coisas. Ele falou: – valorize mesmo seu professor. (P2)

> Com certeza tem sempre aquelas pessoas que veem isso com maus olhos, mas eu acredito também que esse é um pensamento muito antigo. Eu acho que assim como qualquer emprego, poxa se tu ganhas X valor, aquela empresa te convidou para ganhar 2X tudo não vai? Só porque tu não vais

> ser fiel? Ah poxa, tu tens que buscar um crescimento. Então, como em qualquer trabalho, não existe isso, só se for doido mesmo. Então eu procurei algo melhor. E depois que muitas coisas aconteceram na minha vida, tipo, várias pessoas começaram a comentar – poxa P2, realmente você tomou a melhor decisão, parabéns. Porque não é fácil sair de lá e vir para cá sem nada, sem conhecer ninguém, tipo coisa de doido mesmo. (P2)

> Não foi uma troca muito legal porque eu era a menina dos olhos do meu mestre. Então essa saída teve uma virada de costas, não saí muito bem, ele não aceitou na época e ficamos alguns anos sem contato. Mas aí depois de tudo eu engravidei, levei minha filha de quimoninho até lá, ele pegou no colo e aí tudo ficou bem novamente. (P3)

Dentre as sanções que os (as) atletas de jiu-jitsu que quebram as regras da modalidade esportiva, tanto as escritas quanto as não escritas, mas que são compreendidas por todos, está desde uma má reputação por conduta antidesportiva até exclusão dos espaços do jiu-jitsu. Os (as) atletas que trocam sua equipe, sua academia por outros ao longo de sua trajetória, são chamados de "creontes", termo usado para atletas considerados traidores. Os (as) creontes podem ser excluídos da equipe da qual fizeram parte, e os membros da equipe podem se recusar a interagir com o atleta, mesmo que tenham sido amigos anteriormente. (RUIKEN, 2016)

No entanto, novas discussões acerca de mudança de equipe têm sido feitas, como na reportagem da revista Tatame que questionou se o termo ainda seria válido no subcampo do jiu-jitsu. A reportagem mostra que o termo vem perdendo espaço, uma vez que muitos atletas buscam a mudança para terem melhores condições de treino, por uma tentativa de profissionalização dentre outros motivos, que muitas vezes acontecem com apoio da equipe. (REVISTA TATAME, 2020)

6.3.3. Desafios ao conciliar a carreira de atleta com os estudos

O tema estudos e conciliação com a carreira de atleta foi analisado diversas vezes ao longo das entrevistas. Tanto no que concerne aos pais, que em geral exigiam que os estudos fossem levados a sério durante adolescência, como no momento atual de carreira, quando as atletas já têm a preocupação em como seguirá a carreira depois que não estiverem mais

competindo na elite.

Na maioria dos relatos surgiram diversos conflitos entre os pais, mães e as atletas no início de carreiras para uma conciliação com os estudos. Percebe-se uma valorização e sugestão da família para que não abandonassem os estudos, pela ideia de que o esporte não proporcionaria a elas um futuro profissional adequado. Muitas tiveram que terminar a faculdade obrigatoriamente, e algumas não concluíram o nível superior à época, em alguns casos tendo retomado o curso atualmente.

> Até terminar o mestrado. Era uma coisa que eu tinha com os meus pais, o combinado. O jiu-jítsu tinha que ser paralelo até eu concluir os estudos. (P1)

> Eu fiz gestão estratégica em marketing e tecnologia em logística. Fiz cursinho, cheguei a tentar UEL (Universidade de Londrina) cheguei a passar para a segunda fase da UEL em educação física [...] já tinha feito a faculdade que meu pai queria, já tinha os diplomas que ele queria e falei, eu já sou formada, já tenho um emprego, trabalho em uma empresa boa e aí eu vou fazer o que eu quiser. Foi aí que eu mergulhei no jiu-jitsu. (P4)

> Então, meus pais não me apoiavam, era bem complicado até. Eles falavam - está treinando muito, tem que estudar, tem que procurar um futuro - então na verdade teve muito atrito dentro de casa. Eles não queriam que eu parasse não, eles não queriam me obrigar a parar de treinar, mas queriam que eu estudasse muito mais do que treinasse. (P2)

Dentre as atletas que conseguiram conciliar os estudos e treinos no início da carreira, algumas relataram ser influência da família, como no caso de P1, P4 e P5. Ao se remeter aos dados sociodemográficos das atletas (quadro 1) percebe-se que a maioria dos familiares não possui ensino superior. Apenas a atleta P1, cujos pais são graduados e pós-graduados. Uma possível interpretação para este fato está no que Bourdieu chama de boa vontade cultural (BOURDIEU; PASSERON, 2008). O agente que não tem incorporadas as práticas culturais legítimas, mas sabe que existem e buscam simular a conduta legitimada. Sabe-se que algo é

bom mesmo que não se saiba por que é bom. A boa vontade cultural é a reprodução da estrutura social sendo feita por aqueles que estão em posição dominada. É a tentativa de participar do grupo dominante, no caso entendendo que os estudos é que proporcionariam melhores condições de carreiras para as filhas (BOURDIEU, 1994b). Algumas não conseguiram concluir o ensino superior, mas tiveram o incentivo dos pais e decidiram retomar atualmente, como P2 e P3.

Das atletas entrevistadas, apenas uma teve bolsa de estudos concedida por seu desempenho e participação em competições no jiu-jitsu. As demais cursaram a universidade por conta própria, seja em universidades públicas ou privadas.

> Foi através do jiu-jitsu também. Eu fazia jiu-jitsu com XXXX, né? Nessa transição toda, aí o XXXXX se juntou com a Gama Filho, que conseguiu uma bolsa de estudo para atletas na Faculdade Celso Lisboa. Aí eu estava dentro desse grupo. (P6)

Dentre as atletas entrevistadas, foi observado que aquelas que não haviam concluído os estudos (nível superior), perceberam a necessidade de um diploma que as proporcionasse uma atividade pós-carreira esportiva. As atletas entendem que o esporte de elite é bastante desgastante fisicamente e por isso precisam de uma alternativa. Dessa situação surge então o fenômeno das mulheres que são atletas de elite, profissionais do jiu-jitsu (professoras, seminaristas) e estudantes.

> Eu já sinto muitas dores e eu tenho 27 anos. E faz tempo que eu percebo que eu vou tendo mais dores, com a recuperação mais lenta. Então, eu percebi que tenho que ter uma segunda opção para ter minha renda. Eu posso trabalhar com o jiu-jitsu, mas eu quis ter uma segunda opção que tenha a ver. (P2)

> Então, a necessidade de trabalho dentro do jiu-jitsu, que aqui no Brasil não é valorizado, as pessoas levam seu trabalho como brincadeira. É o descanso delas e elas acham que não tem a obrigação de te pagar. O aluno ele paga as contas ele paga a escola ele paga a cerveja no fim de semana e você fica sempre para depois. Eu não tenho mais paciência para sofrer esse estresse

> com meu marido. Até por isso quando eu resolvi voltar para a faculdade, até porque o tanto de gente que - nossa quer ser minha *personal trainer*? Me procuram para fazer *personal trainer,* então vou voltar para esse lado. (P3)

> Eles não queriam me obrigar a parar de treinar, mas queriam que eu estudasse muito mais do que treinasse. E estava acontecendo o contrário, eu estava treinando muito, duas vezes ao dia e não estava estudando nada. Eu trabalhava também, eu tinha um emprego de carteira assinada. O tempo que eu tinha era trabalhar, ir para a academia e eu não fazia nada além disso porque eu nem tinha tempo. (P2)

A literatura sobre dupla carreira envolvendo mulheres aborda em maior proporção as questões relacionadas às dimensões esporte-escola ou esporte-trabalho. Esses estudos mostram um importante marcador, relativo ao gênero, especialmente em algumas modalidades esportivas como o futebol. Essas modalidades esportivas, principalmente quando de reserva masculina, oportunizam uma carreira para mulheres com remunerações e condições de trabalho inferiores em relação aos homens, e por esse motivo muitas vezes o esporte não se apresenta como viável financeiramente, ou como possibilidade de ascensão social. Assim, as atletas costumam depositar maiores expectativas profissionais na dupla carreira. Em geral as mulheres buscam investir mais nos estudos, e possuem competências mais desenvolvidas para o gerenciamento da dupla carreira.(MARTINS et al., 2021)

Tanto na carreira de atleta como na carreira estudantil, a literatura mostra uma necessidade de que os(as) atletas passem pelas fases de aprendizado que permitam sua inserção no mercado formal de trabalho, assim como no mercado de trabalho esportivo. Para cumprir as exigências de ambas as carreiras durante os anos de formação, o(a) atleta precisa cumprir tanto com o tempo destinado à preparação escolar quanto com o tempo necessário para os treinos. Essa é uma realidade difícil, uma vez que ambas as atividades podem ser prejudicadas pela falta de estrutura para a dupla carreira no Brasil. (MIRANDA et.al., 2018)

A carreira esportiva bem como a acadêmica demandam uma dedicação que, por serem simultâneas, podem sobrecarregar o estudante-atleta. (MAQUIAVELI et al., 2021) Estudos europeus mostram uma oferta de programas de suporte à dupla carreira, especialmente no nível de ensino superior, que visam facilitar a combinação das carreiras

acadêmica e esportiva, envolvendo apoios como tutorias, flexibilização de exames e trabalhos, parcerias entre instituições esportivas e acadêmicas, visando criar um ambiente que minimize alguns efeitos dos desafios da dupla carreira. (Mateu et al., 2019, 2020)

Ainda pouco abordado na literatura está o fenômeno observado nos relatos das atletas deste estudo, muito comum às mulheres atletas, que não uma carreira dupla, mas sim uma carreira tripla. Elas muitas vezes precisam treinar e competir na elite, trabalhar para manterem seu sustento e estudar para garantir uma atividade no pós-careira de atleta. As atletas P2, P3 relataram estar vivendo esse momento em que se dedicam às três atividades ao mesmo tempo, e as atletas P1 e P6 vivenciaram esta situação no início da carreira de atleta.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo se propôs a investigar a carreira de mulheres atletas de elite no Brasil, a partir das seguintes perguntas de pesquisa: Como se constituiu a carreira de mulheres atletas de jiu-jitsu de elite no Brasil? Quais são as barreiras e os facilitadores vivenciados por mulheres atletas de jiu-jitsu de elite em uma modalidade esportiva de reserva masculina no Brasil? As entrevistas permitiram a construção de três temas que orientaram a discussão, são eles: Entrada no subcampo do Jiu-Jitsu; Permanência na prática do Jiu-Jitsu e Construção de carreira no Jiu-Jitsu. Ligados a todos os temas foi necessário também abordar questões de gênero, de extrema importância para que se possa falar sobre a participação de mulheres no campo do esporte.

As atletas possuem capital esportivo incorporado ao longo da vida, com a experimentação de diversas modalidades, evidenciando o que Bourdieu chama de *habitus* esportivo. As disposições das atletas para a prática esportiva têm relação com as possibilidades concretas presentes tanto no incentivo da família, quanto na existência de espaços de práticas variadas para elas. Notou-se uma prática valorizada pela família, na qual havia pais e irmãos que praticavam alguma modalidade esportiva, além de também terem frequentado escolas que proporcionavam e incentivavam tal envolvimento.

Apesar do apoio para o envolvimento com o esporte, as famílias mostraram certa resistência quando a questão era seguir carreira de atleta. Essa resistência tem relação com a suposição de não haver um futuro promissor para suas filhas no Jiu-Jitsu, incentivando a

conclusão dos estudos em primeiro lugar. Bourdieu ajuda a explicar, a partir do que chama de boa vontade cultural, quando o agente que não tem incorporadas as práticas culturais legítimas, mas sabe que existem e buscam simular a conduta legitimada, no caso, a ascensão social através dos estudos, mesmo muitas vezes não tendo eles mesmos completados os seus estudos.

A competitividade foi uma característica muito enfatizada por todas as atletas, caracterizando um *habitus* esportivo que se transformou em um *habitus* competitivo. A importância que representa o vencer no campo, os títulos e a característica de competitividades são algumas das disposições das atletas para as competições que explicam o *habitus* delas.

Enquanto barreiras encontradas ao longo de suas trajetórias para se manterem competindo, é importante ressaltar todo emprenho necessário para conseguir recursos no início da carreira de atletas. A dificuldade para obter algum tipo de patrocínio financeiro foi vista ao longo de toda trajetória. No entanto, quando já consideradas atletas de elite, todas tiveram algum tipo apoio de outros profissionais nutricionistas, fisioterapeutas, treinadores e livre acesso a academias para complementação dos treinos.

Ao se estudar modalidades esportivas com prática de reserva masculina, questões de gênero precisam ser consideradas, pois representam fortes barreiras às mulheres envolvidas. Essas questões estão presentes nas situações vivenciadas pelas atletas. A partir de um olhar interseccional, essas mulheres atletas são atravessadas pelo cisheteropatricado, pela feminilidade hegemônica esperada para mulheres, além da discriminação racial e xenofóbica que podem sofrer. Nesse caso, as atletas entrevistadas neste estudo são na maioria de pele parda ou preta, e nem sempre possuem uma única forma de feminilidade esperada pela sociedade, ficando claro a existência de feminilidades, no plural. Há também uma das atletas que é imigrante, treinando nos Estados Unidos, e que sofre com questões culturais e financeiras. A atleta recebe poucos patrocínios em reais, que convertendo em dólares, não é o suficiente para sua subsistência, levando-a a fazer “bicos” como entregadora.

Foi visto também que, apesar de as entrevistadas entenderem que não viveram situações graves de violência, sabem que é muito comum no jiu-jitsu que mulheres passem por isso de diversas formas. Veem a importância de que isso seja abordado e combatido, pois os números da violência no esporte são grandes. Há casos de relatos tanto pelas atletas sobre outras pessoas, quanto na literatura, da ocorrência de violência moral, física e psicológica, impedindo que mulheres se mantenham treinando ou cheguem à faixa preta. Em

paralelo a isso, lutadoras têm se unido para discutir esses assuntos, e criar estratégias para que se possa combater essa prática. Essa é uma iniciativa que precisa ser enfatizada, pois trata-se de ações dessas mulheres visando a deslegitimação de uma violência que precisa ser banida do campo esportivo.

Quanto aos homens lutadores, há a tentativa de invalidar as técnicas das mulheres, principalmente quando estão apresentando bom desempenho ou ganhando alguma luta. Nota-se aí, que elas desafiaram um ato tido como viril, masculino, naturalizado por um mecanismo de violência simbólica, um processo de dominação. São essas atletas heterodoxas no campo esportivo as grandes responsáveis pelas mudanças estruturais nesses espaços.

As atletas entendem suas carreiras esportivas através das lentes de quem vem buscando legitimidade para o que sabem e querem fazer, que é lutar jiu-jitsu. Para isso tiveram que enfrentar diversas questões que atravessam as mulheres que ocupam espaços nesse subcampo, como o preconceito, a homofobia, o questionamento à sua forma de expressão de feminilidade muitas vezes não ser correspondente à feminilidade hegemônica, as diferenças nos valores das premiações e o fato de muitas vezes serem pioneiras, abrindo espaços antes não ocupados por outras mulheres.

Quanto as posições das atletas no subcampo do jiu-jitsu, junto às suas disposições, revelam como são as percepções e ações das atletas nesse ambiente. O capital físico e corporal foi visto como ferramenta indispensável para que as atletas adentrassem e se posicionassem nesse subcampo. A *illusio* também está muito presente nos relatos mostrando que entendem que este é um jogo que vale a pena ser jogado, e seus sacrifícios fazem sentido, mantendo-as disputando os capitais desse subcampo.

As atletas não possuem, em geral, renda suficiente para que possam somente treinar e competir, exercendo uma dupla carreira de atleta competidora – trabalho treinadora. Algo importante e que se fez presente para as atletas em algum momento de suas vidas foi o fato de precisarem se dedicar a uma carreira tripla. Muitas vezes elas precisam treinar e competir na elite, trabalhar para manterem seu sustento, e estudar para garantir uma atividade no pós-careira de atleta. Essa carreira tripla, em geral, ocorre sem condições adequadas para desenvolverem-se no esporte e garantirem seus estudos. Em geral, buscam se dividir entre essas três atividades, ou por iniciativa própria, ou dos familiares, que entendem que precisam ter algum planejamento futuro e ao mesmo tempo manterem sua subsistência enquanto ainda competem na elite.

Essas atletas, antes de alcançarem altos níveis de desempenho e competição, premiadas internacionalmente e assumirem a posição de referências para outras mulheres nesse espaço, são também facilitadoras para a entrada e continuidade de outras lutadoras no jiu-jitsu. Por serem professoras ou treinadoras, nesses locais muitas vezes tidos como constrangedores para meninas, são uma referência que pode significar um ponto de acolhimento.

O cenário atual do jiu-jitsu na percepção das atletas, evidencia uma evolução importante, pois várias mudanças sinalizadas ao longo do texto através de suas falas, representam ações heterodoxas das agentes desse subcampo. Tanto as ações delas, quanto as ações de atletas que vieram antes delas, são responsáveis pelo processo de legitimação da presença das mulheres nos tatames. A abertura desses espaços para as mulheres precisa ser considerada e ressaltada, para que seus sacrifícios sejam vistos, lembrados e que suas ações tenham continuidade pelas próximas gerações de atletas.

Por fim, esse estudo se pôde contribuir para a atuação das atletas de elite de forma a ressaltar alguns problemas enfrentados ainda na carreira profissional de atletas de elite, dando subsídios para que se possa continuar buscando mudanças nas condições para exercerem suas carreiras de atleta, professoras e estudantes. A necessidade de terem melhores condições para exercerem a dupla ou tripla carreira, é essencial para que possam se desenvolver enquanto atletas e enquanto profissionais no mercado de trabalho formal. Além disso, a compreensão de que a presença delas em espaços de arbitragem, de treinadoras e de professoras é fundamental para que outras mulheres possam continuar na modalidade esportivas. Outro ponto foram as questões de gênero que evidenciam a necessidade de banir a violência e o preconceito no tatame.

Esse estudo apresenta lacunas que ainda precisam ser contempladas em estudos posteriores, que tragam mais subsídios teóricos e práticos sobre condições concretas das melhorias nas condições para exercerem a dupla ou tripla carreira no jiu-jitsu no Brasil.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABEP - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS DE PESQUISA. Critério de classificação econômica Brasil. Critério Basil 2022, São Paulo. Retirado de <https://www.abep.org/criterio-brasil> Acesso em 26.08.2023.

ACOSTA, V.; CARPENTER, L. **Women in Intercollegiate Sport**: a longitudinal, national study, thirty-seven-year update 1977-2014, 2014. Disponível em: <www.acostacarpenter.org> Acesso em: 08 jun. 2021.

AKOTIRENE, C. Interseccionalidade. São Paulo, Sueli Carneiro, ed. Pólen, 2006.

ANDERSSON, R.; BARKER-RUCHTI, N. Career paths of Swedish top-level women soccer players. **Soccer & Society**, v.20 n.6, p.857-871, 2019.

AVIV, 2021. Disponível em: <https://avivjj.com/about-us/>acesso em 05 jun. 2021.

BARKER, D.; BARKER-RUCHTI, N.; RYNNE, S.; LEE, J. 'Just do a little more': examining expertise in high performance sport from a sociocultural learning perspective. **Reflective Practice**, v.15 n.1, p.92-105, 2014.

BARKER-RUCHTI, N.; BARKER, D.; RYNNE, S. B.; LEE, J. Learning cultures and cultural learning in high-performance sport: opportunities for sport pedagogues, **Physical Education and Sport Pedagogy**, v. 21, n.1, p.1-9, 2016.

BERNABÉ, E. G. Luta de Mulheres! Relações sociais de sexo e divisão sexual do trabalho de instrutoras de jiu-jitsu. **Trabalho & Educação**, v. 31, n. 3, p. 201–203, 24 jan. 2023.

BERNABÉ, E. G.; QUIRINO, R. **Mulheres pioneiras na prática do jiu-jitsu "Um Retrato Histórico"**. **Anais** do V Seminário Internacional Desfazendo Gênero, 22 nov. 2021.

BOURDIEU, P. The forms of capital. Em: RICHARDSON, J. (Ed.). **Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education**. Westport, CT: Greenwood: [s.n.]. p. 241–258, 1986.

_____, P. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1989.

_____. **Coisas ditas**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1990.

_____. Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, R. (Ed.). **Pierre Bourdieu.** Coleção Grandes Cientistas Sociais. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994.

_____. Gostos de classe e estilos de vida. In: ORTIZ, R. (Ed.). **Pierre Bourdieu.** Coleção Grandes Cientistas Sociais. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994b.

_____. Novas reflexões sobre a dominação masculina. In. LOPES, M, J. M.; MEYER, D. E.; WALDOW, V. R. (orgs.). **Gênero e saúde.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

_____. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

_____. Capital social. Notas provisórias. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio Mendes (orgs.). **Escritos de Educação.** Petrópolis: Vozes, 1998a.

_____. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio Mendes (orgs.). **Escritos de Educação.** Petrópolis: Vozes, 1998b.

_____, P. Conferência do prêmio Goffman: A dominação masculina revisitada. In.LINS, D. (org.). **A dominação masculina revisitada.** Campinas: Papirus, 1998c.

_____. **Os usos sociais da ciência:** por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

_____. O camponês e seu corpo. **Revista de Sociologia Política**, Curitiba, 26, p. 83-92, jun. 2006.

_____. **A distinção:** crítica social do julgamento. São Paulo: Editora EDUSP, 2007.

_____. Espaço social e espaço simbólico. In: BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas:** sobre a teoria da ação. Campinas: 11ª ed. Campinas: Papirus, 2011a. p. 13-28.

_____. **Razões práticas:** sobre a teoria da ação. 11ª ed. Campinas: Papirus, 2011b.

_____. A ilusão biográfica. In: BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas:** sobre a teoria da ação. Campinas: 11ª ed. Campinas: Papirus, 2011c. p. 74-82.

_____. **A Dominação Masculina.** Rio de Janeiro: Best Bolso, 2014b.

_____. Notas provisórias sobre a percepção social do corpo. Tradução de Ana Maria F. de Almeida. **Pro-Posições,** Campinas, v. 25, n. 1 p. 247-256, 2014b.

_____, P. Algumas propriedades dos campos. In: BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Petrópolis: Vozes, 2019a.

_____, P. Como é possível ser esportivo. In: BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Petrópolis: Vozes, 2019b.

BOURDIEU, P.; WACQUANT, L. **An invitation to reflexive sociology**. Chicago: The University of Chicago Press, 1992.

BRACHT, V. **Sociologia crítica do esporte:** uma introdução. Vitória: UFES, Centro de Educação Física e Desportos, 1997.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative research in Psychology**. V. 3, n.2, p. 77-101, 2006.

BRAUN, V.; CLARKE. Using thematic analysis in counselling and psychotherapy research: A critical reflection. **Couns. Psychother. Res**. V.18 p.107-110, 2018.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Reflecting on reflexive thematic analysis. **Qualitative Research in Sport, Exercise and Health**. v.11, n.4, p. 589-597, 2019.

BRAUN, V.; CLARKE, V. One size fits all? What counts as quality practice in (reflexive) thematic analysis?, **Qualitative Research in Psychology**, DOI: 10.1080/14780887.2020.1769238, 2020.

BRAUN, V.; CLARKE, V.; WEATE, P. Using Thematic Analysis in Sport and Exercise Research. **Routledge Handbook of Qualitative Research in Sport and Exercise**, p. 191–205, 2016.

BRASIL, Diário Oficial da União (2023), **Lei Geral do Esporte,** lei Nº 14.597, de 14 de junho de 2023, Seção 1, P. 6. Disponível em: **http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/lei/L14597.htm** Acesso em 03 de jul. 2023.

BRUCE, T. New Rules for New Times: Sportswomen and Media Representation in the Third Wave. **Sex Roles,** n.74 p.361–376, 2016.

BUENO, I. A. S.; MARCHI, JR, W. Conceitos fundamentais para leitura do campo esportivo pela perspectiva teórica bourdieusiana Rev. **Sociologias Plurais**, v. 6, n. 1, p. 8-28, 2020.

CARVALHO, M. P. O conceito de gênero: uma leitura com base nos trabalhos do GT Sociologia da Educação da ANPEd (1999-2009). **Revista Brasileira de Educação,** v. 16 n. 46, 2011.

COAKLEY, J. Sports in society: issues and controversies. 12ªed. McGrath-Hill Education, 2017.

CONNEL, R. **Gênero em termos reais**. 1. ed. São Paulo: Nversos Editora, v. 1, 2016.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JIU JITSU ESPORTIVO. Tabela de peso kimono oficial 2020, CBJJE, 2020. Disponível em <http://cbjje.com.br/gespress/uploads/2016/01/Tabela-de-Peso-GERAL-2020.pdf> Acesso em 04 jun. 2021.

Conheça a história do jiu-jtsu feminino. **VENUM**, 20 mai. 2015. Disponível em <https://venum.com.br/blog/historia-do-jiu-jitsu-feminino/> Acesso em 05 jun. 2021.

CORREA, M. O sexo da dominação: **Novos Estudos**, n.54 p. 43-53, 1999.

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Femininstas**, v. ano 10, p. 171–188, 2002.

DOHLSTENA, J.; BARKER-RUCHTI, N.; LINDGREN, E. Sustainable elite sport: Swedish athletes' voices of sustainability in athletics. **Qualitative Research in Sport, Exercise and Health**, DOI: 10.1080/2159676X.2020.1778062, 2020.

DUNNING, E. G.; SHEARD, K. G. The Rugby Football Club as a Type of "Male Preserve": Some Sociological Notes. **International Review of Sport Sociology**, v. 8, n. 3, p. 5–24, 1973.

EVANS, A.B.; PFISTER, G.U. Women in sports leadership: A systematic narrative review. **International Review for the Sociology of Sport**, p.1-26, 2020.

FERREIRA, H. J.; SALLES, J. G. C.; MOURÃO, L.; MORENO, A. A baixa representatividade de mulheres como técnicas esportivas no Brasil. **Movimento,** v.19 n.3, p. 103-124, 2013.

FERREIRA, D. As culturas do jiu-jitsu e a produção de corpos e de masculinidades "cascas - grossas". Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Lueterana do Brasil, Rio Grande do Sul - p. 118, 2016.

FIGUEIREDO, L. F. et al. Aprendendo e ensinando mulheres a lutar: práticas exemplares e reprováveis nas artes marciais. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**, v. 11, n. 2, 20 out. 2022.

GALAN, D.; GALAN, D. D. Jiu-jítsu as a method of psycho-physical training in the contemporary age. **Arena-Journal of Physical Activities**. n. 3, p. 71-82. 2014.

GOELLNER, S. V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Rev. Bras. Educ. fis. Esp,** São Paulo, v.19, n.2, p. 143-151, 2005.

GOPALDAS, A. Intersectionality. **Journal of Public Policy and Marketing**, v.32 (SPL.ISSUE), p. 90–4, 2013.

GRACIE H. **Gracie jiu-jitsu**. 1ªed. São Paulo: Gracie Publications, 2005.

HODKINSON, P.; BIESTA, G.; JAMES, D. Understanding learning culturally: Overcoming the dualism between social and individual views of learning. **Vocations and Learning**, v. 1, n. 1, p. 27-47, 2008.

HODKINSON, P.; SPARKES, A. Careership: a sociological theory of career decision making. **Br. J. Sociol. Educ**, v.18, p.29–44, 1997.

IELLATCHITCH, A.; MAYRHOFER W.; MEYER, M. Career fields: a small step towards a grand career theory? **International Journal of Human Resource Management,** v.14, n.5, p.728-750, 2003.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Abandono escolar é oito vezes maior entre jovens de famílias mais pobres,
IBGE, 06. nov. 2019. Disponível em <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/25883-abandono-escolar-e-oito-vezes-maior-entre-jovens-de-familias-mais-pobres > Acesso em 10 jun. 2021.

JONCHERAY, H; LEVEL, M.; RICHARD, R. Identity socialization and construction within the French national rugby union women's team. **International Review for the Sociology of Sport,** v.51, n.2, p.162–177, 2016.

LISE, R. S.; CAPRARO, A. M. Primórdios do jiu-jitsu e dos confrontos intermodalidades no Brasil: contestando uma memória consolidada. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, n.40 v.3 p.318-324, 2018.

LISE, R. S.; SANTOS, N.; CAVICHIOLLI, F. R.; CAPRARO, A. M. A biografia escrita por Reila Gracie e as fontes jornalísticas: revisando a história hegemônica. **Movimento**, v. 23, n.4, p. 1149-1160, 2017.

LOPES, C. Arte suave para mulheres: o que fazer pelo Jiu-Jitsu feminino no ano de 2020? Leia o artigo e opine. **Revista Tatame,** 08 jan. 2020. Disponível em: <https://tatame.com.br/2020/01/arte-suave-para-mulheres-o-que-fazer-pelo-jiu-jitsu-feminino-no-ano-de-2020-leia-o-artigo-e-opine/> Acesso em: 20 abr. 2021.

LOPES, G.S. As minas que lutam (e vencem) no tatame. **Revista TPM**, 30 nov. 2018. Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/tpm/yvone-duarte-kyra-gracie-karen-antunes-e-mikaele-damaceno-as-minas-do-jiu-jitsu-brasileiro > Acesso em: 04 mai. 2021.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação:** Uma perspectiva pós-estruturalista. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

MACHADO, M. Monique celebra crescimento do Jiu-Jitsu feminino no Dia Internacional da Mulher: 'Estamos mais profissionais'. **Revista Tatame**, 08 mar. 2019. Disponível em: <https://tatame.com.br/2019/03/monique-celebra-crescimento-do-jiu-jitsu-feminino-no-dia-internacional-da-mulher-estamos-mais-profissionais/> Acesso em: 17 jul. 2020.

Maior Campeã Da História Do Jiu-Jitsu Está De Volta Aos Tatames. **Bjjfanatics**, s.d. Disponível em <https://bjjfanatics.com.br/blogs/news/gabi-garcia-retorna-pan> Acesso em 05 jun. 2021.

MAQUIAVELI, G. et al. O desafio da dupla carreira: análise sobre os graus acadêmicos de atletas de elite do futsal feminino brasileiro. **Associacíon Latinoamericana de Estudios Socioculturales del Desporte**, v. 13, n. 1, p. 54–80, 2021.

MARIVOET, S. **Aspectos sociológicos do desporto.** 2ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2002.

MARQUES, R. F. R; ALMEIDA, M. A. B.; GUTIERREZ, G. L. Esporte: um fenômeno heterogêneo: estudo sobre o esporte e suas manifestações na sociedade contemporânea. **Movimento.** Porto Alegre, v. 13, n. 3, p.225-244, 2007.

MARQUES, R. F. R. Contribuições da Obra de Pierre Bourdieu para a Pesquisa em Sociologia do Esporte no Século XXI. In: ALMEIDA, M. A. B. de. (Org.). **Estudos Interdisciplinares em Sociologia do Esporte**. 1 ed. São Paulo: EACH, 2015, p. 9-35.

MARQUES, R.; GRAEFF, B. Análise temática reflexiva: interpretações e experiências em educação, sociologia, educação física e esporte. **MOTRICIDADES: Revista da Sociedade de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana**, v. 6, n. 2, p. 115–130, 11 set. 2022.

MARQUES, R.F.R.; MARCHI-JR.W. Migration for Work: Brazilian Futsal Players'Labor Conditions and Disposition for Mobility. **Journal of Sport and Social Issues**, n.3 v.45 p.272 - 299, 2021.

MARTINEZ-PASCUAL, B.; ALVAREZ-HARRIS, S.; FERNÁNDEZ-DE-LAS-PEÑAS, C.; PALACIOS-CEÑA, D. Maternity in Spanish Elite Sportswomen: A Qualitative Study. **Women & Health**, v.54 p.262–279, 2014.

MARTINS, M. Z. et al. As mulheres e a dupla carreira: linhas tênues entre a conciliação e o abandono esportivo. **Revista ALESDE**, v. 13, n. 1, p. 110–132, maio 2021.

MASCARIN, R. B.; OLIVEIRA, F.V.C; MARQUES, R.F.R. Feminilidade e Preconceito de Gênero no Futsal: Uma perspectiva de atletas brasileiras. **Fluxos & Riscos,** v.2 n.2 p. 83 – 96, 2017.

MATEU, P.; VILANOVA, A.; INGLÉS, E. Análisis de las características organizativas de los programas de apoyo a estudiantes-deportistas de élite en el sistema universitario de Cataluña. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, v. 24, n. 4, p. 1205, 6 jan. 2019.

MATEU, P. et al. Living Life Through Sport: The Transition of Elite Spanish Student-Athletes to a University Degree in Physical Activity and Sports Sciences. **Frontiers in Psychology**, v. 11, 23 jun. 2020.

MELO, G. F.; CIRINO, G.; RABELO, I. S.Tempo de ressignificar a vida: transição de carreira de mulheres atletas. In: RUBIO, k. (Org.). **Mulheres e esporte no Brasil: muitos papéis, uma única luta.** 1ª ed. São Paulo: Laços, 2021 p. 29 -51.

MIRANDA, I. S. DE et al. Dupla jornada no esporte de representação: o caso dos atletas da universidade de Brasília. **Temas em Educação Física Escolar**, v. 3, n. 1, p. 19, 30 out. 2018.

MUNHOZ, M. Como uma pesquisa sobre assédio nos tatames virou debate na Câmara dos Deputados. **ESPN,** 26 out 2019. Disponível em: <http://www.espn.com.br/blogs/espnw/764887_como-uma-pesquisa-sobre-assedio-nos-tatames-virou-debate-na-camara-dos-deputados > Acesso em: 03 ago. 2020.

OLIVEIRA, F.V.C.; ALTMANN, H.; MARQUES, R.F.R. The women inclusion on rugby: Perceptions of Brazilian national team players. **Motriz**, v.25, N.3, e101922, 2019.

OLIVEIRA, F. V. C; MARQUES, R. F. R. A Percepção das jogadoras da seleção brasileira de rugby sobre a entrada da modalidade nos Jogos Olímpicos: expectativa por maior valorização da modalidade. In: ALMEIDA, M. A. B. de. (Org.). **Estudos Interdisciplinares em Sociologia do Esporte**. 1ª ed. São Paulo: EACH, 2015, p. 111-121

OLIVEIRA, F.V.C.; MENEZES, R.P.; MARQUES, R.F.R.: Trajetória esportiva da seleção brasileira feminina de rugby: vivências diversificadas na infância e a especialização tardia na modalidade. In: GALATTI, L.R; SCAGLIA,A.J.; MONTAGNER, P.C.; PAES, R.R. (org.) **Desenvolvimento de treinadores e atletas. Pedagogia do esporte.** vol.1, Campinas ed. UNICAMP, 2017, p. 235 - 252.

OLIVEIRA, F. V. C. DE; RICCI, C. S.; MARQUES, R. F. R. Desafios e oportunidades para a participação no futsal escolar extracurricular: percepções de alunas do ensino médio. **Pro-Posições**, v. 33, n. July, 2022.

ONU MULHERES BRASIL. **Boas práticas de prevenção à violência contra mulheres e meninas por meio do esporte.** Brasília, 2022. Disponível em: http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2022/04/Cartilha-BoasPraticas-Unase-EsporteeJuventude-web.pdf . Acesso em: 02 ago. 2023.

PÉREZ, B. D.; GIMÉNEZ, A. R.; POSADILLO, A. Á. S. Women and competitive sport: perceived barriers to equality. **Cultura, Ciencia y Deporte**, v. 17, n. 54, p. 63–86, 1 dez. 2022.

PIRES BREILLER. Uma frente ampla para combater a violência contra crianças no esporte. Em evento no Congresso, deputados convocam entidades esportivas a unir forças pela proteção dos direitos de jovens atletas El País, 11 out. 2019. <**https://brasil.elpais.com/brasil/2019/10/09/deportes/1570652459_656528.html**>, Acesso 01 de ago. 2023.

PIRES, J. E. **Trajetórias de treinadoras de futsal universitário: o contexto da USP de Ribeirão Preto**. [s.l.] Universidade de São Paulo USP, 2021.

REDUA, Y. Ainda há espaço para o uso do termo 'creonte' dentro do Jiu-Jitsu? Lutadores e seguidores da TATAME respondem. **Revista Tatame**, 11 nov. 2020. Disponível em: <https://tatame.com.br/ainda-ha-espaco-para-o-uso-do-termo-creonte-dentro-do-jiu-jitsu-lutadores-e-seguidores-respondem/> Acesso em: 03 ago. 2023

REDUA, Y. CBJJE impulsiona Jiu-Jitsu feminino com premiações iguais às competições masculinas, e lutadora cita: 'Estamos sendo reconhecidas' **Revista Tatame**,05 abr. 2021 . Disponível em: <https://tatame.com.br/2021/04/cbjje-impulsiona-jiu-jitsu-feminino-com-premiacoes-iguais-as-competicoes-masculinas-e-lutadora-diz-estamos-sendo-reconhecidas/> Acesso em: 20 abr. 2021.

RODRIGUES, J. V. DE M. S. et al. Jiu-Jitsu Brasileiro: Notas Sobre a Transposição da Arte Marcial para o Esporte Espetáculo - Brazilian Jiu-Jitsu: Notes on the Transposition of Martial Art for Sport Spectacle. **Arquivos de Ciências do Esporte Archives of Sport Sciences**, v. 6, n. 1, p. 11–14, 2018.

ROJO, J. R.; MARQUES, R. F. R.; STAREPRAVO, F. A. A Systematic Review of Research on Sport Migration. **Migration & Diversity**, v. 1, n. 1, p. 58–74, 19 nov. 2022.

Rosângela "Zanza" Conceição. **BJJ Heroes**, s.d. Disponível em: <https://www.bjjheroes.com/bjj-fighters/rosangela-conceicao> Acesso em 05 jun. 2021.

RUBIO, K.; VELOSO, R. As mulheres no esporte brasileiro: entre os campos de enfrentamento e a jornada heroica. **Revista USP**, n. 122, p. 49-62, 2019.

RUBIO, K. Mulheres olímpicas brasileiras: entre ser e estar atleta. In: RUBIO, k. (Org.). **Mulheres e esporte no Brasil: muitos papéis, uma única luta.** 1 ed. São Paulo: Laços, 2021 p. 15 -28.

RUIKEN, B. V. **Power and Politics in Brazilian Jiu-Jitsu Teams**. Master's Thesis in Administration and Organizational Science—Bergen: UNIVERSITY OF BERGEN, 2016.

SALEM, S. Intersectionality and its discontents: Intersectionality as traveling theory. **European Journal of Women's Studies**, v.25, n.4, p.403–18, 2018.

SALVINI, L. A luta como "ofício do corpo": entre a delimitação do subcampo e a constituição do habitus do mixed martial arts em mulheres lutadoras. Tese (Doutorado em Educação Física) - Universidade Federal do Paraná - p.284, 2017.

SALVINI, L.; MARCHI JR., W. O aprendizado pelo corpo: conceitos de Pierre Bourdieu para uma leitura do futebol feminino. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, Sergipe, v.8, p.179-181, 2015.

SALVINI, L.; MARCHI JR., W. "Guerreiras de chuteiras" na luta pelo reconhecimento: relatos acerca do preconceito no futebol feminino brasileiro. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, n.30 v.2 p.303-311, 2016.

SALVINI, L.; KIOURANIS, T. S.; MARCHI JÚNIOR, W. A precisão que só têm quem "joga o jogo": o corpo como subsídio para compreensão do campo esportivo. **Esporte e Sociedade**, v. 34, p. 1–19, dez. 2021.

SALVINI, L.; MARCHI JR., W. "Guerreiras de chuteiras" na luta pelo reconhecimento: relatos acerca do preconceito no futebol feminino brasileiro. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, n.30 v.2 p.303-311, 2016.

SHERRY, E.; OSBORNE, A.; NICHOLSON, M. Images of Sports Women: A review. ***Sex Roles,*** n.74 p. 299–309, 2015.

SILVA, A. C. et al. PERCEPÇÕES DAS MULHERES DO JIU-JITSU: ENTRE ENTRAVES E AVANÇOS. **Revista Gênero**, v. 22, n. 2, p. 7–28, 2022.

SILVA, B. S.; MARTINS, M. Z. Ensinando O Esporte a Partir Do Ponto De Vista Feminista: Tensões Da Epistemologia Feminista Para a Pedagogia Do Esporte **Revista**

Corpoconsciência, v. 27, p. 1 a 16, 2023.

SÖHSTEN W. V. Artigo: Uma breve história do Jiu-Jitsu esportivo feminino. **Revista Graciemag,** 03 abr.2020. Disponível em < https://www.graciemag.com/2020/04/03/artigo-uma-breve-historia-do-jiu-jitsu-esportivo-feminino/ > Acesso em: 04 mai. 2021.

SOUZA, J.; MARCHI JR., W. Por uma sociologia reflexiva do esporte: considerações teórico-metodológicas a partir da obra de Pierre Bourdieu. **Movimento**, Porto Alegre, n.01, v.16, p.293-315, 2010.

SOUZA, I. S. DE; OLIVEIRA, M. A. DE; MARQUES, R. F. R. Entre futebol e escola: uma análise bourdieusiana sobre dupla carreira no Brasil. **Educação & Sociedade**, v. 44, 2023.

SPENCER, D. C. Habit(us), Body Techniques and Body Callusing: An Ethnography of Mixed Martial Arts. **Body & Society,** v.15, n.4, p. 119–143, 2009.

PORTO, C. S.; FERNANDES, D. M. **Perfil dos professores de brazilian jiu-jítsu mineiros e motivos que os levaram a migrar para ensinar nos Emirados Árabes Unidos**. Trabalho apresentado no XI Encontro Nacional sobre Migrações. São Paulo: 9 out. 2019.

VICENTINI, L. O desenvolvimento da participação esportiva de praticantes faixas pretas de jiu-jítsu não competidores. Dissertação (Mestrado em Atividade Física e Esporte) - Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo - p.308, 2021.

VICENTINI, L.; MARQUES, R. F. R. Formação esportiva no jiu-jitsu: generalizações e particularidades na perspectiva de atletas brasileiros de elite. **Rev Bras Educ Fís Esporte.** v.32 n.4 p.655-70, 2018a.

VICENTINI, L.; MARQUES, R. F. R. A produção científica sobre o jiu-jítsu: análise dos artigos, teses e dissertações publicados entre 1996 e 2016. **Movimento,** v. 24, n. 4, p. 1335-1352, 2018b.

VICENTINI, L.; MARQUES, R. F. R. A carreira profissional no jiu-jitsu brasileiro: A perspectiva de atletas de alto rendimento que atuam como professores. In: Leandro Paiva. (Org.). **Ciência aplicadas às artes marciais: Educação Física, Psicologia, Nutrição, Fisioterapia, Medicina, Pedagogia, Arqueologia e áreas afins.** 1ed. Manaus: OMP Editora, 2018c, v. 2, p. 122-123.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa. **Tematicas**, v. 22, n. 44, p. 203–220, 30 dez. 2014.

WACQUANT, L. Putas, escravos e garanhões: Linguagens de exploração e de acomodação entre boxeadores profissionais. **Mana**, n.6 v.2, p.127-146, 2000.

WACQUANT, L. Esclarecer o *habitus*. **Educação & Linguagem**, ano 10, n.16, p.63- 71, 2007.

WANNEBERG, P. L. The sexualization of sport: A gender analysis of Swedish elite sport from 1967 to the present day. **European Journal of Women's Studies**, n.18, v.3, p. 265–278, 2011.

Yvone Duarte: a 1ª mulher faixa preta de Jiu-Jitsu. **Revista Gaciemag**, Disponível em: <https://www.graciemag.com/academias/yvone-duarte/#:~:text=Yvone%20Magalh%C3%A3es%20Duarte%2C%20nascida%20a,Alves%2C%20em%20outubro%20de%201990.&text=Professor%20Helio%20concordou%20e%20abriu,Yvone%20foi%20campe%C3%A3.> Acesso em: 05 mai. 2021.

APÊNDICE

Roteiro da entrevista semiestruturada:

O roteiro das entrevistas semiestruturadas será aplicado para todas as participantes a partir da mesma estrutura, sendo reconfigurado com a inserção de questões durante as rodadas de análise e novas entrevistas, a partir do surgimento de categorias analíticas no decorrer da pesquisa:

Nome:_____

Data de Nascimento: _____ Cidade de Nascimento:_____

Escolaridade: _____

Escolaridade do pai:_____ Escolaridade da mãe:_____

Profissão do pai:_____Profissão da mãe:_____

1) Fale sobre sua relação com o esporte:
2) Fale sobre quando começou a praticar jiu-jitsu e quais outras modalidades esportivas também já praticou;
3) Fale sobre como foi a participação de sua família para o início e manutenção do seu envolvimento com práticas de luta;
4) Fale sobre sua formação acadêmica
5) Fale sobre sua formação em lutas;
6) Fale sobre seu trabalho
7) Fale sobre a relação do mesmo com o Jiu-jítsu;
8) Fale sobre como foi o início e sua forma de engajamento em competições;
9) Fale sobre as formas de apoio ou patrocínio que tenha recebido durante sua carreira no jiu-jitsu;
10) Fale sobre mudança de cidade para investir em sua carreira esportiva;
11) Fale sobre como é a participação das mulheres nos campeonatos;
12) Fale sobre como é a participação das mulheres nos treinos;
13) Fale sobre as relações entre os praticantes de jiu-jitsu dentro e fora do Tatame;
14) Fale sobre espaço no esporte de elite para lutadoras mulheres;
15) Como você percebe a possibilidade de crescimento na carreira para homens e mulheres no Jiu-jítsu;

16) Como você percebe o tratamento das pessoas por você ser lutadora, dentro e fora do ambiente de treino;
17)
18) Existe algo mais que eu não tenha abordado e que você queira falar?

ANEXOS

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: MULHERES NO JIU-JITSU: PERCEPÇÕES DE ATLETAS DE ELITE SOBRE CARREIRA ESPORTIVA

Pesquisador: Renato Francisco Rodrigues Marques

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 40632420.1.0000.5659

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE DE SAO PAULO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.512.855

Apresentação do Projeto:

O Jiu-Jitsu é uma arte marcial de combate corporal em curta distância, com destaque para técnicas de projeção, imobilizações, estrangulamentos e
torções articulares. É considerada uma modalidade esportiva majoritariamente amadora no Brasil tanto para homens quanto para mulheres. A
carreira de uma atleta sofre a influência de inúmeros fatores sociais e olhar as mulheres no campo esportivo é importante pela ótica de uma história
de protagonismo tornado invisível por um projeto político de esporte dominado por homens. Assim, torna-se necessária a investigação das variáveis
relacionadas à prática e aos aspectos socioculturais envolvidos na carreira esportiva de atletas mulheres até que se chegue ao nível de elite nesta
modalidade esportiva. A pergunta central deste estudo é: Como se constituiu a carreira de mulheres atletas de Jiu-Jitsu em nível de elite? O objetivo
é investigar como se constituiu a carreira esportiva de mulheres atletas de Jiu-Jitsu de elite no Brasil, a partir de suas próprias perspectivas. Como
métodos, o estudo enquadra-se em uma abordagem qualitativa de pesquisa, baseada em análise temática reflexiva sobre entrevistas
semiestruturadas, com mulheres atletas que atuam no Jiu-Jitsu de elite no Brasil. A análise dos dados será baseada nas categorias sociológicas da

obra do sociólogo Pierre Bourdieu, especialmente direcionadas para interpretações e reflexões relacionadas ao esporte, carreira, profissionalismo e
mulheres no esporte.

Objetivo da Pesquisa:

O objetivo central deste projeto de pesquisa é investigar como se constituiu a carreira esportiva de mulheres atletas de jiu-jitsu de elite no Brasil, a
partir de suas próprias perspectivas.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

A pesquisa proposta neste projeto não apresenta nenhum risco previsto aos participantes, pois se baseia em realização de entrevista
semiestruturada sobre carreira esportiva de mulheres atletas de jiu-jitsu de elite no Brasil. A intervenção não se caracteriza como invasiva ou como
potencial desencadeador de problemas psicológicos ou sociais. De toda maneira, caso alguma pergunta da entrevista venha causar algum
desconforto nas participantes, será garantido o direito de retirada do consentimento para responder a qualquer questão, ou até interromper a
entrevista. Além disso, a entrevistadora tem formação acadêmica em psicologia, com experiência e habilitação profissional que a possibilitam
oferecer suporte psicológico no caso de alguma necessidade das participantes.

Benefícios:

Os benefícios às participantes deste estudo são relativos à promoção de reflexão sobre prática, carreira e gênero na modalidade esportiva estudada.

Os resultados, além de contribuir para a literatura sobre carreira de mulheres no esporte, poderão indicar possibilidades de melhorias quanto às suas
formas de atuação e consequente promoção de transformações sociais referentes a estas questões.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Este projeto utiliza-se de entrevista como método de coleta de informações da amostra estudada (atletas do sexo feminino de uma modalidade de luta). Em função do método de estudo

empregado e das características da amostra, sua execução não impõe riscos tangíveis à integridade física, psíquica e social dos participantes.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos e documentos de apresentação obrigatória foram apresentados e há a análise deles indica que há somente uma incongruência que precisa ser sanada: cronograma de pesquisa no "PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS" prevê 5 etapas e um período total de ~13 meses, enquanto que no Projeto de Pesquisa (pág. 19), o cronograma possui 7 etapas distribuídas ao longo de 9 semestres.

Recomendações:

Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto avaliado está adequadamente delineado e justificado, além de não impor riscos tangíveis aos participantes. Há somente uma inadequação no cronograma de pesquisa que poderá ser fácil e rapidamente sanada: cronograma de pesquisa no "PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS" prevê 5 etapas e um período total de ~13 meses, enquanto que no Projeto de Pesquisa (pág. 19), o cronograma possui 7 etapas distribuídas ao longo de 9 semestres.

Considerações Finais a critério do CEP:

- Sugerimos elaborar carta resposta e destacar as alterações realizadas nas novas versões dos documentos (TCLE, projeto de pesquisa e termo de assentimento). Não deletar as versões anteriores dos documentos. Além disso, fazer as alterações correspondentes no formulário da Plataforma Brasil;

- Destacar as alterações realizadas nos documentos para que elas sejam mais facilmente identificadas pelo CEP;

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1660846.pdf	02/12/2020 12:04:12		Aceito

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_mulheres_JJ_02dez20.pdf	02/12/2020 12:03:54	Renato Francisco Rodrigues Marques	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_CEP_mulheres_JJ_02dez2020.pdf	02/12/2020 10:17:29	Renato Francisco Rodrigues Marques	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto_assinada_23_11_2020.pdf	23/11/2020 12:25:26	Renato Francisco Rodrigues Marques	Aceito

Situação do Parecer:
Pendente

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

RIBEIRAO PRETO, 27 de Janeiro de 2021

Assinado por:
JONATAS EVANDRO NOGUEIRA
(Coordenador(a))

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: MULHERES NO JIU-JITSU: PERCEPÇÕES DE ATLETAS DE ELITE SOBRE CARREIRA ESPORTIVA

Pesquisador: Renato Francisco Rodrigues Marques

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 40632420.1.0000.5659

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE DE SAO PAULO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.514.066

Apresentação do Projeto:

Vide parecer anterior.

Objetivo da Pesquisa:

Vide parecer anterior.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Vide parecer anterior.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Vide parecer anterior.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Vide parecer anterior.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Vide parecer anterior.

Considerações Finais a critério do CEP:

O projeto encontra-se APROVADO para execução. Pedimos atenção aos seguintes itens:

1) Eventuais emendas (modificações) ao protocolo devem ser apresentadas, com justificativa, ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada. Neste caso, o

pesquisador deve aguardar nova aprovação do CEP para realizar os procedimentos de acordo com as mudanças solicitadas;

2) Sobre o TCLE: caso o termo tenha DUAS páginas ou mais, lembramos que no momento da sua assinatura, tanto o participante da pesquisa (ou seu representante legal) quanto o pesquisador responsável deverão RUBRICAR todas as folhas, colocando as assinaturas na última página;

3) O participante da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado (Res. CNS n.º 196/96 – Item IV.1.f) e deve receber uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, na íntegra, por ele assinado (Item IV.2.d).;

4) O pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado e descontinuar o estudo somente após análise das razões da descontinuidade pelo CEP que o aprovou (Res. CNS Item III.3.z), aguardando seu parecer, exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao sujeito participante ou quando constatar a superioridade de regime oferecido a um dos grupos da pesquisa (Item V.3) que requeiram ação imediata;

5) O CEP deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo (Res. CNS Item V.4). É papel do pesquisador assegurar medidas imediatas adequadas frente a evento adverso grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro) e enviar notificação ao CEP e à Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), junto com seu posicionamento;

6) Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas. Em caso de projetos do Grupo I ou II apresentados anteriormente à Anvisa, o pesquisador ou patrocinador deve enviá-las também à mesma, junto com o parecer aprovatório do CEP, para serem juntadas ao protocolo inicial (Res. n.º 251/97, item III.2.e).

• Relatórios parciais e final devem ser apresentados ao CEP, inicialmente em 28/01/2021 e ao término do estudo.

Continuação do Parecer: 4.514.066

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1660846.pdf	28/01/2021 08:59:00		Aceito
Outros	Carta_resposta.pdf	28/01/2021 08:58:45	Renato Francisco Rodrigues Marques	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_mulheres_JJ_02dez20.pdf	02/12/2020 12:03:54	Renato Francisco Rodrigues Marques	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_CEP_mulheres_JJ_02dez2020.pdf	02/12/2020 10:17:29	Renato Francisco Rodrigues Marques	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto_assinada_23_11_2020.pdf	23/11/2020 12:25:26	Renato Francisco Rodrigues Marques	Aceito

Situação do Parecer:
Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

RIBEIRAO PRETO, 28 de Janeiro de 2021

Assinado por:
JONATAS EVANDRO NOGUEIRA
(Coordenador(a))

Endereço: Avenida Bandeirantes, 3900
Bairro: VILA MONTE ALEGRE **CEP:** 14.040-907
UF: SP **Município:** RIBEIRAO PRETO
Telefone: (16)3315-0494 **E-mail:** cep90@usp.br

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DA EMENDA

Título da Pesquisa: MULHERES NO JIU-JITSU: PERCEPÇÕES DE ATLETAS DE ELITE SOBRE CARREIRA ESPORTIVA

Pesquisador: Renato Francisco Rodrigues Marques

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 40632420.1.0000.5659

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE DE SAO PAULO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.121.240

Apresentação do Projeto:

Trata-se de uma solicitação para inclusão, em forma de emenda, da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas como entidade coparticipante do Projeto.

Objetivo da Pesquisa:

Vide parecer anterior

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Vide parecer anterior

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Vide parecer anterior

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

A carta de Anuência da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas como entidade coparticipante foi apresentada.

Recomendações:

Não há

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Aprovado

Considerações Finais a critério do CEP:

O projeto encontra-se APROVADO para execução. Pedimos atenção aos seguintes itens:

1) Eventuais emendas (modificações) ao protocolo devem ser apresentadas, com justificativa, ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada. Neste caso, o pesquisador deve aguardar nova aprovação do CEP para realizar os procedimentos de acordo com as mudanças solicitadas;

2) Sobre o TCLE: caso o termo tenha DUAS páginas ou mais, lembramos que no momento da sua assinatura, tanto o participante da pesquisa (ou seu representante legal) quanto o pesquisador responsável deverão RUBRICAR todas as folhas, colocando as assinaturas na última página;

3) Garantir que nos momentos de atividade física sempre haja pelo menos um membro da equipe de pesquisa em contato com o participante apto a prestar os socorros de urgência, inclusive massagem cardíaca e uso do DEA, caso necessário.

4) Excluir os destaques em cores diferentes nos termos obrigatórios antes de apresenta-los aos participantes da pesquisa;

5) O participante da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado (Res. CNS n.º Resolução 466/2012) e deve receber uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, na íntegra, por ele assinado (Item IV.2.d).;

6) O pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado e descontinuar o estudo somente após análise das razões da descontinuidade pelo CEP que o aprovou (Res. CNS Item III.3.z), aguardando seu parecer, exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao sujeito participante ou quando constatar a superioridade de regime oferecido a um dos grupos da pesquisa (Item V.3) que requeiram ação imediata;

7) O CEP deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo (Res. CNS Item V.4). É papel do pesquisador assegurar medidas imediatas

Endereço: Avenida Bandeirantes, 3900
Bairro: VILA MONTE ALEGRE **CEP:** 14.040-907
UF: SP **Município:** RIBEIRAO PRETO
Telefone: (16)3315-0494 **E-mail:** cep90@usp.br

adequadas frente a evento adverso grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro) e enviar notificação ao CEP e à Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), junto com seu posicionamento;

8) Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas. Em caso de projetos do Grupo I ou II apresentados anteriormente à Anvisa, o pesquisador ou patrocinador deve enviá-las também à mesma, junto com o parecer aprobatório do CEP, para serem juntadas ao protocolo inicial (Res. n.º 251/97, item III.2.e).

9) Recomenda-se o atendimento da lei estadual (SP) 16.724, de 22 de maio de 2018, acerca de aplicação de Questionário de Prontidão para Atividade Física (PAR-Q) e/ou outras providências.

10) Considerando a situação atual da Covid-19/isolamento social, caso o projeto necessite iniciar suas atividades presenciais com os participantes dentro da situação supracitada, é importante que os pesquisadores consultem as orientações da Universidade sobre o assunto, bem como comunicar à direção da EEFERP-USP.

11) Relatórios parciais e final devem ser apresentados ao CEP, sucessivamente,
até 23/11/2022 e ao término do estudo.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_1855789_E1.pdf	18/11/2021 16:29:48		Aceito
Outros	Carta_emenda.pdf	18/11/2021 16:29:20	Renato Francisco Rodrigues Marques	Aceito
Declaração de concordância	Anuencia.pdf	18/11/2021 16:23:30	Renato Francisco Rodrigues Marques	Aceito
Outros	Carta_resposta.pdf	28/01/2021 08:58:45	Renato Francisco Rodrigues Marques	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de	TCLE_mulheres_JJ_02dez20.pdf	02/12/2020 12:03:54	Renato Francisco Rodrigues Marques	Aceito

Ausência	TCLE_mulheres_JJ_02dez20.pdf	02/12/2020 12:03:54	Renato Francisco Rodrigues Marques	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_CEP_mulheres_JJ_02dez2020.pdf	02/12/2020 10:17:29	Renato Francisco Rodrigues Marques	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto_assinada_23_11_2020.pdf	23/11/2020 12:25:26	Renato Francisco Rodrigues Marques	Aceito

Situação do Parecer:
Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

RIBEIRAO PRETO, 23 de Novembro de 2021

Assinado por:
JONATAS EVANDRO NOGUEIRA
(Coordenador(a))

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DA EMENDA

Título da Pesquisa: MULHERES NO JIU-JITSU: PERCEPÇÕES DE ATLETAS DE ELITE SOBRE CARREIRA ESPORTIVA

Pesquisador: Renato Francisco Rodrigues Marques

Área Temática:

Versão: 4

CAAE: 40632420.1.0000.5659

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE DE SAO PAULO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.321.955

Apresentação do Projeto:

A última emenda solicitou a inclusão da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas como entidade coparticipante do Projeto. Após a aprovação desse CEP, a Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas também aprovou o projeto e agora retornou novamente para termos ciência disso.

Objetivo da Pesquisa:

Vide parecer anterior.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Vide parecer anterior.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Vide parecer anterior.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Vide parecer anterior.

Recomendações:

Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Aprovado

Endereço: Avenida Bandeirantes, 3900
Bairro: VILA MONTE ALEGRE **CEP:** 14.040-907
UF: SP **Município:** RIBEIRAO PRETO
Telefone: (16)3315-0494 **E-mail:** cep90@usp.br

Considerações Finais a critério do CEP:
O projeto encontra-se APROVADO para execução. Pedimos atenção aos seguintes itens:

1) Eventuais emendas (modificações) ao protocolo devem ser apresentadas, com justificativa, ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada. Neste caso, o pesquisador deve aguardar nova aprovação do CEP para realizar os procedimentos de acordo com as mudanças solicitadas;

2) Sobre o TCLE: caso o termo tenha DUAS páginas ou mais, lembramos que no momento da sua assinatura, tanto o participante da pesquisa (ou seu representante legal) quanto o pesquisador responsável deverão RUBRICAR todas as folhas, colocando as assinaturas na última página;

3) Garantir que nos momentos de atividade física sempre haja pelo menos um membro da equipe de pesquisa em contato com o participante apto a prestar os socorros de urgência, inclusive ressuscitação cardiopulmonar e uso do DEA, caso necessário.

4) Excluir os destaques em cores diferentes nos termos obrigatórios antes de apresenta-los aos participantes da pesquisa;

5) O participante da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado (Res. CNS n.º Resolução 466/2012) e deve receber uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, na íntegra, por ele assinado (Item IV.2.d).;

6) O pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado e descontinuar o estudo somente após análise das razões da descontinuidade pelo CEP que o aprovou (Res. CNS Item III.3.z), aguardando seu parecer, exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao sujeito participante ou quando constatar a superioridade de regime oferecido a um dos grupos da pesquisa (Item V.3) que requeiram ação imediata;

7) O CEP deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo (Res. CNS Item V.4). É papel do pesquisador assegurar medidas imediatas adequadas frente a evento adverso grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro) e

enviar notificação ao CEP e à Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), junto com seu posicionamento;

8) Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas. Em caso de projetos do Grupo I ou II apresentados anteriormente à Anvisa, o pesquisador ou patrocinador deve enviá-las também à mesma, junto com o parecer aprobatório do CEP, para serem juntadas ao protocolo inicial (Res. n.º 251/97, item III.2.e).

9) Recomenda-se o atendimento da lei estadual (SP) 16.724, de 22 de maio de 2018, acerca de aplicação de Questionário de Prontidão para Atividade Física (PAR-Q) e/ou outras providências.

10) Considerando a situação atual da Covid-19/isolamento social, caso o projeto necessite iniciar suas atividades presenciais com os participantes dentro da situação supracitada, é importante que os pesquisadores consultem as orientações da Universidade sobre o assunto, bem como comunicar à direção da EEFERP-USP.

11) Relatórios parciais e final devem ser apresentados ao CEP, sucessivamente,
até 30/03/2023 e ao término do estudo.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_1875643_E2.pdf	08/03/2022 18:31:41		Aceito
Outros	Carta_emenda.pdf	18/11/2021 16:29:20	Renato Francisco Rodrigues Marques	Aceito
Declaração de concordância	Anuencia.pdf	18/11/2021 16:23:30	Renato Francisco Rodrigues Marques	Aceito
Outros	Carta_resposta.pdf	28/01/2021 08:58:45	Renato Francisco Rodrigues Marques	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_mulheres_JJ_02dez20.pdf	02/12/2020 12:03:54	Renato Francisco Rodrigues Marques	Aceito

Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_CEP_mulheres_JJ_02dez2020.pdf	02/12/2020 10:17:29	Renato Francisco Rodrigues Marques	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto_assinada_23_11_2020.pdf	23/11/2020 12:25:26	Renato Francisco Rodrigues Marques	Aceito

Situação do Parecer:
Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

RIBEIRAO PRETO, 30 de Março de 2022

Assinado por:
JONATAS EVANDRO NOGUEIRA
(Coordenador(a))